

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL**

ISMAEL PAULO CARDOSO ALVES

**A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA:
ENCENAÇÃO, ESTRATÉGIAS E MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO**

TERESINA – PI

2018

ISMAEL PAULO CARDOSO ALVES

**A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA:
ENCENAÇÃO, ESTRATÉGIAS E MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGL/UFPI).

Área de Concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Texto, discurso e gênero como práticas sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Benvindo de Moura.

TERESINA – PI

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

A474r Alves, Ismael Paulo Cardoso.
 A representação do autismo na mídia : encenação, estratégias
 e modos de organização do discurso / Ismael Paulo Cardoso
 Alves. – 2018.
 115 f.

 Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do
 Piauí, Teresina, 2018.
 “Orientador: Prof. Dr. João Benvindo de Moura”.

 1. Discurso. 2. Autismo. 3. Mídia. I. Título.

CDD 410

ISMAEL PAULO CARDOSO ALVES

**A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA:
ENCENAÇÃO, ESTRATÉGIAS E MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGL/UFPI).

Área de Concentração: Linguística.

Aprovado (a) em 31/08/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Benvindo de Moura
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Presidente

Profa. Dra. Maraísa Lopes
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Membro interno

Prof. Dr. Rony Peterson Gomes do Vale
Universidade Federal de Viçosa – UFV
Membro externo

*Dedico este trabalho de pesquisa
a todas as pessoas que contribuíram
para que eu chegasse até aqui
e ao meu filho, Bernardo Caio,
que é, sem dúvida,
o grande amor da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, ao professor doutor João Benvindo de Moura pelo modo como conduziu toda a orientação. Benvindo foi, em todo esse ínterim, um educador, um mestre e um amigo. Sem a sua predisposição natural a ajudar o próximo e o seu esforço contínuo de motivação, eu, provavelmente, não teria concluído essa dissertação e teria desistido da pós-graduação, deixando para outra oportunidade (sabe-se lá quando e se haveria). Aprendi com você, meu amigo, teoria e humanidade; coisas que levarei comigo com imensa ternura e a pretensão de compartilhar, ou melhor, semear as suas lições de dedicação, fé e vida daqui para a frente. Para mim, você é e será sempre um modelo.

Aos meus pais, Francisca Dionísio Cardoso e Pedro Alves de Sousa, cada vez mais, pela dedicação amorosa sem limites e pelo investimento material e motivacional em educação. Isso, sem dúvida, fez e faz toda a diferença em minha vida. Hoje, como pai e companheiro, sei da abdicação e do esforço contínuo por uma família. Um dia, espero retribuir todo esse amor e toda essa dedicação. Amo muito vocês.

À minha esposa pela sua força, compreensão e ajuda. Sem ela, eu, provavelmente, teria desistido da pós-graduação, deixando para outra oportunidade (sabe-se lá quando e se haveria). Admiro muito as suas inteligência e garra. Você é um porto-seguro para mim, cais onde desnudo tantos pensamentos, sentimentos e vontades (nem sempre sendo justo).

A todas as pessoas que me motivaram a fazer o mestrado e dividiram comigo as benesses e agruras da pós-graduação: professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPI, colegas (e amigos) do mestrado, colegas (e amigos) de trabalho, alunos, amigos e familiares.

Ao meu filho, por existir. A sua existência, para mim, Bernardo Caio, basta. É um incentivo, um estímulo, motivos de orgulho e de gratidão.

Às bancas de avaliação das minhas qualificação e defesa de dissertação pela disposição em participar de um momento tão importante e significativo na minha vida. Peço desculpas se não pude fazer melhor. Tentei. A vocês, eu prometo estar atento a todas as observações e orientações, e me esforçar para atendê-las, porque sei que têm como intuito contribuir para a qualidade dos meus conhecimento e trabalho.

E, para finalizar, a Deus, por me oportunizar experienciar tudo isso. Acredito, no meu íntimo, que Deus é assim.

A todos, novamente, o meu muito obrigado.

*“Eu quase não posso esperar
Para te ver mais velho
Mas eu acho que vamos ter que ser pacientes
Porque o caminho é longo
E é uma vida dura para vencer
Sim, é um caminho longo
Mas, enquanto isso...”*

(Trecho traduzido com adaptações da música *Beautiful Boy*, do John Lennon)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos sobre o autismo veiculados pela revista Superinteressante nas últimas duas décadas. Nosso foco foi sobre o dispositivo de encenação da linguagem, as estratégias de persuasão e os modos de organização do discurso. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa que teve como *corpus* inicial quinze matérias publicadas pela revista supracitada no período de 2000 a 2017. Para efeito de análise, selecionamos três delas: “Em que planeta você mora?”, “Autismo – ilhados em seu próprio mundo” e “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, publicadas nos anos de 2000, 2012 e 2017, respectivamente. Nossa principal base teórica foi a Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2001; 2014; 2015). Também recorremos a teóricos contemporâneos, tais como: Maingueneau (2008; 2015), Emediato (2007) e Machado (2006; 2013), dentre outros. No decorrer da nossa análise, identificamos os sujeitos que compõem o dispositivo de encenação da linguagem midiática da Superinteressante, os modos de organização do discurso enunciativo, descritivo e narrativo, mais as estratégias de legitimidade, de credibilidade e de captação das matérias supracitadas. Concluímos que a revista Superinteressante faz uso das estratégias de legitimidade e de captação para garantir o consumo dos seus produtos (por meio da compra das edições impressas, do acesso ao site e da leitura das suas matérias) em meio a um mercado jornalístico amplo e concorrido.

Palavras-chave: Discurso. Autismo. Mídia.

ABSTRACT

This Master's Thesis aims to analyze discourses about autism published by Superinteressante magazine in the last two decades. Our focus was on the language staging device, the persuasion strategies and the discourse organization modes. It is a qualitative and interpretative research that had as initial corpus fifteen articles published by the magazine mentioned above, in the period from 2000 to 2017. For the purpose of analysis, we selected three of them: “Em que planeta você mora?”, “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, and “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, published in 2000, 2012, and 2017, respectively. Our main theoretical basis was the Semiolinguistic Theory by Charaudeau (2001, 2014, 2015). We also resorted to studies by Maingueneau (2008, 2015), Emediato (2007) and Machado (2006, 2013), among others. In the course of our analysis, we identified the subjects that compose the staging device of mediatic language of the Superinteressante magazine, the organization modes of enunciative, descriptive and narrative discourse, as well as the legitimacy, credibility and capture strategies of the above mentioned subjects. We conclude that the Superinteressante magazine use the legitimacy and credibility strategies to guarantee the consumption of its products (through the purchase of printed editions, the access to the site and the reading of its subjects) in the midst of a broad and competitive journalistic market .

Keywords: Discourse. Autism. Media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A ANÁLISE DO DISCURSO E A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA	12
1.1 Uma teoria dos sujeitos da linguagem	12
1.2 O dispositivo de encenação e o ato de linguagem	16
1.3 Os modos de organização do discurso	20
1.3.1 O modo de organização enunciativo	23
1.3.2 O modo de organização descritivo	26
1.3.3 O modo de organização narrativo	29
1.4 O contrato de comunicação midiático	33
1.5 As estratégias de legitimidade, credibilidade e captação	36
2. METODOLOGIA	46
3. OS DISCURSOS SOBRE O AUTISMO NA MÍDIA	48
3.1 Os discursos etiológicos sobre o autismo	48
3.2 A revista Superinteressante e as circunstâncias de discurso	53
3.3 Quem fala a quem? Os sujeitos superinteressantes	56
3.4 A Superinteressante e os componentes e procedimentos da construção enunciativa	58
3.5 Organizando o discurso a partir da descrição	62
3.6 A narração enquanto modalidade de organização do discurso	67
3.7 A construção da legitimidade	70
3.8 A busca da credibilidade	73
3.9 Evocando as estratégias de captação	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	101
ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

Com o advento dos estudos sobre discurso, a linguagem deixou de ser vista apenas como instrumento externo de comunicação e de transmissão de informação, para ser vista como uma prática discursiva entre os protagonistas dos discursos. As formas da língua oferecem-se aos falantes como virtualidades, que poderão ser postas em ação quando forem agenciadas nos atos de enunciação, o que equivale a dizer que, sem essas formas, a língua é apenas uma possibilidade.

Entre os discursos que circulam na sociedade contemporânea estão aqueles que abordam a temática do autismo. Trata-se de um transtorno que afeta, em maior ou menor grau, o desenvolvimento psicomotor de crianças, jovens e adultos no mundo. Em nosso país, estima-se que existam 2 milhões de autistas não diagnosticados. Esse dado se baseia em uma pesquisa norte-americana feita em 2010 e divulgada em 2014 pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC).

Infelizmente, ainda não se descobriu as causas do transtorno: se ambiental, comportamental ou genético. Todavia, nos últimos anos, tem crescido o número de pesquisas científicas sobre o tema, que buscam oferecer não só respostas sobre sua etiologia como também tratamentos adequados para o desenvolvimento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Em meio a isso, o jornalismo brasileiro, como veículo difusor de informações, tem exercido um papel importante na divulgação de matérias sobre o autismo: o que é, características típicas, novas formas de tratamento, descobertas na área da Ciência... etc. Tendo em vista isso, em nosso trabalho, nos propomos a analisar, discursivamente, matérias publicadas pela revista Superinteressante sobre o transtorno. Mais especificamente, buscamos desvelar o dispositivo de encenação da linguagem, identificando e analisando as estratégias adotadas pela revista para garantir a adesão do público-leitor, bem como, analisar os modos de organização do discurso.

Para tornar isso possível, adotamos alguns postulados advindos da Teoria Semiollingüística de Charaudeau (2014; 2015), são eles: dispositivo de encenação da linguagem, estratégias discursivas e modos de organização do discurso, que nos possibilitaram analisar, discursivamente, matérias publicadas pela mídia jornalística, principalmente no que tange nosso interesse, visto que o autor dispõe de um material voltado especificamente para o tema, no livro “Discurso das mídias”.

Como bem afirma o autor, nessa obra, a mídia:

(...) se acha numa tensão entre duas visadas (...): uma visada de *fazer saber*, ou visada de informação propriamente dita (...); uma visada de *fazer sentir*, ou visada de captação, que tende a produzir um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: captar as massas para sobreviver à concorrência. (CHARAUDEAU, 2015, p. 86, grifos do autor)

Se a primeira visada é o que se espera claramente da mídia jornalística, a mesma não se pode dizer da segunda, visto que é grande o risco de isso não ser bem visto pelo público-leitor, que avalia a credibilidade das informações, o que reverbera, em maior ou menor grau, na legitimidade da instância midiática. Contudo, trabalhos como o de Emediato (2010), mostram como a mídia jornalística se vale das estratégias de captação em suas matérias, objetivo também de nosso trabalho.

Nosso trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro, procuramos mostrar o papel e as bases da Teoria Semiolinguística, no bojo de um campo de estudos muito mais abrangente que é a Análise do discurso. Para tanto, apresentamos, dentro deste arcabouço teórico, as concepções de discurso, ato de linguagem, dispositivo de encenação, modos de organização do discurso, contrato de comunicação e estratégias discursivas.

No capítulo dois, fizemos um breve apanhado da nossa proposta metodológica, explicitando o tipo de pesquisa, a escolha e a delimitação do corpus, bem como o tratamento dispensado ao mesmo.

Por fim, no capítulo três, realizamos a análise de três matérias veiculadas pela revista Superinteressante entre os anos de 2000 e 2017. Iniciamos por situar os discursos sobre o autismo na sociedade contemporânea, mostrando, em seguida, as circunstâncias sob as quais foram produzidos os discursos da revista e apresentando, por último, os modos de organização desses discursos, bem como, as estratégias discursivas mobilizadas pelos sujeitos.

Acreditamos que estamos oferecendo uma contribuição importante para os estudos do discurso, especificamente no campo dos discursos midiáticos, abordando uma temática por demais debatida em nosso meio: o autismo.

1. A ANÁLISE DO DISCURSO E A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

1.1. Uma teoria dos sujeitos da linguagem

Os estudos no campo da Análise do Discurso têm evoluído bastante desde a consolidação dessa disciplina nos anos de 1960, a partir dos trabalhos de Jean Dubois e Michel Pêcheux. Nos últimos 50 anos, algumas fases foram transpostas e muitos conceitos se modificaram, dentre eles, as noções de sujeito, condições de produção, formações discursivas etc.

Neste trabalho, adotaremos como perspectiva teórica a Semiologia, criada pelo linguista francês contemporâneo Patrick Charaudeau, na década de 1980. Com base em Moura (2012), podemos afirmar que se trata de uma teoria moderna originária da Análise do Discurso Francesa (ADF), que tem como proposta uma abordagem psicossocial da linguagem, considerando as intencionalidades do sujeito, com vistas a oferecer, para os estudiosos desse campo, subsídios para a análise de discursos diversos, dando ênfase, no entanto, para o discurso midiático, objeto da nossa análise. Para isso, dispõe de conceitos e de métodos próprios de análise, que propiciam ao analista identificar as circunstâncias sob as quais um determinado discurso foi produzido, bem como, os sentidos que dele emanam.

De acordo com Charaudeau (2014; 2016), a Teoria Semiológica, doravante TS, é um campo, ao mesmo tempo, teórico e metodológico da ADF que integra duas antinomias, a saber, “do que” e “como” nos fala a linguagem. Para que possamos compreender bem o que o autor quis dizer, acreditamos que se faz necessário apresentar a discussão desenvolvida pelo próprio teórico na primeira parte de seu livro “Linguagem e discurso: modos de organização”. Nessa parte, Charaudeau aborda os campos de estudo da linguagem diferenciando-os com base em três princípios: objeto, método e conhecimento. Ao diferenciá-los, mostra a necessidade de um novo campo de estudo do discurso, momento em que conclui que:

O campo semiológico integra essas antinomias. O ato de linguagem¹ não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que *falam* o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão. De onde se conclui que o Objeto do Conhecimento é o *do que* fala a linguagem através do *como* fala a linguagem, *um constituindo o outro* (e não um *após* o outro). (CHARAUDEAU, 2014, p. 20; grifos do autor)

¹ A expressão “ato de linguagem” é um conceito da TS. No item 1.3 discorreremos sobre ele.

Como pudemos constatar na leitura da primeira parte do livro, da qual retiramos o excerto acima, Charaudeau, levando em consideração os estudos linguísticos em voga na época, argumenta sobre a necessidade de um novo campo de estudo do discurso, campo esse que integrasse, ao mesmo tempo, os estudos psicológicos e sociais (“do que”) e linguísticos (“como”).

De acordo com Machado (2006), a Semiologia, dentro da Análise do Discurso Francesa, oferecia, desde o seu nascimento, “um instrumental teórico mais aberto (...) a várias reflexões e raciocínios” (MACHADO, 2006, p. 14). Esse “instrumental teórico mais aberto” a que se refere a pesquisadora tem como comparativo a teoria de Pêcheux, que, segundo ela, oferecia subsídios apenas para a análise de discursos políticos, enquanto que a teoria de Charaudeau não só abarcava esse, mas também outros tipos de discursos: “(...) discursos do cotidiano, de interações simples e mesmo banais, mas, também discursos mais elaborados ou de construção mais elaborada (...)” (*Ibidem*).

Ainda de acordo com Machado (2006), o cerne da teoria semiológica foi a publicação do livro “Langages et Discours” (título original) no ano de 1983. Nessa obra, Charaudeau desenvolveu alguns aspectos que haviam sido trabalhados na sua tese de doutorado, defendida no ano de 1979. Mais tarde, os aspectos principais de sua tese foram publicados no Brasil, no livro “Linguagem e discurso: modos de organização”². (MACHADO; MENDES, 2013).

O desenvolvimento da Semiologia, no entanto, não ocorre de forma pacífica. Há sempre aspectos questionados por linguistas e não linguistas, além de uma inevitável comparação com outras teorias da própria AD. Como avalia Moura *et al* (2018; 2015a; 2015b), as críticas se baseiam de maneira explícita ou implícita na comparação com a abordagem pecheutiana. Todavia, cabe chamar a atenção para o fato de que, embora os dois modelos teóricos tenham suas aproximações (a natureza ideológica do discurso, as condições de produção – circunstâncias de discurso para Charaudeau – a ligação direta entre a Linguística e as Ciências Sociais etc.) também apresentam seus distanciamentos (a noção de assujeitamento sobreposta por um sujeito psicossocial na TS, a ligação maior da TS com a

² Nesse livro, as autoras compilaram duas obras de Patrick Charaudeau. São elas: “Langage et Discours”, de 1983, e “Grammaire du sens et de l’expression”, de 1982. Sobre ele, Machado e Mendes (2013, p. 05) discorrem: “Esta tradução é, na verdade, um livro brasileiro de Charaudeau, uma adaptação, pois, sob suas orientações como autor, selecionamos uma parte do *Langage et discours* e a somamos aos modos de organização que foram retirados do livro *Grammaire du sens et de l’expression* (...)”.

Pragmática e a diversidade de aplicações dessa teoria na análise dos mais variados tipos discursivos).

Corroborar com o que foi discutido até aqui o excerto abaixo:

(...) às vezes, Patrick Charaudeau é criticado, no Brasil, por colegas que acreditam que só há uma “boa” Teoria de Análise do Discurso, ou seja, aquela que advém da *Ecole française d’analyse du discours*, também chamada de *Análise do Discurso Francesa* (ADF) e também por aqueles que acreditam que a TS afasta-se muito da Linguística, para nela estar inserida... Devemos confessar que, sinceramente, nunca compreendemos muito bem o porquê de tais críticas. Patrick Charaudeau é um estudioso de formação linguística, como dissemos, que atua em um departamento de Linguística (na Universidade de Paris 13), ao contrário de vários outros colegas que o precederam e mesmo inauguraram os estudos sobre Análise do Discurso (AD) na França, tais como Pêcheux e Foucault, principalmente. (MACHADO, 2006, p. 13; grifos da autora)

A autora ainda lembra que se lermos com mais cuidado a obra que dá início aos estudos no campo da Semiologia (*Langage et Discours*), veremos que seu autor, já em 1983, aplicou sua teoria aos mais diversos tipos de discurso: o administrativo, o de imprensa, o publicitário, mas também o político e o literário.

Alguns pesquisadores, entre eles, Machado (2001; 2006) e Machado e Mendes (2013) classificam a TS como uma abordagem teórica antropofágica (ler excerto abaixo). A base para tal classificação está baseada na constituição dessa teoria, que se apropriou de diversas outras, entre elas, na área da Linguística, a enunciação de Benveniste, o dialogismo de Bakhtin, a semiótica de Greimas, a teoria dos atos de fala de Austin, as máximas conversacionais de Grice, além de outras linhas da corrente Pragmática; além disso, apropriou-se também das teorias de outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Etnologia e a Filosofia (em especial, a retórica aristotélica). Contudo, cabe ressaltar que o processo de constituição de uma disciplina com base em outras teorias não é uma característica apenas da Semiologia, tendo em vista que ela faz parte da própria origem da Análise do Discurso na França.

Para criar sua teoria, Patrick Charaudeau saiu do *Héxagone*, ou seja, da França e se internacionalizou, de certa forma. Partindo de sua sólida formação como linguista, ele alçou novos voos para outros horizontes além dos que lhe foram dados pela linguística “pura” e “dura”, mas também pela linguística *light* e mais “humana” de Benveniste e Bakhtin e pela Semiótica Greimasiana; o teórico voltou-se, ainda, para aquisições vindas de modernas teorias comunicativas anglo-americanas, tais como a Etnologia, a Antropologia e, mais especificamente, na Inglaterra, para as belas teorias de

Grice e Austin e pela Pragmática. É por isso que ele mesmo já nos disse, várias vezes, que sua teoria é “antropofágica”. (MACHADO, 2006, p. 14-15)

No que tange o seu autor, Charaudeau é formado na área da Linguística e é, atualmente, professor emérito da Universidade de Paris-Nord (Paris XIII), onde leciona e coordena um grupo de pesquisa por ele fundando, em Análise do Discurso, intitulado “Centre d’Analyse du Discours” (CAD). Além disso, o teórico é mundialmente conhecido por seus livros, capítulos de livros e revistas sobre o tema. Já, no Brasil, tem contribuído bastante para o desenvolvimento tanto da teoria quanto da metodologia com o grupo de pesquisa em Análise do Discurso da Universidade de Minas Gerais (NAD) (MACHADO; MENDES, 2013). Por fim, ainda disponibiliza gratuitamente por meio do site *www.patrick-charaudeau.com* os seus trabalhos (textos em francês; alguns desses traduzidos para a nossa língua).

Em recente artigo publicado, Machado e Mendes (2013) fazem um relato do percurso de inserção e tradução da TS no Brasil além da contribuição dos pesquisadores brasileiros na revisão, no aprofundamento de conceitos e métodos, assim como na divulgação e na consolidação da teoria. Segundo as autoras, isso ocorreu graças à disposição e à disponibilidade do teórico, que sempre se mostrou aberto à discussão e revisitação de conceitos e métodos que utiliza em sua teoria.

Instigado por uma das mais audaciosas professoras de francês que a FALE/UFMG já teve, Professora Doutora Eunice Dutra Gálery, ele [Patrick Charaudeau] a convidou assim como a mim mesma, Ida Lúcia Machado, para juntos prepararmos um acordo ou um convênio que pudesse dar lugar à formação de um grupo de estudiosos em análise do discurso, formado por brasileiros e franceses. (...) uma das contribuições mais significativas oferecidas pelo grupo mineiro tenha sido fato de testarmos a Semiologia nos mais diversos *corpora*, havendo, inclusive, trabalhos mais teóricos que discutiram conceitos e propuseram até mesmo extensões da Semiologia, ilustrando ainda mais este compartilhar teórico. (MACHADO; MENDES, 2013, p. 2-4)

Para finalizarmos nossas considerações acerca da TS, faremos referência a um importante artigo publicado recentemente por Correa-Rosado (2014). Na concepção desse autor, a TS insere o discurso em uma problemática que estabelece uma ligação entre os fatos da linguagem e certos fenômenos psicológicos e sociais, tais como a ação e a influência, sendo, portanto, uma teoria interdisciplinar. Seu pressuposto balizador é o de que a linguagem mantém uma estreita relação com o contexto psicossocial na qual ela se realiza. Dessa maneira, a Semiologia considera o ato de linguagem como produto de um contexto do

qual participam um emissor e um receptor que, por serem pessoas diferentes, podem atribuir a uma expressão linguística diferentes interpretações, dando a elas sentidos não previstos.

Ainda segundo esse autor, a TS concebe o seu objeto de estudo, o fenômeno linguageiro, como o resultado de uma dupla dimensão, a *dimensão implícita* e a *dimensão explícita*. Nesse sentido, o ato de linguagem significa não somente pela sua configuração semiológica visível, mas também pelos saberes que são acionados pelos sujeitos durante os processos de produção e interpretação desse ato.

Uma charge que ironiza um certo time de futebol, por exemplo, significa não somente pelo que é enunciado a respeito do time, mas também pelos saberes (a respeito do time em questão, a respeito do contrato comunicacional, entre outros) que entram em jogo nessa significação. (CORRÊA-ROSADO, 2014, p. 3).

Percebe-se, assim, que a problemática do signo, no âmbito da Semiologia, só pode ser concebida como discursiva, isto é, para Charaudeau, o signo só existe no discurso. Logo, de acordo com essa Teoria, o signo é tido como não pleno, já que o ato de linguagem forneceria apenas marcas semiológicas que funcionam como índices portadores de “instruções de sentidos sistematizadas”. A esses “átomos de sentido”, que compõem uma espécie de núcleo semântico, acrescentam-se informações provenientes da situação de comunicação para que o signo possa efetivamente “significar”.

A seguir, discorreremos sobre o dispositivo de encenação e o ato de linguagem dentro da Teoria Semiológica.

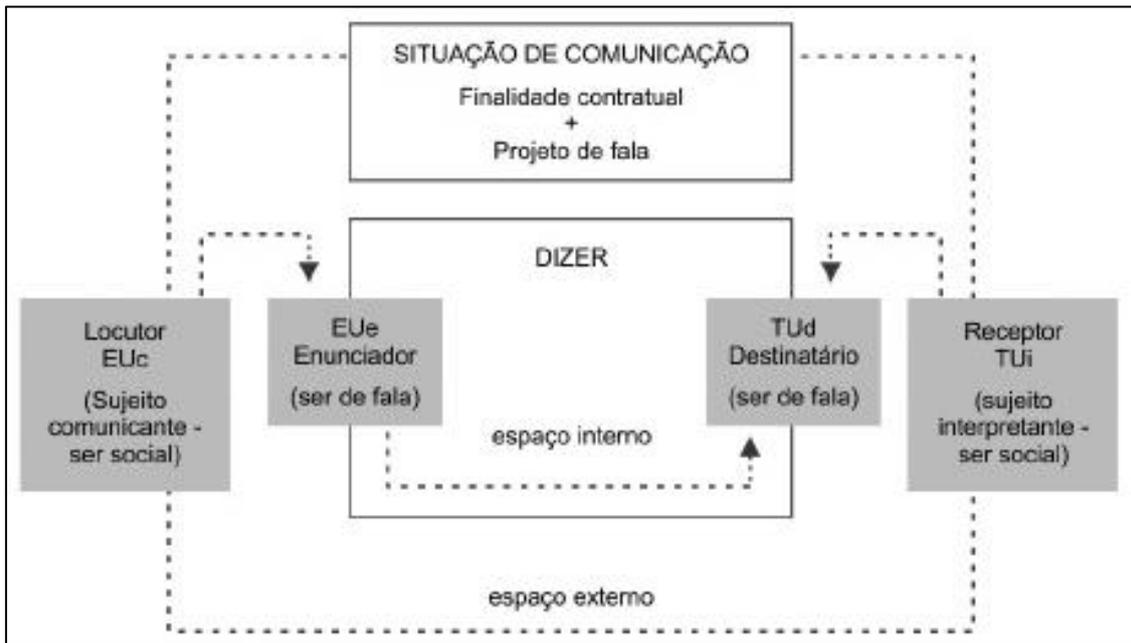
1.2. O dispositivo de encenação e o ato de linguagem

O “Dispositivo de encenação da linguagem” é um modelo teórico e analítico criado por Charaudeau para analisar discursos diversos, entre eles, os midiáticos. Tal modelo é apresentado e descrito pelo autor (2014) no capítulo “O ato de linguagem como *encenação*” (grifo do autor).

Esse dispositivo é composto por dois espaços ou circuitos, um externo e o outro interno, e por quatro sujeitos, intitulados pelo teórico de EUc, EUe, TUd e TUi, como podemos verificar na imagem abaixo (figura 01).

Esses sujeitos (EUc, EUe, TUd e TUi), como podemos constatar no modelo, estão ligados entre si pela situação de comunicação (EUc e TUi) e pelo dito ou discurso (EUe e TUd).

Figura 01: O dispositivo de encenação da linguagem



Fonte: Charaudeau (2014, p. 52)

Tendo em vista sua complexidade, visto que o dispositivo é composto, ao mesmo tempo, por elementos contextuais e linguísticos, consideramos pertinente situar o leitor de nossa dissertação acerca da discussão que é desenvolvida nesse capítulo. Acreditamos que isso contribuirá para que não existam lacunas relacionadas à compreensão do que é esse dispositivo.

Charaudeau (2014, p. 44 e 45) inicia o capítulo supracitado afirmando que o ato de linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação, mas como um ato interenunciativo, pois o uso da linguagem não se reduz à produção de uma mensagem por um emissor a um receptor, mas se constitui como um ato complexo composto por dois processos: um relacionado à produção e o outro relacionado à interpretação da mensagem.

Fazem parte do processo de produção da mensagem dois sujeitos, EUC e TUD, um real e o outro imaginado. Do mesmo modo, fazem parte do processo de interpretação da mensagem EUE e TUI. Como podemos ver na figura X, EUC é cognominado de sujeito locutor; TUD, de sujeito destinatário; EUE, de sujeito enunciador; e TUI, de sujeito interpretante.

Uma indagação que pode surgir é: o que significa dizer que, dos quatro sujeitos do dispositivo, dois deles são reais e os outros dois são imaginados? A resposta a essa pergunta nos ajudará a entender o porquê de a palavra “dispositivo” estar acompanhada da palavra “encenação”.

Sobre isso, Fiorin (2008), nos capítulos “O *ethos* do enunciador” e “O *pathos* do enunciatário” (grifos do autor), nos oferece algumas respostas (como podemos constatar no fragmento abaixo). De acordo com ele, é necessário, numa análise discursiva, distinguir o “eu” que enuncia do “eu” que é enunciado. De forma parecida, o “tu” que é enunciado do “tu” para quem se enuncia.

A enunciação é a instância linguística logicamente pressuposta pela existência do enunciado. (...) Isso implica que é preciso distinguir duas instâncias: o *eu* pressuposto e o *eu* projetado no interior do enunciado. (...) Como a cada *eu* corresponde um *tu*, há um *tu* pressuposto (...) e um *tu* projetado no interior do enunciado. O enunciador e o enunciatário são o autor e o leitor, mas não o autor e o leitor reais, em carne e osso, mas sim o autor e o leitor implícitos, ou seja, a imagem do autor e do leitor construída pelo texto. (FIORIN, 2008, p. 138; grifos do autor)

Isso explica o porquê de Charaudeau elaborar seu dispositivo com base em quatro sujeitos. A explicação está no fato de dois deles pertencerem ao campo situacional e dois deles pertencerem ao campo linguístico.

Embora Charaudeau (2001), no capítulo “Uma teoria dos sujeitos da linguagem”, defina o “sujeito” como “uma abstração”, parece-nos claro, após a leitura de Fiorin, que isso não significa que ele não exista na realidade, apenas que ele é inacessível ao analista, pois seu acesso se limita aos discursos sobre o sujeito.

Corroborando com o que foi discutido até aqui o excerto abaixo:

O *sujeito* não é, pois, nem um indivíduo preciso, nem um ser coletivo particular: trata-se de uma abstração, sede da produção/interpretação da significação, especificada de acordo com os lugares que ele ocupa no ato linguístico. (CHARAUDEAU, 2001, p. 30; grifo do autor)

Após definir o sujeito como uma abstração, Charaudeau (2001) estabelece uma distinção entre os sujeitos que estabelecem entre si uma relação de parceria e os sujeitos que estabelecem entre si uma relação de protagonismo.

A relação de parceria se caracteriza pelo contato entre os sujeitos EUC e TUI e se constitui por meio da finalidade/relação contratual ou do contrato de comunicação e do projeto de fala referentes à situação de comunicação, tendo como base três critérios relacionados ao ato de linguagem.

São eles (CHARAUDEAU, 2001, p. 31):

- (1) Comunicacional (quadro físico da situação de comunicação);
- (2) Psicossocial (estatuto dos sujeitos); e
- (3) Intencional (propósitos dos sujeitos).

A relação de protagonismo se caracteriza pelas imagens que EUC e TUi fazem de si no discurso. EUE, ao produzir seu discurso, imagina TUi de um modo. O mesmo ocorre quando TUi interpreta o discurso de EUC. Com base nisso, fica claro que TUD é a imagem que EUC faz de TUD ao elaborar seu discurso e EUE é a imagem que TUi constrói de EUC ao interpretar seu discurso.

O sujeito comunicante (EUC) é o parceiro que detém a iniciativa no processo de produção; O sujeito interpretante (TUi) é o parceiro que tem a iniciativa do processo de interpretação; Na interação linguageira, somos confrontados com dois protagonistas: o sujeito enunciador (EUE) e o sujeito destinatário (TUD), que se definem como seres de fala da encenação do dizer, produzida pelo EUC e interpretada pelo TUi. (Charaudeau, 2001, p. 32; grifos do autor)

Em vista do que foi exposto até aqui, torna-se compreensível o motivo pelo qual a palavra “encenação” acompanha a palavra “dispositivo”. Isso ocorre porque, durante o processo de produção do discurso, consciente e inconscientemente, os sujeitos criam imagens de si que atuam para a eficácia do ato de linguagem.

Tal conclusão suscitou em nós um questionamento acerca da eficácia ou não eficácia do ato de linguagem. Chegamos à resposta por meio da leitura dos dois capítulos abaixo citados de Charaudeau.

No capítulo “Uma teoria dos sujeitos da linguagem”, Charaudeau (2001) afirma que o ato de linguagem se constitui como um espaço entre o “fazer” e o “dizer”. Logo, o propósito que une os sujeitos externos ao discurso, EUC e TUi, e os faz agir em prol disso incide sobre uma ação que é persuasiva. Persuasiva porque tal ação só será possível por meio do discurso, sendo necessário que o sujeito interpretante construa uma imagem favorável acerca do sujeito comunicante e que seja “tocado” pelo que diz, de modo que isso influenciará, por sua vez, sobre a sua ação.

Isso explica porque, no capítulo “O ato de linguagem como encenação”, Charaudeau (2014) afirma que o ato de linguagem, do ponto de vista da sua produção é, ao mesmo tempo,

uma “expedição” e uma “aventura”. Expedição porque, com base na finalidade contratual que liga EUC e TUi, o sujeito comunicante organiza seu projeto de fala por meio de estratégias. Aventura porque, ao interpretar seu discurso, TUi pode ou não ser persuadido.

Corroboramos com o que foi discutido até aqui as citações a seguir:

1. O ato de linguagem é um fenômeno que combina o *dizer* e o *fazer*. O *fazer* é o lugar da instância *situacional* que se auto define pelo espaço que ocupam os responsáveis deste ato. O *dizer* é o lugar da instância *discursiva* que se auto define como uma *encenação* da qual participam seres de palavra. Essa dupla realidade do *dizer* e do *fazer* nos leva a considerar que o ato de linguagem é uma totalidade que se compõe de um *circuito externo* (fazer) e de um *circuito interno* (dizer) indissociáveis um do outro. (CHARAUDEAU, 2001, p. 28; grifos do autor)

1. a) Uma expedição quanto a seu aspecto intencional. (...) Assim, EUC deve organizar o que está disponível no conjunto de suas competências, levando em conta a margem de liberdade e de restrições de ordem relacional de que dispõe. (...) Para ser bem-sucedido nessa expedição, o sujeito comunicante fará uso de *contratos* e *estratégias*. [...] b) Entretanto, toda essa *encenação* intencional se encontra revista e corrigida – ou pode até mesmo ser mal recebida – pelo sujeito interpretante que detecta ou interpreta, à sua maneira, tais contratos e estratégias. Por essa razão, o ato de linguagem não é apenas uma expedição, mas é também uma aventura. (CHARAUDEAU, 2014, p. 56 e 57; grifos do autor)

No próximo tópico, nos deteremos sobre os modos de organização do discurso, com ênfase aos modos enunciativo, descritivo e narrativo, por considerarmos as modalidades mais recorrentes em nosso *corpus*.

1.3 Os modos de organização do discurso

Como vimos nos subcapítulos e itens anteriores, a TS tem como objetivo propiciar ao analista do discurso subsídios para a análise de discursos diversos. Com base nessa proposta, foi desenvolvido um modelo de análise discursiva denominado *Dispositivo de encenação da linguagem*. Esse dispositivo é composto por dois circuitos ou espaços, um externo e o outro interno. Compõem o circuito ou espaço externo o sujeito comunicante, o sujeito interpretante e a situação de comunicação; e o circuito ou espaço interno o sujeito enunciativo, o sujeito destinatário e o dito ou discurso.

Tendo em vista que no subcapítulo anterior discorremos detidamente sobre os sujeitos comunicativos (sujeito comunicante, sujeito enunciativo, sujeito destinatário e sujeito interpretante), neste item, especificamente, trataremos dos outros elementos que compõem o

dispositivo de encenação da linguagem. No que tange a isso, além dos sujeitos que compõem o dispositivo de encenação da linguagem, é necessário que o analista do discurso observe os outros elementos que também o compõem. São eles a situação de comunicação, os modos de organização do discurso, a língua e o texto.

Com base na TS, a situação de comunicação constitui o momento tanto físico quanto mental em que se encontram os sujeitos externos do dispositivo de encenação da linguagem. De acordo com Charaudeau (2014), o que une o sujeito comunicante ao sujeito interpretante neste exato momento são os seus estatutos comunicacional (aquilo que dizem ou expressam explícita e/ou implicitamente), psicossocial (a imagem e o papel que criam, têm e atribuem a si e ao outro no dispositivo) e intencional (o propósito que faz com que instaurem, aceitem e participem do quadro comunicacional). No capítulo “Princípios de organização do discurso”, o teórico elenca quais são as principais características³ da situação de comunicação.

Sobre o que foi dito, vejamos o excerto abaixo.

- a) características físicas
 - [os parceiros]
 - estão *presentes* fisicamente um ao outro ou não?
 - são *únicos* ou *múltiplos*?
 - estão *próximos* ou *afastados* um do outro, e como estão dispostos um em relação ao outro?
 - [o canal de transmissão]
 - é um canal *oral* ou *gráfico*?
 - é *direto* ou *indireto*? (...)
 - que outro *código semiológico* é utilizado (imagem, grafismo, sinais, gestos, etc.)
- b) características identitárias dos parceiros
 - sociais (idade, sexo, raça, classe...)
 - socioprofissionais (...)
 - relacionais (os parceiros entram em contato pela primeira vez ou não; eles se conhecem ou não; tem uma relação de familiaridade, ou não).
- c) características contratuais
 - *troca / não troca*. (...) Geralmente, o *contrato de troca* implica uma situação de comunicação *dialogal*, e o contato de *não troca* uma situação *monologal* (também chamada de *monolocutiva*).
 - os *rituais de abordagem*. Estes constituem as restrições, as obrigações ou simplesmente condições de estabelecimento de contato com o interlocutor. (...)
 - os *papéis comunicativos*. Trata-se dos *papéis* que os parceiros da troca devem assumir, em virtude do contrato que os liga.

(CHARAUDEAU, 2014, p. 71-72; grifos do autor)

³ No item “Os modos de organização do discurso midiático”, retomaremos esse excerto, delimitando as principais características do discurso midiático.

Já os modos de organização do discurso correspondem ao planejamento, à elaboração e à organização do discurso com base no propósito que o sujeito comunicante tem sobre o sujeito interpretante, que, como vimos nos subcapítulos e itens anteriores, caracteriza-se por seu viés persuasivo, tendo como base uma ação, que corresponde ao próprio discurso em si, que poderá ser eficaz ou não, dependendo da adesão do sujeito interpretante ao que é dito pelo sujeito comunicante por meio do ato de linguagem. Com base no que foi dito, podemos constatar que os modos de organização do discurso têm relação direta com a afirmação feita pelo mentor da teoria semiolinguística de que o ato de linguagem do ponto de vista da sua produção pode ser entendido como “uma expedição e uma aventura”⁴.

De acordo com a TS são quatro⁵ os modos de organização do discurso. São eles: o modo de organização argumentativo, o modo de organização descritivo, o modo de organização enunciativo e o modo de organização narrativo. Todos esses modos são compostos por aquilo que Charaudeau (2014, p. 74) denomina de “Função de base” e de “Princípio de organização”. A função de base corresponde à finalidade discursiva do sujeito comunicante ao instaurar o dispositivo e ao produzir o seu discurso para o sujeito interpretante em busca da sua adesão. Já o princípio de organização corresponde ao modo como o discurso é organizado pelo sujeito comunicante. Essa organização consiste na seleção e na relação entre as palavras, as frases e os conectivos, que estabelecem não só entre si, mas também à situação a que se referem uma lógica interna e/ou externa.

Para que possamos compreender melhor o que foi dito nos parágrafos anteriores sobre os modos de organização do discurso, vejamos o quadro 01 abaixo.

⁴ Discorremos sobre isso no subcapítulo anterior, “O dispositivo de encenação da linguagem”.

⁵ De acordo com Charaudeau (2014), nenhum dos quatro modos de organização do discurso pode ser visto pelo analista do discurso como sendo exclusivo de um único discurso, embora ele possa ser preponderante nele. Por esse motivo, ele assevera sobre a necessidade de se distinguir gêneros do discurso de modos de organização do discurso. Segundo o próprio teórico: “(...) os textos podem ser objeto de uma categorização em *gêneros* (...), e não devem ser confundidos com Modos de Organização, já que um mesmo gênero pode resultar de um ou de vários modos de organização de discurso e do emprego de várias categorias da língua” (CHARAUDEAU, 2014, p. 68).

Quadro 01: Os modos de organização do discurso

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	<p>Relação de influência (EU -> TU)</p> <p>Ponto de vista do sujeito (EU -> ELE)</p> <p>Retomada do que já foi dito (ELE)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Posição em relação ao interlocutor • Posição em relação ao mundo • Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	<p>Identificar e qualificar seres de maneira objetiva / subjetiva</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da construção descritiva (Nomear-Localizar-Qualificar) • Encenação descritiva
NARRATIVO	<p>Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica narrativa (actantes e processos) • Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	<p>Expor e provar casualidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica argumentativa <ul style="list-style-type: none"> • Encenação argumentativa

Fonte: Charaudeau (2014, p. 75; grifos do autor)

Como podemos constatar no quadro 01, acima, com exceção do modo enunciativo, cada um dos modos possui uma única função de base e um único princípio de organização. O motivo para isso, segundo o próprio mentor da teoria semiolinguística (2014, p. 74), está na natureza do modo enunciativo, que é expor o posicionamento (de distanciamento ou de proximidade) do sujeito comunicante sobre aquilo que diz e para quem diz (o sujeito destinatário). Nos subitens abaixo, nos deteremos em três dos quatro modos de organização do discurso. São eles: modo de organização enunciativo, modo de organização descritivo e modo de organização narrativo. O motivo pelo qual fizemos esse recorte diz respeito à nossa proposta de análise neste trabalho.

1.3.1 O modo de organização enunciativo

Ao tratar especificamente do modo de organização enunciativo, Charaudeau (2014) inicia o seu texto estabelecendo uma distinção esse modo de organização do discurso e a situação de comunicação. Para o autor, o modo de organização enunciativo corresponde à maneira como o sujeito comunicante produz o seu discurso no dispositivo de encenação da linguagem, projetando nele o sujeito enunciativo e o sujeito destinatário. Já a situação de

comunicação corresponde ao contexto em que estão inseridos o sujeito comunicante e o sujeito interpretante.

Tendo feito isso, o teórico (idem) estabelece, logo em seguida, uma distinção entre esse modo de organização e a modalização. Tal distinção consiste no foco de análise dessas duas categorias. Enquanto nos estudos sobre a modalização o analista se detém sobre as escolhas linguísticas em um determinado texto, nos estudos sobre o modo de organização enunciativo o analista se detém sobre os efeitos dessas escolhas em um discurso. Contudo, pondera o autor, a modalização se faz necessária para o analista do discurso, visto que é por meio dela que ele poderá identificar e refletir sobre os efeitos (de distanciamento, “neutralidade”⁶ e distanciamento) dessa escolha.

Ao definir o que é enunciar, Charaudeau (2014) estabelece uma última distinção no que tange o modo de organização enunciativo. De fato, enunciar, dentro dos estudos linguísticos, pode ter mais de um sentido, podendo significar, em seu sentido mais amplo ou geral, a totalidade do ato de linguagem, mas também, em seu sentido mais específico ou restrito, o propósito referencial e o ato de linguagem. Para a teoria semiolinguística, o propósito referencial corresponde ao enunciado e o ato de linguagem à produção do enunciado.

Tendo em vista as distinções acima, o teórico se posiciona da seguinte maneira acerca desse modo de organização do discurso:

No âmbito da análise do discurso, que é a nossa perspectiva, o verbo **enunciar** se refere ao fenômeno que consiste em organizar as *categorias da língua*, ordenando-as de forma a que deem conta da posição que o sujeito falante ocupa em relação ao *interlocutor*, em relação ao *que ele diz*, em relação ao *que o outro diz*. (CHARAUDEAU, 2014, p. 82)

Com base no excerto acima, evidencia-se qual é o posicionamento do mentor da teoria semiolinguística sobre o sentido do termo “enunciar” nos estudos discursivos, principalmente na TS, e o seu caráter estratégico na produção e na compreensão do ato de linguagem, visto que o sujeito comunicante faz uso do modo de organização enunciativo intencionalmente, tendo em vista que ele “organiza as categorias da língua”, com objetivo de influenciar o sujeito interpretante, para isso, posicionando-se de uma determinada maneira ou de um determinado modo em seu discurso (relações de força, de proximidade ou de distanciamento).

⁶ A neutralidade é um efeito de discurso. Por isso, o uso das aspas.

Charaudeau (2014), após estabelecer distinções e evidenciar o sentido do termo “enunciar” nos estudos semiolinguísticos, se debruça sobre esse modo de organização do discurso, identificou nele três funções estratégicas, a saber, (1) influenciar o sujeito interpretante, (2) expressar o ponto de vista do sujeito comunicante sobre aquilo que ele expressa em seu discurso e (3) retomar o discurso de outrem, ou seja, de um terceiro, que não constitui um sujeito daquele contrato de comunicação. A essas três funções estratégicas, o teórico deu o nome de comportamentos, a que denominou de alocação, elocução e delocução.

No comportamento alocutivo, o sujeito comunicante institui o contrato de comunicação com o sujeito interpretante, atribuindo papéis e locando posições. No comportamento elocutivo, o sujeito comunicante exprime o seu ponto de vista sobre o conteúdo do seu discurso, evidenciando seu nível de conhecimento (por meio da sapiência e/ou da avaliação) e/ou de envolvimento (por meio do engajamento e/ou da decisão). E no comportamento delocutivo, o sujeito comunicante dá voz em seu discurso a um outro sujeito comunicante, posicionando-se, explícita ou implicitamente, sobre o seu conteúdo, concordando ou discordando.

Sobre o que foi dito nos parágrafos anteriores, Florêncio (2010) afirma que o modo de organização enunciativo “(...) permite apontar que tipo de relação o sujeito falante estabelece com os fatos a serem relatados (...)” (p. 188). A partir dessa afirmação, a autora considera que a delocução consiste no distanciamento que o sujeito comunicante estabelece com aquilo que diz por meio da objetividade⁷; já a elocução e a alocação consistem na proximidade que o sujeito comunicante estabelece com aquilo que diz por meio da apreciação⁸ e da imposição⁹, respectivamente.

Aprofundando a compreensão sobre o modo de organização enunciativo e o seu uso estratégico no discurso, Charaudeau (2014) identifica aquilo que denomina de procedimentos da construção enunciativa e de procedimentos linguísticos. O primeiro corresponde ao modo como o sujeito comunicante instaura o contrato de comunicação com o sujeito interpretante e produz o seu discurso, e o segundo às escolhas linguísticas que faz uso em seu projeto de fala. No quadro abaixo, elaborado pelo próprio mentor da teoria semiolinguística, podemos ver quais são os elementos que constituem e como eles estão dispostos nesse modo de organização do discurso.

⁷ Apagamento das marcas pessoais.

⁸ Presença das marcas pessoais.

⁹ Presença do modo imperativo.

Quadro 2: Procedimentos da construção enunciativa

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS	ESPECIFICAÇÕES ENUNCIATIVAS	CATEGORIAS DA LÍNGUA
<p>RELAÇÃO DE INFLUÊNCIA</p> <p>(relação do locutor ao interlocutor)</p> <p>=> ALOCUTIVO</p>	<p>Relação de força (locutor/interlocutor) + –</p> <p>-----</p> <p>Relação de pedido (locutor/interlocutor) + –</p>	<p>Interpelação Injunção Autorização Aviso Julgamento Sugestão Proposta</p> <p>-----</p> <p>Interrogação Petição</p>
<p>PONTO DE VISTA SOBRE O MUNDO</p> <p>(relação do locutor consigo mesmo)</p> <p>=> ELOCUTIVO</p>	<p>Modo de saber</p> <p>-----</p> <p>Avaliação</p> <p>-----</p> <p>Motivação</p> <p>-----</p> <p>Engajamento</p> <p>-----</p> <p>Decisão</p>	<p>Constatação Saber/ignorância</p> <p>-----</p> <p>Opinião Apreciação</p> <p>-----</p> <p>Obrigação Possibilidade Querer</p> <p>-----</p> <p>Promessa Aceitação/recusa Acordo/desacordo Declaração</p> <p>-----</p> <p>Proclamação</p>
<p>APAGAMENTO DO PONTO DE VISTA</p> <p>(relação do locutor com um terceiro)</p> <p>=> DELOCUTIVO</p>	<p>como o mundo se impõe</p> <p>-----</p> <p>como outro fala</p>	<p>Asserção</p> <p>-----</p> <p>Discurso relatado</p>

Fonte: Charaudeau (2014, p. 85)

1.3.2 O modo de organização descritivo

Ao tratar do modo de organização descritivo, Charaudeau (2014) inicia o seu texto elencando três dos problemas comumente relacionados à compreensão dos estudos linguísticos sobre o termo “descrever”. São eles: confusão entre os sentidos dos termos “contar” e “descrever” (primeiro problema); a finalidade de um texto e o modo de organização do discurso (segundo problema); e, por fim, a relação entre a língua e o texto (terceiro problema).

Sobre o primeiro problema, para o autor, no ensino básico, costuma-se confundir a ação de descrever com a ação de narrar. Tal confusão comumente está presente nos exercícios de produção textual, quando as propostas de redação orientam os alunos a produzirem textos sobre as suas férias por meio das palavras “contar” e “descrever”, que ora remetem a ações específicas dos próprios verbos (contar significa narrar e descrever significa detalhar) ora a ações específicas de outros verbos (contar significa descrever e descrever significa narrar)¹⁰. Embora estejam relacionadas, para o teórico, é necessário para o analista do discurso estar atento a suas especificidades, o que nos leva ao segundo problema.

Sobre o segundo problema, para o mentor da teoria semiolinguística, nos estudos linguísticos, é comum confundir na análise de textos a finalidade de um texto específico com o seu(s) modo(s) de organização do discurso. Essa confusão ocorre quando, ao analisar um texto, o linguista confunde o seu projeto de fala com a sua função. Para ilustrar isso, Charaudeau (idem) cita as propagandas, que, embora descrevam um produto, por exemplo, tem como finalidade incitar o interlocutor a uma ação, comprar. Para evitar isso, o autor sugere que o analista leve em consideração três níveis distintos na produção e compreensão de um discurso. São eles: a situação de comunicação, o modo de organização do discurso e o gênero textual.

Sobre o terceiro problema, o teórico chama a atenção do leitor para a relação que há entre os procedimentos discursivos e os procedimentos linguísticos em um texto. No que diz respeito a isso, o autor observa que alguns linguistas, ao analisar um texto, se prendem a suas marcas linguísticas, tomando-as como critério (único ou predominante) de classificação de um texto e/ou de um modo de organização do discurso. Tendo em vista isso, ele assevera, é necessário que o pesquisador esteja ciente de que as marcas linguísticas presentes em um texto são apenas pistas de que em um discurso está(-ão) presente(-s) o(-s) modo(-s) de organização argumentativo, descritivo, enunciativo e/ou narrativo, não devendo o analista, por conta disso, se prender às marcas linguísticas, tomando-as, principalmente, como critério único de identificação do projeto de fala do sujeito comunicante, visto que algumas delas podem estar presentes em modos de organização do discurso diferentes¹¹.

¹⁰ No que diz respeito a isso, assim se expressa o autor: “De fato, ‘**Conte...**’ (ou ‘Narre...’) pode referir-se *ao que foi visto* (ordem do *descritivo*) ou *ao que foi vivido ou feito* (ordem do *narrativo*). Ora, às vezes se pede: ‘**Conte** como é a praia no verão’, o que corresponderia mais a **descrever**; e às vezes: ‘**Descreva** o seu dia de domingo’, o que corresponderia mais a **contar**.” (CHARAUDEAU, 2014, p. 107; grifos do autor).

¹¹ No que diz respeito a isso, assim se expressa o autor: “As categorias da língua não são, enquanto tais, operatórias para determinar um modo de discurso. Pode-se dizer que as marcas linguísticas que compõem um texto constituem, em combinação com as marcas de outras categorias, os *traços de uma possível caracterização discursiva*.” (CHARAUDEAU, 2014, p. 110; grifos do autor).

Tomando como base tudo o que foi exposto nos parágrafos anteriores deste subitem, Charaudeau (2014) delimita o sentido do termo “descrever” para a teoria semiolinguística. Nela, a descrição consiste em um processo de significação do mundo por meio do discurso. Essa ação se baseia no ponto de vista do sujeito comunicante sobre o mundo e o que está contido ou inserido nele. Contudo, é necessário ressaltar que, na descrição, tanto a intenção quanto as crenças e os valores do sujeito comunicante são responsáveis pela particularidade do objeto descrito no discurso, logo, um mesmo objeto não será detalhado da mesma forma ou do mesmo modo por sujeitos comunicantes diferentes.

Para a TS, a descrição ocorre por meio de três processos, que são: nomear, localizar-situar e qualificar. A nomeação consiste na atribuição de sentido ou de significado ao mundo e/ou de uma parte dele. É como se ele(-s) não existisse(-m) existissem e/ou não fosse(-m) reconhecido(s) pelos sujeitos comunicativos, até que alguém (o sujeito comunicante) lhe atribuiu um nome, fazendo com que ele(s) passasse(-m) a existir na memória dos sujeitos. A localização-situação consiste na delimitação de um lugar no espaço e no tempo do mundo e/ou de uma parte dele, de modo que ele seja crível para os sujeitos comunicativos, visto que sobre ele(-s) incidiria(-m) a causalidade, elemento necessário para que se acredite que um dado objeto do discurso existe. Por fim, a qualificação consiste na caracterização de um dado objeto construído no e pelo discurso com base não relação que este tem com outros objetos, levando-se em conta tanto as suas diferenças quanto as suas semelhanças para o sujeito comunicante. Curiosamente, a qualificação consiste, ao mesmo tempo, na aproximação e no distanciamento de um objeto do discurso com outros.

Com base nesses três processos (nomear, localizar-situar e qualificar), Charaudeau (2014) se debruça sobre aquilo que denomina de os procedimentos de configuração da descrição. Inicialmente, o autor relaciona cada um desses processos a um procedimento. A nomeação, à identificação; a localização-situação, à construção objetiva do mundo; e a qualificação, à construção subjetiva do mundo. Nas palavras do teórico, a identificação consiste “em fazer *existir os seres* do mundo” (p. 118; grifos do autor), a construção objetiva do mundo consiste “em construir uma *visão de verdade* sobre o mundo, *qualificando* os seres com a ajuda de traços que possam ser verificados por qualquer outro sujeito além do sujeito falante” (p. 120; grifos do autor) e a construção subjetiva do mundo consiste em “permitir ao sujeito falante descrever os seres do mundo e seus comportamentos através de sua própria visão” (p. 125).

Cada um desses procedimentos está ligado a uma finalidade do dispositivo de encenação da linguagem, podendo ser encontrado comumente em alguns gêneros de texto. O teórico identifica alguns deles em um quadro específico, o qual dispomos abaixo.

Quadro 3: Procedimentos discursivos da construção descritiva

COMPONENTES	PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS	FINALIDADE (da Situação de Comunicação)	GÊNEROS DE TEXTO
NOMEAR LOCALIZAR – SITUAR QUALIFICAR	Identificação	Recensear informar	- Inventário - Listas recapitulativas - Listas identificatórias - Nomenclaturas - Artigos da Imprensa - Romances
	Construção Objetiva do mundo	Definir explicar incitar contar	- Textos de lei - Textos didáticos - Textos científicos - Crônicas - Modos de usar - Anúncios - Relatos literários - Resumos
	Construção Subjetiva do mundo	Incitar Contar	- Publicidades - Declarações - Anúncios-bilhetes - Catálogos - Relatos jornalísticos - Canções - Histórias em quadrinhos - Textos literários

Fonte: Charaudeau (2014, p. 131)

1.3.3 O modo de organização narrativo

Ao tratar do modo de organização narrativo, Charaudeau (2014) inicia o seu texto afirmando que esse modo de organização do discurso é “delicado de tratar” (p. 151). São dois os motivos elencados para isso. O primeiro, pela quantidade de estudos sobre o tema, que se estende da antiguidade até os estudos mais modernos. E o segundo, pela importância que o

tema tem no ensino, o que faz com que seja, segundo o autor, o “principal objeto de ensino” (p. 151).

De acordo com o teórico (idem), na tradição escolar, o modo de organização narrativo é tratado de três maneiras.

Na primeira maneira, o modo de organização narrativo é tratado como uma “prática de exercícios”, que consiste na produção de textos ora descritivos (contar com o sentido de descrever) ora narrativos (contar com o sentido de narrar) em uma situação não autêntica, visto que a elaboração do discurso ocorre na sala de aula, em que os contextos de interação não são reais, mas simulados.

Na segunda maneira, o modo de organização narrativo como uma “classificação de textos”, em que os discursos são classificados como narrativos levando-se em conta suas características comuns ou próximas de conteúdo e de forma, o que induz à falsa ideia de que os textos são homogêneos, quando, na verdade, não são, visto que os elementos que o compõem não são só conteúdo e forma, mas também situação, em que se desdobram outros elementos, contemplados em seu dispositivo de encenação da linguagem.

E na terceira maneira, o modo de organização narrativo é tratado como uma “pedagogia da explicação de texto”, em que o objetivo do palestrante ou do professor é explicar porque um dado discurso é narrativo, levando em conta apenas os critérios de conteúdo e de forma acima criticados.

Com base nisso, o autor delimita o sentido do termo “narrar” para a teoria semiolinguística. Nela, narrar não consiste apenas em descrever uma sequência de fatos ou acontecimentos, visto que essa ação é característica do modo de organização descritivo, mas na capacidade de o sujeito comunicante, por meio de um narrador (o sujeito enunciador), contar uma estória (ficção) ou uma história (factual) para o sujeito interpretante, levando em conta os elementos que compõem essa ação, que são, basicamente, a saber, os personagens e as suas reações (motivações e consequências), localizados no espaço e no tempo.

Levando em conta essa definição, Charaudeau (2014) identifica aquilo que denomina de dupla articulação do modo de organização narrativo. São elas:

– *a construção de uma sucessão de ações* segundo uma lógica (lógica acional) que vai constituir a trama de uma história (em sentido restrito); chamar-se-á: **organização da lógica narrativa**.

– *a realização de uma representação narrativa*, isto é, daquilo que faz com que essa história, e sua organização acional, se torne um universo narrado; chamar-se-á: **organização da encenação narrativa**.

(CHARAUDEAU, 2014, p. 158; grifos do autor)

Tendo em vista o conteúdo do excerto acima, se faz necessário estabelecer uma distinção entre esses dois modos de organização do discurso narrativo. De maneira sucinta, o primeiro modo (organização da lógica narrativa) está relacionado ao circuito interno e o segundo modo (organização da encenação narrativa) está relacionado, ao mesmo tempo, ao circuito externo¹² e interno¹³ do dispositivo de encenação da linguagem. Os componentes da lógica narrativa são três, a saber, os “actantes”, os “processos” e as “sequências”. Os componentes da encenação narrativa são dois, a saber, os “dispositivo narrativo” e os “parceiros e protagonistas da encenação narrativa”.

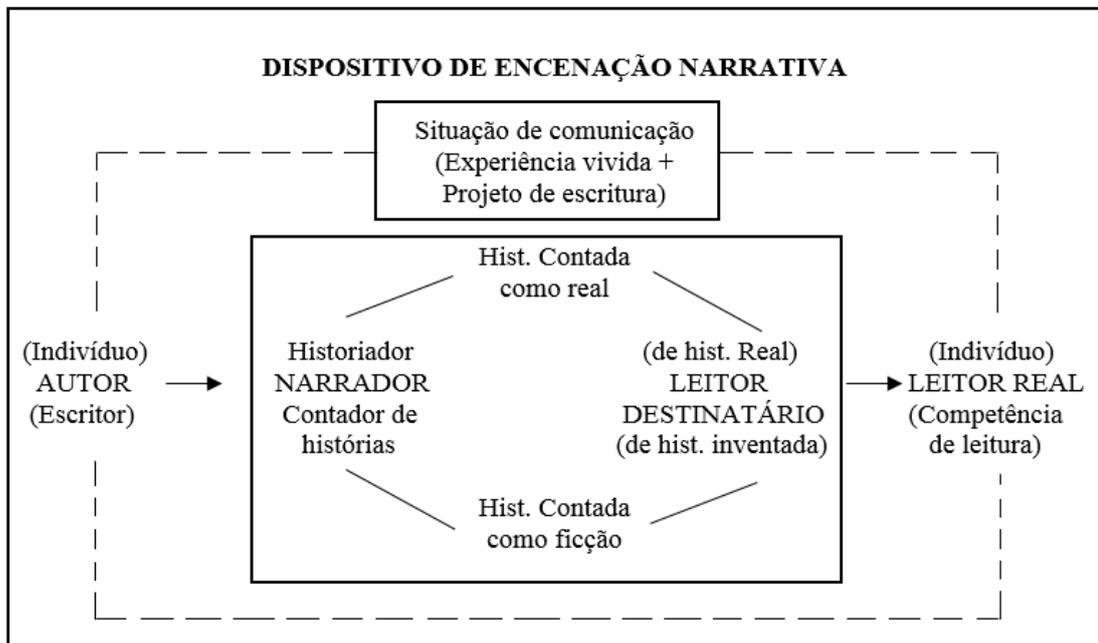
Os actantes da organização da lógica narrativa são os personagens. São eles a base da ação desse modo de organização do discurso, visto que são sobre os personagens que o sujeito comunicante se detém em seu discurso (quem são e o que fazem). Os processos e as sequências são as ações praticadas e/ou sofridas pelos personagens dentro da narração, tendo como base uma relação de motivação, dividida, dentro da teoria semiolinguística, em quatro princípios. São eles: “coerência”, em que as ações decorrem umas das outras; “intencionalidade”, em que as ações praticadas e/ou sofridas são motivadas; encadeamento, em que as ações são organizadas dentro de uma determinada lógica sequencial, de sucessão (uma após a outra), paralelismo (uma não depende necessariamente da outra), simetria (ocorrem ao mesmo tempo) e/ou encaixe (juntas constituem uma outra); e localização, em que as ações ocorrem dentro de um espaço e um tempo.

Charaudeau (2014), fazendo uso do seu modelo de análise conhecido como “dispositivo de encenação da linguagem”, faz nele algumas adequações, de modo a explicitar para o analista do discurso, quem são e de que maneira estão organizados os componentes da encenação narrativa, identificando o dispositivo narrativo e os parceiros e protagonistas da encenação narrativa, como podemos ver na figura abaixo.

¹² No circuito externo do dispositivo de encenação da linguagem estão dispostos os seguintes elementos do quadro comunicacional: o sujeito comunicante, o sujeito interpretante, a situação de comunicação, a finalidade contratual e o projeto de fala.

¹³ No circuito interno do dispositivo de encenação da linguagem estão dispostos os seguintes elementos do quadro comunicacional: o sujeito enunciatório e o sujeito destinatário.

Figura 2: Dispositivo de encenação narrativa



(CHARAUDEAU, 2014, p. 184)

Corroborando com o que foi exposto até aqui, Florêncio (2010) afirma que o modo de organização narrativo¹⁴ é construído “(...) pela sucessão de ações que formam o arcabouço do fato narrado, bem como a disposição de uma representação narrativa, em que estão incluídos os atores, os processos e as sequências cronológicas” (p. 191). Nele, o sujeito comunicante conta a história real ou ficcional de um ou mais seres com o intuito de prender a atenção do sujeito destinatário para o conteúdo daquilo que está sendo narrado no seu discurso. Como podemos constatar através do trecho “estão incluídos os atores, os processos e as sequências cronológicas”, participam do modo de organização narrativo os componentes de qualificação (“atores”) e localização (“processos” e “sequências cronológicas”) do modo de organização descritivo.

No próximo subcapítulo, discorreremos sobre o dispositivo de encenação da linguagem midiática.

1.4 O contrato de comunicação midiático

Neste subcapítulo, discorreremos especificamente sobre o contrato de comunicação¹⁵ midiático.

¹⁴ De acordo com Emediato (2007, p. 37 *apud* FLORÊNCIO, 2010, p. 191), o modo de organização narrativo é “rico em potencial *patêmico*” (grifo da autora)

¹⁵ Também conhecido como “finalidade contratual” ou “relação contratual”.

O contrato de comunicação é um elemento que compõe o circuito externo do dispositivo de encenação da linguagem, sendo a base para que os sujeitos comunicativos estabeleçam entre si, consciente e inconscientemente, relações de parceria e de protagonismo, visto que todo ato de linguagem, para a teoria semiolinguística, tem como princípios a interação e a influência. Interação por meio da instauração e da regulação de um dispositivo de encenação da linguagem, que se baseia em um contrato explícito ou implícito entre os sujeitos comunicativos, validando-se através do discurso. Influência por meio das estratégias discursivas utilizadas pelo sujeito comunicante para persuadir e/ou seduzir¹⁶ o sujeito interpretante, de quem ambiciona a adesão.

Sobre o exposto, vejamos o excerto abaixo:

Todo ato de linguagem emana de um sujeito que apenas pode definir-se em relação ao outro, segundo o princípio de alteridade (sem a existência do outro, não há consciência de si). Nessa relação, o sujeito não cessa de trazer o outro para si, segundo um princípio de influência, para que esse outro pense, diga ou aja segundo a intenção daquele. (CHARAUDEAU, 2017, p. 16)

Sobre o contrato de comunicação, especificamente, Charaudeau (2014) afirma que a sua noção “(...) pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações languageiras dessas práticas sociais” (p. 56; grifo do autor). Tomando como base o conteúdo desse excerto, acreditamos que é possível concluir que tal contrato é necessário para que exista no dispositivo de encenação da linguagem interlocução entre os sujeitos comunicativos que compõem o seu espaço externo, visto que, sem ele, não haveria sentido para a produção e a interpretação do discurso, pois esses sujeitos não reconheceriam nem a si, nem a finalidade e nem os recursos retóricos necessários para a elaboração e a compreensão do ato de linguagem, de modo que esse não teria efeito ou efeitos, tornando-se nulo.

Voltando-nos para a proposta deste subcapítulo, que é o de tratar do contrato de comunicação midiático, para orientar a nossa exposição, faremos uso de três perguntas. São elas: (1) quem são os sujeitos comunicativos que compõem esse contrato, (2) com que finalidade fazem isso e (3) que recursos retóricos utilizam para a elaboração e a compreensão dos atos de linguagem? Segundo o mentor da teoria semiolinguística, esse contrato é

¹⁶ Para a teoria semiolinguística, a persuasão consiste no convencimento do sujeito interpretante por meio da lógica no discurso; já a sedução, por meio da emoção.

composto, em seu espaço externo, por um corpo jornalístico e por um público leitor¹⁷, sendo a finalidade informar (pelo sujeito comunicante) e se fazer informado (pelo sujeito interpretante), e os recursos retóricos utilizados envolvem o uso de estratégias¹⁸, concomitantes, de informação e de captação.

Corpo jornalístico e público leitor fazem parte, respectivamente, das instâncias de produção e de recepção do ato de linguagem ou do discurso, estabelecendo, entre si, devido ao contrato de comunicação do dispositivo de encenação da linguagem midiática, uma relação de parceria, em que cabem a eles o papel de provedor (corpo jornalístico) e o papel de consumidor (público leitor) da informação. Sobre isso, chama a atenção Charaudeau (2015, p. 73), embora o discurso midiático seja assinado por um jornalista e publicado por um jornal, é preciso ressaltar que o corpo jornalístico é composto por diversos sujeitos comunicativos (dentre eles, diagramadores, editores, jornalistas, programadores e outros profissionais que trabalham na empresa, exercendo cargos diversos, direta ou indiretamente relacionados à produção das matérias). Já o público leitor¹⁹, segundo o próprio teórico (idem, p. 79), é difícil de delimitar, visto que se trata de um público amplo e diversificado (levando-se em consideração elementos como formação, gênero, idade, interesse e residência), ainda que o jornal faça uso de pesquisas de consumo e de interesse com o intuito de identificá-los.

Sobre o que foi dito, vejamos os excertos abaixo:

(...) a comunicação midiática põe em relação duas instâncias: uma de produção e outra de recepção. A instância de produção teria, então, um duplo papel: de fornecedor de informação, pois deve fazer saber, e de propulsor do desejo de consumir as informações, pois deve captar seu público. A instância de recepção, por seu turno, deveria manifestar seu interesse e/ou seu prazer em consumir tais informações. (CHARAUDEAU, 2015, p. 72)

A partir dessas constatações, podemos compreender que a identidade social da instância de recepção é uma incógnita para a instância de produção. Por um lado, os receptores, não estão presentes fisicamente na relação de troca, e a instância midiática não tem acesso imediato a suas reações, não pode dialogar com eles, não pode conhecer

¹⁷ Corpo jornalístico e público leitor são sujeitos psicossociais, que, como vimos no subcapítulo “O dispositivo de encenação e o ato de linguagem”, não devem ser confundidos com sujeitos de carne e osso.

¹⁸ Discorreremos sobre isso no próximo subcapítulo, intitulado “Estratégias de legitimidade, de credibilidade e de captação”.

¹⁹ Charaudeau (2015) faz uma distinção entre os sujeitos interpretantes do dispositivo de encenação da linguagem midiática, tomando como base o suporte de transmissão do ato de linguagem ou discurso: “(...) *leitores* para a imprensa, *ouvintes* para o rádio, *telespectadores* para a televisão” (p. 78; grifos do autor). Tendo em vista a proposta do nosso trabalho, optamos pelo emprego do termo “leitor”, tendo em vista que as matérias foram originalmente publicadas em revistas impressas, tendo, depois, sido migradas para as páginas virtuais.

diretamente seu ponto de vista para completar ou retificar a apresentação da informação. Por outro lado, é difícil determinar o público que compõe essa instância quanto a seu *status* social, o qual, quase sempre, é muito diversificado.

É claro que há pesquisas que tentam definir *perfis* de leitores, ouvintes e telespectadores, que cada organismo de informação faz escolhas quanto ao *alvo* em função de opiniões políticas, de classes sociais, de faixas etárias, de locais de residência (cidade/campo), de profissões, mas não deixam de ser hipóteses a respeito do público, que é heterogêneo e instável. Entretanto, a instância midiática não deixa de fazer previsões a respeito dos movimentos de avaliação do público quando este recebe uma informação. Ele é levado a fazê-lo segundo dois pontos de vista: considerando esse público um alvo ideal ou estudando suas reações.

No discurso midiático, especificamente, Charaudeau (2015 p. 72-73) chama a atenção para o fato de que tanto o corpo jornalístico quanto o público leitor fazem e são parte de um ambiente amplo de concorrência, que tem sua base no modelo econômico e ideológico capitalista, que estimula, entre algumas coisas, o consumo de produtos, sendo o discurso jornalístico um deles. Esse ambiente, do ponto de vista semiolinguístico, põe em risco o sujeito comunicante (corpo jornalístico), visto que a sua sobrevivência depende do consumo do seu discurso, que é o seu produto; enquanto oferece vantagens para o sujeito interpretante (público leitor), tendo em vista que lhe dá o direito de escolher se consome o discurso jornalístico de uma empresa “X” ou “Y”²⁰. Logo, ainda que não assuma²¹, nem explícita nem implicitamente, o sujeito comunicante, para a sua sobrevivência no mercado editorial, faz uso não só da estratégia retórica de informar, mas também da estratégia retórica de emocionar.

Informar e emocionar são ações que, dentro da teoria semiolinguística, são classificadas, respectivamente, como “fazer saber” e “fazer sentir”. Além dessas duas, foram delimitadas e classificadas mais quatro ações. São elas: acreditar (“fazer crer”), agir (“fazer poder”), fazer (“fazer fazer”) e refletir (“fazer pensar”) (CHARAUDEAU, 2017; CORRÊA-ROSADO, 2014; e NOGUEIRA, 2004). Essas seis ações estão voltadas tanto para o sujeito comunicante (poder) quanto para o sujeito interpretante (acreditar, refletir, saber, sentir) e revelam o viés persuasivo do ato de linguagem ou do discurso para a teoria semiolinguística,

²⁰ No Brasil, especificamente, duas revistas de grande circulação nacional que fazem divulgação do conhecimento científico para um público leitor mais amplo (não apenas cientistas e pesquisadores) são a Galileu (pela editora Globo) e a Superinteressante (pela editora Abril).

²¹ Há um motivo para uma empresa jornalística não assumir isso. Para a opinião pública, o jornal é um órgão imparcial e objetivo tanto na produção quanto na divulgação das suas matérias. Isso significa que, se essa empresa assumisse explicitamente, por exemplo, que, além de informar, faz uso de outras estratégias, ela provavelmente sofreria sanções. Entre elas, a perda da sua legitimidade e da sua credibilidade como meio de comunicação, o que faria com que perdesse leitores.

visto que o verbo “fazer” exprime uma ação praticada pelo sujeito comunicante intencionalmente (embora, ressaltamos, seja impossível para o analista do discurso verificar em sua pesquisa o grau de consciência dessas ações).

No subcapítulo “O dispositivo de encenação da linguagem” desta dissertação, vimos que, para a TS, o ato de linguagem, do ponto de vista do sujeito comunicante, é, ao mesmo tempo, uma expedição e uma aventura. Uma expedição porque exige, de maneira explícita ou implícita, que o sujeito comunicante faça uso de contratos e de estratégias para a produção e a interpretação dos seus discursos. Uma aventura, pois a eficácia desses discursos depende do grau de adesão do sujeito interpretante a eles, que os avalia levando em conta não só o que foi dito (conteúdo discursivo e linguístico: “sobre o que trata esse discurso e como trata?”; grifos nossos), mas também quem o fez (sujeito comunicante, intenção e contrato de comunicação: “quem produziu esse discurso, com que intenção o fez e por que devo dar atenção a ele?”; grifos nossos).

Tendo discorrido sobre o contrato de comunicação midiático neste subcapítulo, no próximo tópico, discorreremos sobre as estratégias retóricas que podem e que são utilizadas pelo sujeito comunicante em seus discursos para persuadir e/ou seduzir o sujeito interpretante no discurso jornalístico. Essas estratégias, dentro da teoria semiolinguística, são classificadas em três tipos, a saber, estratégia de legitimidade (que consiste na criação e na manutenção de uma imagem do sujeito comunicante por meio do seu discurso), estratégia de credibilidade (que consiste na elaboração do discurso, levando em conta dois critérios, que são consistência e pertinência) e estratégia de captação (que consiste no estímulo das emoções do sujeito interpretante com o objetivo de lhe suscitar reações).

1.5 As estratégias de legitimidade, de credibilidade e de captação

Para iniciarmos este subtópico, reiteraremos algo que foi dito no primeiro subtópico deste capítulo: “o ato de linguagem, do ponto de vista de sua produção, pode ser considerado uma expedição e uma aventura” (CHARAUDEAU, 2014, p. 56; grifos do autor).

O motivo pelo qual reiteramos essa informação reside na definição feita por Charaudeau (2014) de “expedição”, que engloba tanto a “finalidade contratual”, que une o sujeito comunicante ao sujeito interpretante, quanto o “projeto de fala” de EUC, tendo como base o dispositivo de encenação da linguagem, conforme figura 1, na página 15.

Charaudeau (2014, p. 56) afirma, no capítulo “O ato de linguagem como *encenação*” (grifo do autor), que, para ser bem-sucedido na expedição, ou seja, na produção de seu

discurso, o sujeito comunicante faz uso de “contratos” e “estratégias”. É por meio deles, que EUc tentará agir sobre TUi.

Vimos, anteriormente, que o contrato é um subcomponente da situação de comunicação (que é um componente externo do dispositivo de encenação da linguagem; ver figura C), que liga o sujeito comunicante ao sujeito interpretante (que, como vimos no subtópico referido, no caso do discurso midiático, são o corpo jornalístico e o público, respectivamente).

Ainda que tenhamos feito largo uso do termo “estratégias” até aqui em nenhum momento a definimos. O motivo pelo qual não o fizemos está relacionado ao planejamento prévio que havíamos feito de nossa dissertação, pois consideramos que seria mais produtivo separar um subtópico para que pudéssemos nos deter sobre esse conceito, que é o que faremos agora.

De acordo com Alves e Moura (2017), a estratégia é, assim como o contrato, um subcomponente da situação de comunicação e consiste nas escolhas feitas, consciente e inconscientemente, pelo sujeito comunicante, que tem como intuito agir sobre o sujeito interpretante, sendo bem-sucedido em sua expedição. Para isso, ele faz uso dos elementos seguintes: comunicacional, psicossocial e intencional.

Sobre o que foi dito, vejamos o excerto abaixo.

A noção de *estratégia* repousa na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados *efeitos* – de persuasão ou de sedução – sobre o sujeito interpretante (TUi), para levá-lo a se identificar – de modo consciente ou não – com o sujeito destinatário ideal construído por EUc. (CHARAUDEAU, 2014, p. 56; grifos do autor)

Antes de darmos continuidade ao que está sendo exposto, consideramos prudente fazer algumas ressalvas acerca do excerto acima. Embora o teórico afirme que o sujeito comunicante conceba, organize e encene suas intenções no discurso, não se deve concluir que, para a Semiolinguística, o sujeito não é assujeitado, pois, tanto o sujeito comunicante quanto o sujeito interpretante são interpelados pelos discursos que circulam socialmente, discursos esses que orientam e restringem suas ações. Todavia, ainda que existam restrições, há também possibilidades ou “margens de manobra”.

Ou seja, dentro do dispositivo de encenação da linguagem, o sujeito comunicante, ciente das restrições da situação de comunicação, produz (“concebe, organiza e encena”) o

seu discurso com o intuito de ser bem-sucedido. Isso só será possível se ele persuadir ou seduzir o sujeito interpretante.

Logo, EUc lida não só com restrições, mas também com possibilidades, visto que, se não fosse assim, o ato de linguagem, para a teoria semiolinguística, não seria uma expedição e uma aventura, mas a emissão de uma mensagem por um locutor para um interlocutor com base no contexto de produção do discurso.

Cabe destacar aqui o compromisso da TS com uma concepção do sujeito e de sua intencionalidade bastante sofisticada. Ela evita tanto as concepções que enfatizam, unilateralmente, a dimensão da autonomia e liberdade do sujeito quanto as que acentuam a subordinação da consciência individual em relação aos determinantes sociais. Por um lado, tal arcabouço teórico confere aos sujeitos uma dimensão ativa e estratégica. Um ato de linguagem se inicia no momento em que um sujeito motivado por um projeto de fala definido em termo de objetivos comunicacionais (factivo, “fazer fazer”; informativo, “fazer saber”; persuasivo, “fazer crer”; sedutor, “fazer prazer”) toma a iniciativa da palavra.

O contrato de comunicação reserva a esse sujeito uma margem de manobra dentro da qual ele pode escolher, com certa liberdade, as estratégias de fala (as formas de organização do discurso) que ele julgue mais apropriadas para influenciar adequadamente os interlocutores. Essa dimensão ativa ou estratégica da ação dos sujeitos encontra, por outro lado, na perspectiva de Charaudeau, uma série de limitações, de acordo com Nogueira (2008):

Em primeiro lugar, o sujeito que constrói seu projeto de fala e que seleciona suas estratégias discursivas não é um sujeito qualquer, um ser abstrato, descolado de uma realidade social determinada, mas, ao contrário, é alguém que se orienta em circunstâncias materiais específicas e que se define por uma identidade psicossocial particular. Sua intencionalidade é assim socialmente condicionada. Em segundo lugar, o projeto e as estratégias de fala do sujeito são estrangidas pelo fato de se dirigirem para um outro sujeito com uma identidade e uma intencionalidade também definidas. (NOGUEIRA, 2008, p. 05)

Isso exige que, para ser eficiente no seu objetivo de influência, o ser comunicante molde seu projeto e suas estratégias ao conhecimento e às expectativas que ele tem em relação ao comportamento do outro com quem ele pretende interagir.

Ainda de acordo com Nogueira (2008), cada vez mais se busca compreender a ponte, a mediação entre o plano do sujeito, com suas intenções, preferências e estratégias mais ou menos conscientes, e o plano das estruturas sociais, das coletividades, dos estrangimentos externos, em vez de se fixar em uma dessas posições teóricas extremas do dilema. Para Silva

(2013), é assim que, depois de analisar como essas duas posições teóricas definem o objeto, o método e a problemática do conhecimento, Charaudeau vai propor dois conceitos teóricos numa tentativa de elaborar uma teoria do discurso que concilie as estruturas objetivas e a subjetividade do falante-ouvinte nas práticas discursivas: contrato de comunicação e estratégia discursiva.

[...] A noção de estratégia discursiva, entendida como “possíveis escolhas que os sujeitos podem fazer da encenação do ato de linguagem” (Charaudeau; Maingueneau, 2008: 219), constitui o segundo conceito utilizado por Charaudeau para fazer a mediação entre as estruturas objetivas e a subjetividade do sujeito comunicante, ou seja, entre os condicionantes do ato discursivo e a relativa liberdade do sujeito na produção de seus enunciados. [...] Assim, com o propósito de ter sucesso em seu projeto de comunicação, o sujeito comunicante faz uso não só de um contrato de comunicação, mas também de estratégias discursivas. (SILVA, 2013, p. 236-244)

Ao discorrerem sobre as estratégias discursivas, Charaudeau e Maingueneau (2014) classificam-nas em três tipos. São eles: por legitimidade, por credibilidade e por captação.

A estratégia por legitimidade consiste na imagem que o sujeito comunicante cria, por meio de seu discurso, sobre si para o sujeito interpretante. Essa imagem corresponde, dentro do dispositivo de encenação da linguagem, ao sujeito enunciador.

Além dessa imagem construída pelo sujeito comunicante, por meio de seu discurso, há, muitas vezes, uma imagem anterior ao momento de enunciação, a qual Maingueneau (2008) denominou de *ethos* prévio.

Retomando o que foi dito, em tópicos anteriores, nos quais falamos sobre a relação de parceria entre os sujeitos comunicante e interpretante, relacionado ao ato de linguagem como encenação, entra em cena o critério psicossocial, que corresponde aos estatutos dos sujeitos pertencentes aos circuitos externo e interno do dispositivo de encenação da linguagem, ou seja, EUc / TUi e EUe / TUD, respectivamente.

Todavia, faz-se necessário ressaltar que a estratégia de legitimidade está relacionada apenas ao sujeito comunicante (imagem anterior ao discurso) e ao sujeito enunciador (imagem construída pelo discurso), e o motivo é simples, visto que, por meio dessa estratégia, EUc tenta legitimar seu discurso, de modo a persuadir TUi de que ele “pode” falar sobre “x” ou “y”, por exemplo.

Observamos, portanto, que, para a TS, a noção de legitimação pode ser utilizada para significar que o sujeito falante entra em um processo de discurso, que deve conduzir a que reconheça que tem direito à palavra e legitimidade para dizer o que diz. Essa legitimidade

pode derivar tanto de uma situação de fato, quanto do lugar que lhe é dado por uma instituição qualquer. Mas é possível também que ele tenha necessidade de construir uma posição de legitimidade aos olhos de seu interlocutor.

[...] As estratégias de *legitimação* visam a determinar a posição de autoridade que permite ao sujeito tomar a palavra. Essa posição de autoridade pode ser o resultado de um processo que passa por dois tipos de construção: “(a) a de *autoridade institucional*, que é fundada pelo estatuto do sujeito, que lhe confere autoridade de saber (...), ou de poder de decisão (...); (b) a de *autoridade pessoal*, que lhe é fundada na atividade de persuasão e de sedução do sujeito que lhe dá uma autoridade de fato, que pode, além disso, sobrepor-se à precedente”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 295; grifos dos autores)

A estratégia por credibilidade consiste nas ações que o sujeito comunicante empreende na produção de seu discurso. Entre essas ações, estão as escolhas linguísticas, que abarcam os textos em suas mais diversas modalidades, verbais, não verbais e multimodais.

Se a estratégia por legitimidade está ligada aos sujeitos comunicante (externo ao discurso) e enunciador (interno ao discurso) do dispositivo de encenação da linguagem, a estratégia por credibilidade está ligada ao projeto de fala, que, como vimos anteriormente, é um subcomponente da situação de comunicação.

Como foi expresso no decorrer deste capítulo e no início deste subtópico, “o ato de linguagem, do ponto de vista de sua produção, pode ser considerado uma expedição e uma aventura” (CHARAUDEAU, 2014, p. 56; grifos do autor). Tomando como base esse excerto, acreditamos que, mais do que as outras estratégias, a expedição está fortemente vinculada à de credibilidade, visto que é, por meio dessa estratégia, que o sujeito comunicante visa persuadir ou seduzir o sujeito interpretante.

Para Charaudeau (2014), a credibilidade é um fato de estratégia de discurso que, à semelhança das estratégias de *legitimação* e de *captação*, consiste, para o sujeito falante, em “determinar uma posição de verdade, de maneira que ele possa [...] ser levado a sério” (1988b: 14).

Com essa finalidade, o sujeito pode recorrer a três tipos de posicionamento: (1) colocar-se em uma posição enunciativa de *neutralidade* quanto à opinião que exprime, “posição que o levará a apagar, em seu modo de argumentação, qualquer traço de julgamento e de avaliação pessoal, seja para explicitar as causas de um fato, seja para demonstrar uma tese (ibid.); (2) colocar-se em uma posição de *engajamento*, “o que conduzirá o sujeito, contrariamente ao caso precedente, a optar (de maneira mais ou menos consciente) por uma tomada de posição na escolha dos argumentos ou na escolha das palavras, ou por uma

modalização avaliativa associada a seu discurso” (ibid.), o que produzirá um discurso de *convicção* destinado a ser partilhado pelo seu interlocutor; (3) colocar-se numa posição de *distanciamento* que o levará a tomar a atitude fria do especialista que analisa sem paixão, como faria um *expert*.

Essas posições se exprimem de maneira particular segundo a situação de comunicação na qual se inscrevem. Por exemplo, na comunicação midiática, trata-se, para a instância jornalística, “de trazer prova do *dizer verdadeiro*, seja do ponto de vista da própria *existência* dos fatos em questão, seja do ponto de vista da *explicação* usada para dar uma razão de ser aos fatos” (Charaudeau, 1994a: 16). (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 143-144; grifos dos autores)

A estratégia por captação consiste na persuasão ou sedução do sujeito interpretante pelo sujeito comunicante através do discurso. Isso só é possível quando TUi acredita que EUC e EUE têm legitimidade para enunciar, atribuindo credibilidade ao conteúdo daquilo que é dito.

Se a expedição está fortemente relacionada à estratégia de credibilidade, a aventura está intrinsecamente relacionada à estratégia de captação, visto que é por meio dessa estratégia que o sujeito comunicante terá ou não sucesso em seu discurso, visto que, como foi dito algumas vezes no decorrer deste capítulo, EUC tem como finalidade, ao estabelecer uma relação contratual e na produção de seu enunciado, persuadir (“fazer crer”) ou seduzir (“fazer sentir”) TUi.

As estratégias de captação visam a seduzir ou a persuadir o parceiro da troca comunicativa, de tal modo que ele termine por entrar no universo do pensamento que é o ato de comunicação e assim partilhe a intencionalidade, os valores e as emoções dos quais esse ato é portador. Para tal efeito, o sujeito falante pode escolher dois tipos de atitude: (a) a *polêmica*, que o leva a questionar certos valores que seu parceiro defende (ou um terceiro a que faz referência), ou a questionar a própria legitimidade do parceiro; (b) *dramatização*, que leva o sujeito a colocar em prática uma atividade discursiva feita em analogias, de comparações, de metáforas etc., e que se apoia mais em crenças do que em conhecimentos para forçar o outro a experimentar certas emoções. Vejamos um arremate final acerca das estratégias de captação a partir da ótica de Charaudeau e Maingueneau (2014):

As estratégias de captação dão lugar a configurações discursivas particulares de acordo com as situações de comunicação. Por exemplo, na comunicação midiática, elas “consistem em pôr em cena a informação de tal maneira que essa participe de um espetáculo que, como todo espetáculo, deve sensibilizar o espectador” (Charaudeau, 1994a: 17). É por esse motivo que as mídias

tratam a informação buscando produzir efeitos discursivos de conveniência (jogo de palavras), de emoção (descrições da “desordem social”) (2000a: 148). (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 93; grifos dos autores)

Em se tratando da comunicação midiática, Charaudeau (2015), no capítulo “Informar para quê? A finalidade do contrato”, reflete sobre as estratégias de legitimidade, credibilidade e captação utilizadas pelo corpo jornalístico.

De acordo com o teórico, em seu projeto de fala, o sujeito comunicante se utiliza de estratégias contextuais e discursivas. Contextuais: o *ethos* prévio do jornal e do jornalista que assina a matéria. Discursivas: a veracidade, a pertinência e os efeitos de dramatização da matéria, visto que, segundo o analista, o leitor não busca apenas saber sobre algo, mas também sentir. Além disso, é uma forma de sobrevivência do jornal, mediante à concorrência.

Corroborando com isso, o excerto abaixo:

A finalidade do contrato de comunicação midiática se acha numa tensão entre duas visadas, que correspondem, cada uma delas, a uma lógica particular: uma visada de *fazer saber*, ou visada da informação propriamente dita, que tende a produzir um objeto de saber segundo uma lógica cívica: informar o cidadão; uma visada de *fazer sentir*, ou visada de captação, que tende a produzir um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: captar as massas para sobreviver à concorrência. (CHARAUDEAU, 2015, p. 86, grifos do autor)

Emediato (2007, p. 295-308), no capítulo “As emoções da notícia”, elenca seis estratégias utilizadas pelo corpo jornalístico para informar e captar a atenção do público.

São elas:

- (1) Emoção e tematização;
- (2) A emoção pela problematização;
- (3) Emoção e visualização;
- (4) A emoção pela modalização enunciativa;
- (5) Emoção e descrição; e
- (6) Emoção e narração.

A primeira estratégia consiste na escolha do tema, mais especificamente, em seu recorte. Aqui, o que o sujeito locutor e, principalmente, o sujeito interpretante avaliam é a pertinência do tema. Se avaliada positivamente, o público se interessará pela notícia. Caso contrário, não.

Se, de um lado, a tematização alimenta e reforça a demanda de informação do leitor, sua vontade de saber, de outro, a instância jornalística a atualiza

considerando que o quadro temático apresentado é aquele pelo qual esse leitor nutre um afeto particular, um desejo singular que reconhece o tema como pertinente e legítimo enquanto unidade cultural própria a seu grupo de pertencimento. (EMEDIATO, 2007, p. 295)

A segunda estratégia consiste nas informações presentes na notícia. Essas informações se baseiam naquilo que o corpo jornalístico presume que o leitor já sabe (tema/informação velha) e ainda desconhece (rema/informação nova). Nessa estratégia, surgem as implicações, problematizações sobre o tema.

Vamos nos concentrar aqui sobre a operação de *rematização* que, em essência, se ocupa de associar ao tema um dado factual supostamente novo. Ao fazê-lo, o leitor se vê orientado em direção a um *lugar de interpretação* previsto dentro do sistema de informação, ou seja, a figura do leitor *sugere* uma direção para a problematização. Esta operação consiste em apresentar uma informação nova a propósito do objeto temático colocado em um contexto produzindo, assim, implicações contextuais. (EMEDIATO, 2007, p. 298, grifos do autor)

A terceira estratégia consiste em ilustrar algumas das informações presentes na notícia. Nesta, fotografias, gráficos e tabelas são utilizadas para chamar a atenção do leitor e, também, para torna-lo “testemunha do real”, de modo que ele possa visualizar e, ao mesmo tempo, experimentar o que está sendo noticiado.

Um real se torna mais próximo ao ganhar visibilidade [...]. Uma imagem humana que olha o telespectador como um encontro face-a-face, um corpo, uma focalização, foco em bocas, em olhos, em ombros, em pernas, em homens, mulheres, crianças, vítimas de guerras, em animais nunca apreciados tão de perto, em objetos inanimados, em um carro, em um lago, em um edifício, em uma cidade, em um avião, um mundo mostrado que se apresenta esteticamente ao olhar contemplativo e apreciativo de um espectador. (EMEDIATO, 2007, p. 301-302)

A quarta estratégia consiste no posicionamento tomado pelo sujeito locutor perante a notícia. Esse posicionamento pode ser de distanciamento (enunciado objetivo) ou de envolvimento (enunciado subjetivo). Entre as formas de distanciamento citadas pelo autor, está o discurso relatado.

Charaudeau [...] propõe uma descrição da organização enunciativa em três atos locutivos: atos *elocutivos*, *alocutivos* e *delocutivos*. Eles colocam em evidência a relação que o locutor mantém, respectivamente, com o seu próprio dito, com o interlocutor e com o mundo. Cada um dos atos locutivos

é expresso por uma modalidade que o especifica. Por exemplo, os atos elocutivos podem ser expressos pelas modalidades da opinião, do querer, do engajamento etc.; os alocutivos pelas modalidades da ordem, da interrogação, da sugestão, do conselho etc.; e os delocutivos pelas modalidades da asserção e do discurso relatado. (EMEDIATO, 2007, p. 302-303, grifos do autor)

A quinta estratégia consiste em descrever os elementos que compõem a notícia: seres, lugares e/ou objetos. Para isso, faz-se uso de recursos, como a nomeação, por meio de substantivos, a qualificação, por meio de adjetivos, a localização, por meio de advérbios, e a quantificação, por meio de números.

Descrever consiste em dar existência aos seres através do discurso, *nomeando-os* através da *identificação específica* (nomes próprios) ou *genérica* (nomes comuns globalizantes ou exemplares), *qualificando-os*, *localizando-os* no tempo e no espaço, *quantificando-os* de forma precisa ou imprecisa. (EMEDIATO, 2007, p. 305, grifos do autor)

A sexta, e última, estratégia consiste no relato do evento noticiado. Para isso, são apresentados os elementos supracitados (seres, lugares e/ou objetos). Estabelece-se, entre esses elementos, explícita ou implicitamente, relações de causa e consequência, que podem, potencialmente, suscitar, no público, avaliações do tipo morais.

A organização narrativa é um espaço rico em potencial *patêmico*. Isso decorre [...] pelo próprio fundamento simbólico da ação de narrar que, conforme ressalta Charaudeau, não se limita a descrever uma sequência de ações. [...] Além disso, os enunciados narrativos provocam uma tensão dentro do universo narrado, pois o torna dinâmico e sujeito a mudanças e implicações. [...] Toda ação recebe um *valor* moral, transformando-se, assim, em um objeto indutor de emoção. (EMEDIATO, 2007, p. 306 e 307, grifos do autor)

Fernandes (2010), no capítulo “A emoção no discurso jornalístico: contar histórias e comover leitores”, nos oferece, por meio de sua análise, um exemplo ilustrativo que permite identificar essas estratégias de informação e captação supracitadas por Emediato (2007).

Ao analisar uma notícia publicada pelo jornal “Folha de São Paulo” sobre uma menina com paralisia cerebral que necessitava da ajuda da mãe para assistir às aulas em uma escola pública do estado de São Paulo, é possível identificar:

1. A tematização por meio do título (“ALUNA COM PARALISIA DEPENDE DA MÃE PARA ASSISTIR À AULA”, em caixa alta);

2. A problematização por meio das informações apresentadas no subtítulo (“Escola estadual não tem rampa de acesso; menina precisa de apoio para subir as escadas. Funcionária e professora auxiliaram Natasha em 2007, tarefa que agora cabe à mãe; secretária diz que vai mudar a classe dela para o térreo”);
3. A visualização por meio de uma fotografia que mostra a filha no colo da mãe, no pátio da escola, com o foco, em primeiro plano, de suas expressões faciais;
4. O posicionamento de distanciamento por meio do relato da mãe (“Faço tudo o que posso para melhorar a vida dela, não meço esforços”, entre aspas no texto original);
5. A descrição da filha e da mãe por meio de substantivos e adjetivos (“A aluna tem paralisia cerebral [...]”, “[...] a empregada doméstica Martinha dos Santos [...]”, grifos nossos); e
6. A narração por meio do relato das dificuldades passadas pelas duas para chegarem à sala de aula (Em 2007, a estudante teve o auxílio de uma funcionária por cerca de dois meses. Entretanto ela foi demitida e, no restante do ano, a própria professora se comprometeu em auxiliá-la).

Em nosso trabalho, daremos ênfase às estratégias de credibilidade, legitimidade e captação na revista Superinteressante. Passemos, agora, aos procedimentos metodológicos.

2 METODOLOGIA

Nossa pesquisa tem um caráter qualitativo e explicativo, baseando-se na análise de material publicado pela mídia, devidamente selecionado a partir de critérios estabelecidos em nosso projeto de pesquisa, sendo significativo e representativo das últimas duas décadas.

A nossa base teórica está centrada na Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau, acrescida de outros postulados e teóricos, conforme menção abaixo:

- (1) Charaudeau (2001);
- (2) Charaudeau e Maingueneau (2014);
- (3) Emediato (2007);
- (4) Fernandes (2010); e
- (5) Meyer (2007).

Com base nessas leituras, selecionamos conceitos que permeiam todo o nosso texto. São eles:

- (1) Dispositivo de encenação da linguagem;
- (2) Contrato de comunicação;
- (3) Sujeitos da linguagem
- (4) Estratégias de legitimidade, credibilidade e captação;
- (5) Modos de organização do discurso

Esses conceitos foram apresentados e desenvolvidos na Fundamentação teórica de nossa pesquisa.

De posse deles, montamos o *corpus* de análise de nosso trabalho, que consiste em quinze matérias publicadas pela revista Superinteressante entre os nos anos de 2000 a 2017. Todas essas matérias têm como tema comum o autismo. Para efeito de análise, nos debruçamos sobre três delas, escolhidas por serem bastante representativas dos fenômenos sobre os quais nos debruçamos: dispositivo de encenação, estratégias e modos de organização do discurso.

A escolha por esse tema foi pessoal. No ano de 2014, o meu filho foi diagnosticado com a síndrome. Entre as minhas primeiras atitudes, procurei me informar, por meio de textos jornalísticos, sobre o transtorno: o que é, características e tratamentos.

Devido à minha formação em Linguística, observei, após a leitura de alguns textos, que as matérias que tratavam sobre o tema, além de apresentarem informações sobre a síndrome (“o que é, características e tratamentos”), forneciam relatos sobre autistas e/ou seus familiares.

Tais relatos eram dotados de significativa carga dramática, o que contraria o posicionamento da instância jornalística, embasada pela opinião pública, de que os discursos desse tipo de mídia são imparciais, impessoais, detendo-se de forma objetiva sobre os fatos com o único propósito de informar.

Charaudeau (2015), no livro “Discurso das mídias”, assevera que o discurso midiático tem duas finalidades. São elas: “fazer saber” e “fazer sentir” (p. 86). A primeira finalidade está relacionada à informação e a segunda finalidade está relacionada à captação do público leitor. Essa afirmação serviu como base de nossa pesquisa. Os conceitos elencados acima estão fortemente vinculados a essa ideia.

No que diz respeito à análise, serviram de base os trabalhos sobre a mídia jornalística brasileira de Fernandes (2010) e Emediato (2007), que, por meio de suas pesquisas, identificaram e descreveram as estratégias de legitimidade, de credibilidade e de captação.

Assim como os dois autores, buscamos e descrevemos as referidas estratégias (legitimidade, credibilidade e captação: tematização, problematização, visualização, modalização enunciativa, descrição e narratização), levando em conta a situação de comunicação em que as matérias sobre o autismo foram produzidas, selecionando trechos que, em nossa avaliação, melhor ilustram o uso dessas estratégias e seus possíveis “efeitos interpretativos” sobre o público leitor.

Por fim, as matérias selecionadas possuem forte ligação com a Lei 12.764/2012, sancionada pela ex-presidente da República Dilma Rousseff, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, estendendo-se ao ano de 2017, período de produção dessa pesquisa.

3 OS DISCURSOS SOBRE O AUTISMO NA MÍDIA

3.1. Os discursos etiológicos sobre o autismo

O autismo, como é mais popularmente conhecido, é um transtorno que afeta as habilidades psicomotoras de crianças, jovens e adultos em todo o mundo.

“Transtorno” é um termo usado pela literatura científica para se referir a uma desordem biológica, temporária ou definitiva, que afeta uma ou mais habilidades de um indivíduo. No caso do autista, essa desordem é definitiva e afeta, em maior ou menor grau, sua socialização.

Sobre o que foi dito, vejamos o excerto abaixo.

O transtorno do espectro autista pode ser definido como um conjunto de condições comportamentais caracterizadas por prejuízos no desenvolvimento de habilidades sociais, da comunicação e da cognição da criança. (TEIXEIRA, 2017, p. 24)

Estima-se, segundo Teixeira (2017, p. 29-31), no capítulo “Existem muitos casos de autismo?”, que 1% da população mundial é autista. Tal número percentual se baseia em diagnósticos e prognósticos.

Todavia, devido à carência de recursos humanos e tecnológicos, em alguns lugares, entre eles, o Brasil, e a ausência de respostas sobre sua etiologia, ou seja, as causas do autismo, se ambiental, comportamental ou genética, o número de autistas pode ser bem maior.

Infelizmente, não se sabe quantos autistas existem em nosso país aproximadamente. Supõe-se que dois milhões. Contudo, esse número se baseia na quantidade de autistas que foram diagnosticados nos EUA em um estudo feito em 2014 pelo *Center for Disease Control and Prevention* (“Centro de Controle e Prevenção de Doenças”).

De acordo com Orrú (2016), no capítulo “A gênese do autismo segundo a literatura científica”, o termo “autismo” foi utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra austríaco Léo Kanner, nos EUA, na década de 40.

Em um artigo publicado em 1943, o psiquiatra descreveu o comportamento de 11 crianças que apresentavam as mesmas características: dificuldades de se socializar, problemas no uso da linguagem e comportamentos estereotipados.

Por meio de seus trabalhos, juntamente com os de Asperger e Wing, Kanner faz com que o autismo seja visto, na área da psiquiatria, como uma condição particular do indivíduo, distinguindo-o da esquizofrenia.

Sobre isso, vejamos o excerto abaixo.

O autismo foi inicialmente descrito (...) pelo médico, pesquisador e professor da Universidade Johns Hopkins, o psiquiatra infantil austríaco Leo Kanner, em 1943. Ele publicou um artigo científico com o relato de 11 crianças que apresentavam três características comuns entre si que tornavam seu comportamento muito diferente do usual para jovens da mesma idade. Havia desinteresse e inabilidade de se relacionar com outras pessoas; um desenvolvimento peculiar da linguagem verbal, marcada por ecolalia (repetição de palavras ouvidas pela criança); presença de estereotípias (repetição de movimentos corporais sem propósito aparente) e inversão pronominal (crianças que se chamavam na terceira pessoa) (...). (TEIXEIRA, 2017, p. 25)

Diagnosticar uma criança com autismo não é uma tarefa fácil, pois, como foi dito no início desse capítulo, primeiramente, não se sabe qual a sua etiologia (se ambiental, comportamental ou genética). Além disso, a carência de recursos humanos e tecnológicos, ainda hoje, prejudicam no diagnóstico e prognóstico do transtorno.

Inicialmente, acreditava-se a causa do autismo era a falta de afeto dos pais, mais especificamente, da mãe (a teoria da “mãe geladeira”). O próprio Léo Kanner foi defensor dessa ideia ou tese. Além dele, outros pesquisadores da área médica, como os psicanalistas Bruno Bettelheim, em 1944, e Frances Tustin, em 1984.

Sobre o exposto, vejamos o excerto abaixo.

Durante suas pesquisas, ele (Kanner) constatou que muitas das crianças que chegaram até ele eram netos ou filhos de médicos, jornalistas, cientistas e estudiosos diversos que apresentavam uma inteligência superior à média e com certa obsessão no ambiente familiar. Como resultado, em 1995 ele considerou que a conduta dos pais e suas crises de personalidade deveriam ser o fator principal para o desenvolvimento do autismo na criança desde sua vida intrauterina. Segundo ele, a gestação deveria ter sido conturbada ou não aceita, de modo que o feto ficasse sem se relacionar com a mãe, sendo esse fator o desencadeador de sua perda da possibilidade de comunicar-se após o nascimento com quem quer que fosse. (ORRÚ, 2016, p. 14)

Em 1999, o médico inglês Andrew Wakefield publicou em uma revista britânica conceituada da área, a *The Lancet*, um estudo confirmando que a vacina tríplice viral, utilizada para a prevenção de doenças como o Sarampo, a Caxumba e a Rubéola, era a responsável pelo autismo.

A aplicação da primeira (no total, são três) dose dessa vacina é indicada pela Organização Mundial de Saúde (a OMS) nos primeiros doze, quinze meses de vida. Coincidentemente, é justamente nesse intervalo ou período que os pais e os médicos

identificam os primeiros sinais do transtorno (dificuldade de socialização, ausência de fala e comportamentos repetitivos), além de relatos de regressão, como a criança deixar de balbuciar.

Isso levou a uma polêmica na época, justamente pelos relatos de regressão feitos por pais. Por conta disso, muitos processos foram movidos contra o Estado, mas, a principal consequência foi o aumento exponencial do Sarampo, visto que muitos outros pais deixaram de aplicar a vacina em seus filhos.

Em meio a isso, estudos posteriores, como o de Fombonne, em 2006, contrariaram a tese de Andrew Wakefield. Em 2010, a OMS emitiu um parecer desqualificando o estudo desse médico. Nesse mesmo ano, Wakefield teve sua licença profissional médica cassada pelo Conselho Médico Geral do Reino Unido (ORRÚ, 2016, p. 26-31).

Atualmente, acredita-se que a causa do autismo é genética. Todavia, não existem ainda comprovações médicas que confirmem isso. Apenas fortes indícios, como o histórico familiar de uma criança autista: há evidências de que parentes de primeiro e segundo grau possuem alguns traços do transtorno, o percentual de chances de gêmeos serem autistas é de 30 a 95% e de um segundo filho de um mesmo casal ser autista é de 10% (TEIXEIRA, 2017, p. 34).

A falta de consenso sobre a etiologia do autismo fez com que os profissionais da área médica estabelecessem critérios que permitiram, com o tempo, definir melhor o que é o autismo, quais são os sintomas e quais são os tratamentos médicos mais adequados. Isso representa uma evolução, que ampliou a visão que se tinha sobre o autismo.

Essa amplitude fez com que, em 2013, a Associação de Psiquiatria Americana (a APA) criasse uma nova nomenclatura, a saber, o “Transtorno do Espectro Autista”, que agrega, além do autismo clássico ou típico, outros transtornos, como o “Asperger” e o “Savant”. De um modo geral, o que diferencia os três transtornos (o autismo clássico ou típico, o asperger e o savant) é a funcionalidade.

O autista clássico ou típico tem déficits que comprometem, em maior ou menor grau, a sua socialização, a sua fala e o seu comportamento. O asperger também possui esses déficits, só que em menor grau, podendo “passar despercebido” pelas pessoas ou ser avaliado erroneamente por elas como arrogante ou petulante, devido a sua inteligência, que costuma ser acima da média, a sua linguagem rebuscada e a sua avaliação objetiva.

Já o savant, dos três, é o que possui um maior grau de comprometimento social, linguístico e comportamental. Contudo, possui uma inteligência acima de média, que

impressiona a todos, embora não consiga fazer “coisas” simples, como abotoar a camisa, amarrar os cadarços dos sapatos etc.

Um exemplo de savant é o personagem “Raimond”, vivido pelo ator Dustin Hoffman, no filme “Rain Man”. Raimond sabe fazer cálculos complexos, rapidamente, de cabeça, mas não sabe quanto custa um chiclete.

Atualmente, para se identificar um autista, é necessário apenas, em um primeiro momento, um exame clínico, ainda na primeira infância, que atenda a três dos cinco critérios abaixo. Esses critérios têm como base a 5ª edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (“Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais”).

- A) Prejuízo em comunicação e interação social em múltiplos contextos:
 - 1) Prejuízo em reciprocidade social e emocional.
 - 2) Prejuízos em comportamento comunicativo não verbal utilizado para interação social.
 - 3) Prejuízos no desenvolvimento, manutenção e entendimento de relacionamentos sociais.
- B) Padrão de comportamento repetitivo e restritivo de interesses ou atividades, manifestadas por pelo menos dois dos seguintes:
 - 1) Movimentos ou fala repetitivos e/ou estereotipados.
 - 2) Insistência ou monotonia, inflexibilidade nas rotinas ou padrões ritualísticos no comportamento verbal ou não verbal.
 - 3) Interesses restritivos.
 - 4) Hiper ou hiporeatividade à estimulação sensorial ou interesse atípico por estímulos ambientais.
- C) Sintomas devem estar presentes no período de desenvolvimento inicial da criança.
- D) Os sintomas provocam prejuízos significativos no funcionamento social, ocupacional ou outras áreas importantes.
- E) Essas alterações não são mais bem explicadas por deficiência intelectual ou atraso global do desenvolvimento. A deficiência intelectual ou atraso global do desenvolvimento. A deficiência intelectual e os transtornos do espectro autista podem coexistir; para fazer o diagnóstico de comorbidade, a comunicação social deve ser abaixo do esperado para o nível do desenvolvimento.

(TEIXEIRA, 2017, p. 49-51)

O motivo pelo qual deve ocorrer o diagnóstico ainda na primeira infância, que compreende os primeiros cinco anos de vida, está diretamente relacionado ao tratamento, que visa estimular a sociabilidade, a linguagem e o comportamento da criança com o transtorno do

espectro autista. Contudo, ressaltamos, o prognóstico do transtorno não é definitivo, visto que não há um consenso sobre a sua causa.

Em vista do que foi discutido até aqui, nos últimos anos, o número de diagnósticos de autismo cresceu exponencialmente no mundo. Isso fez com que o transtorno fosse visto como uma epidemia, embora não existam comprovações médicas disso (KLIN, 2006 *apud* ORRÚ, 2016, p.33).

Rios et alii (2015), no artigo “Da invisibilidade à epidemia: a construção da narrativa do autismo na mídia impressa brasileira”, analisaram matérias publicadas por revistas brasileiras de grande circulação, com a Folha de São Paulo, e concluíram que não se trata de um caso epidemiológico.

Ao invés disso, os autores identificam, principalmente, como as causas para o aumento de diagnósticos de autismo os avanços médicos, como a 5ª edição do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), que ampliou os critérios de identificação dos indivíduos com o transtorno, e os avanços legais, como a lei brasileira nº 12.764, que reconhece o autista como deficiente e lhe oferece amparos sociais, como a inclusão.

As causas supracitadas fizeram com que o autismo deixasse de ser invisível socialmente. Todavia, segundo os autores, o *status* de epidemia foi sendo construído socialmente por meio da mídia jornalística, que, através de suas matérias impressas, não só informou a população brasileira sobre o transtorno (o que é, características e tratamentos), mas também potencializou a situação por meio de relatos dramáticos que envolviam autistas e suas famílias.

Nesses relatos, há críticas, muitas vezes implícitas, às políticas públicas de saúde e de educação, tomando a mídia jornalística como principal parâmetro os artigos 2º ao 7º (ver anexo) da Lei 12.764, que tratam do diagnóstico ainda na primeira infância, do tratamento adequado de pessoas com o transtorno para que possam desenvolver suas habilidades sociais e a sua inclusão satisfatória e sem qualquer constrangimento no ensino regular e no mercado de trabalho, havendo sanção penal a quem descumprir o que determina a Lei.

Sobre o que foi dito, vejamos o excerto abaixo.

Observamos que o autismo se tornou objeto de crescente atenção na mídia de duas formas distintas, porém relacionadas. A primeira acontece em função de uma ênfase, cada vez maior, em sua dimensão neurobiológica, observada no aumento de matérias a respeito de pesquisas científicas sobre o autismo, especialmente no campo da genética e das neurociências. (...) A segunda forma de visibilidade alcançada pelo autismo, ao longo desse período, destaca-se pelo efeito dramático que produz nos leitores. As

matérias que fazem críticas às políticas públicas, especialmente nas áreas de saúde e de educação, trazem casos limites de pais desesperados e de autistas desassistidos pelo poder público. Os relatos sobre autistas que aparecem nesse contexto abordam o autismo como uma condição extrema que necessita de atenção específica e intensiva. (RIOS *et alii*, 2015, p. 09)

A seguir, veremos como se dão as circunstâncias de discurso (ou condições de produção, na acepção de Pêcheux) em relação à revista *Superinteressante*.

3.2 A revista *Superinteressante* e as circunstâncias de discurso

As duas últimas décadas foram marcadas pela evolução das pesquisas e discussões em relação ao autismo, seja pela publicação de leis como a 12.764/2012, sancionada pela ex-presidente da República Dilma Rousseff, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, seja pela publicação de livros ou filmes como *O contador*²² (EUA, 2016), seja pela publicação de notícias e matérias na imprensa, estas últimas, objeto do nosso trabalho.

No bojo desta discussão, nos debruçamos sobre a *Superinteressante*, uma revista brasileira de circulação nacional e de divulgação científica e tecnológica (principalmente)²³.

Publicada mensalmente pela Editora Abril, a *Super* (como passou a ser conhecida popularmente pelos leitores no ano de 1994 por conta da sua linguagem mais acessível e dinâmica, como o uso de infográficos), inicialmente, seria apenas uma tradução da revista espanhola “*Muy Interesante*”, bastante conhecida na década de 1980, devido à sua proposta de divulgação do conhecimento científico e tecnológico, que é mantida ainda hoje na edição brasileira dessa revista.

Assim como a Alemanha, a França e a Itália, o Brasil comprou os direitos de reprodução das matérias, contudo, ao receber os fotolitos (chapas metálicas utilizadas na época para editar a revista), a Editora Abril descobriu que as chapas utilizadas pelos dois países tinham tamanhos diferentes (as espanholas eram maiores), o que impossibilitou que a “*Muy Interesante*” fosse traduzida para o nosso país e fez com que a Abril decidisse manter o nome da revista espanhola (traduzido para a nossa língua) e elaborar as próprias matérias.

²² O filme *O contador* conta a história de Christian Wolff (Ben Affleck) que, desde criança, sofre com ruídos altos e problemas de sensibilidade, devido ao autismo. Ao crescer, Christian se torna um contador extremamente dedicado, graças à facilidade que tem com números, mas antissocial. A partir de um escritório de contabilidade, instalado em uma pequena cidade, ele passa a trabalhar para algumas das mais perigosas organizações criminosas do mundo.

²³ Além desses dois conteúdos, desde o ano de 1998, com a direção do jornalista André Singer, a revista publica matérias culturais, políticas e sociais.

Em setembro de 1987, foi publicada pela primeira vez no Brasil uma edição da revista *Superinteressante*, composta por 20 páginas de amostra grátis anexas em edições de outras revistas que eram publicadas pela Editora Abril. Devido à boa recepção que a *Super* teve por parte dos leitores dessa editora, essas mesmas páginas foram reeditadas e publicadas em uma edição própria, que se esgotou rapidamente tanto na sua primeira versão quanto na sua segunda versão em poucos dias.

Segundo Burgierman (2002), antes da publicação da segunda edição da revista, a *Superinteressante* já possuía 5.000 assinantes. Um dos motivos para esse número tão grande de leitores em tão pouco tempo estava na clareza e na simplicidade com que a revista divulgava os seus conteúdos. Segundo uma das assinantes da *Super*, “Aquela revista inovadora, que prometia me explicar de modo simples como as coisas complexas funcionam, me arrebatou” (TETTI²⁴ *apud* BURGIERMAN, 2002).

Ao longo dos seus 31 anos de existência, a revista *Superinteressante* tem se destacado no mercado nacional e internacional não só pela sua linguagem mais acessível ao grande público-leitor, mas, também, pelo seu pioneirismo, pela sua dinamicidade e pela sua capacidade de inovar.

Matérias que tratavam de assuntos como mapeamento genético, vida extraterrestre, estações espaciais e produtos transgênicos foram algumas das informações que apareceram, no Brasil, primeiramente, na *Super*. Como maneira de sintetizar as informações e facilitar a leitura do público-leitor da revista, a mesma passou por uma reforma gráfica no ano de 1994, aprimorando o uso de infográficos, o que lhe rendeu premiações internacionais (prêmio Malofiej na Espanha) nos anos de 1997 e 1998 (com as matérias “Golpes de mestres” e “Montado na fúria” pelo infografista Luiz Iria, respectivamente). Já no início dos anos 2000, a revista informatizou todo o seu conteúdo impresso (desde a primeira impressão em 1987) e o disponibilizou gratuitamente na internet, no seu site, na seção *Superarquivo*, proporcionando, além disso, o acesso a matérias em formato multimídia, como vídeos.

Após uma pesquisa exploratória na internet, encontramos no site da Editora Abril informações sobre a revista *Superinteressante* referentes às suas publicações e ao seu público-leitor²⁵.

²⁴ Ana Maria Tetti.

²⁵ Disponível no link: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/superinteressante>. Acesso em: 20.07.18.

Revista impressa

A revista impressa tem um número total de 3.094.000 leitores, sendo 57% do sexo masculino e 43% do sexo feminino. Desses, 28,7% têm entre 20 a 29 anos; 24%, entre 30 a 39 anos; 18%, 50 anos ou mais; 17,4%, entre 40 a 49 anos; e 10,5%, entre 15 a 19 anos de idade. 56,1% deles pertencem à classe B; 21,8%, à classe C; e 18,8%, à classe A.

Em abril de 2018, a circulação de revistas impressas foi de 148.867. Dessas, 127.993 eram de assinaturas e 20.874 eram avulsas. No Nordeste, a circulação de revistas impressas foi de 22.349 (20.169 por assinatura e 2.180 avulsas); no Sudeste, 75.219 (62.941 por assinatura e 12.278 avulsas); no Norte, 6.944 (6.292 por assinatura e 652 avulsas); no Sul, 31.482 (27.219 por assinatura e 4.263 avulsas); no Centro-Oeste, 12.872 (11.371 por assinatura e 1.501 avulsas); e no exterior, 1 assinatura.

Revista digital

No mesmo mês de abril de 2018, a circulação de revistas digitais foi de 69.508. Dessas, 67.217 eram de assinaturas e 2.291 eram avulsas. Diferentemente da revista impressa, o site da Editora Abril não oferece informações sobre o perfil dos leitores da versão digital da revista Superinteressante (quantidade, sexo, idade, classe social e região).

Site

O site tem um número total de 14.383.000 visualizações, sendo 7.551.798 visitas diferentes e um tempo médio de 2 minutos e 39 segundos de leitura das matérias. Curiosamente, o site da Editora Abril oferece informações sobre o público-leitor desse suporte. 58% do público-leitor é masculino e 42%, é feminino. Dessa porcentagem, 33% têm entre 25 a 34 anos; 23,7%, entre 15 a 24 anos; 17,2%, entre 35 a 44 anos; 15,3%, entre 45 a 54 anos; e 9,1%, 55 anos ou mais.

Veremos, a seguir, os sujeitos que interagem nos discursos da revista Superinteressante.

3.3 Quem fala a quem: os sujeitos superinteressantes

Nessa parte da nossa análise, tentamos identificar quem são os sujeitos comunicativos que compõem o dispositivo de encenação da linguagem midiática da revista Superinteressante.

Como vimos na fundamentação teórica deste trabalho de pesquisa, os sujeitos comunicativos, de acordo com Charaudeau (2014), são os sujeitos psicossociais (componentes externos do dispositivo) e discursivos (componentes internos do dispositivo) que, por meio de um contrato de comunicação (componente externo do dispositivo), estabelecem, entre si, um vínculo temporário que lhes permite a produção e a interpretação de um dado ato de linguagem ou discurso.

Os sujeitos do dispositivo de encenação da linguagem (modelo básico criado por Charaudeau para a análise de qualquer discurso dentro de sua teoria, dentre eles, o midiático) são o sujeito comunicante, o sujeito interpretante (ambos componentes externos do dispositivo), o sujeito enunciador e o sujeito destinatário (ambos componentes internos do dispositivo).

O sujeito comunicante, ou EUc, é o sujeito psicossocial do dispositivo. É ele quem institui o contrato de comunicação ao se dirigir ao sujeito interpretante por meio do ato de linguagem diante de uma determinada situação. O sujeito interpretante, ou TUi, assim como o EUc, também é considerado um agente psicossocial. É ele a quem o sujeito comunicante de fato se dirige ao elaborar o seu discurso, objetivando adquirir a sua adesão no decorrer do seu ato de linguagem. O sujeito enunciador, ou EUe, é o sujeito linguístico do dispositivo. É ele quem “fala” no ato de linguagem e o EUi avalia a legitimidade para a produção de um determinado discurso. O sujeito destinatário, ou TUD, assim como o EUe, também é um sujeito linguístico. Ele é a imagem que o sujeito comunicante tem ou faz do sujeito interpretante ao instituir o contrato de comunicação e produzir o seu discurso.

Na nossa análise, reelaboramos esse dispositivo, adequando-o ao nosso propósito de trabalho, a saber, identificar os elementos (entre eles, os sujeitos comunicativos) que compõem o dispositivo de encenação da linguagem midiática da revista Superinteressante.

Os sujeitos comunicantes que identificamos nas matérias “Em que planeta você mora?”, “Autismo – ilhados em seu próprio mundo” e “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit” são, respectivamente, os jornalistas Rodrigo Cavalcante, Willian Vieira e Ana Carolina Leonardi. Os nomes desses sujeitos aparecem após os títulos e os subtítulos das matérias. Eles, através dos seus discursos, criam para si ou conduzem os leitores dessas três

matérias a acreditar que são o que comumente se espera de um jornalista, a saber, imparciais e objetivos (sujeitos enunciadores). Para conseguir isso, eles recorrem a determinados recursos linguísticos, como o uso da terceira pessoa, que é uma forma de o sujeito enunciador “apagar-se” em seu ato de linguagem, ou seja, uma modalidade delocutiva.

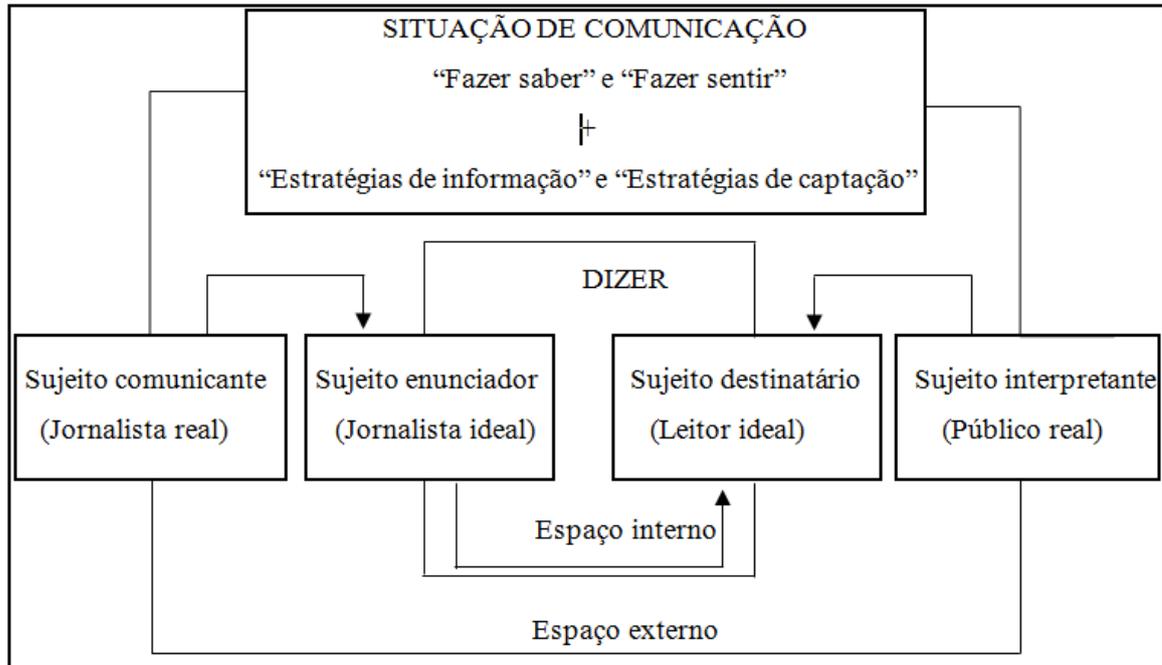
Curiosamente, na matéria “Em que planeta você mora?”, identificamos que Rodrigo Cavalcante faz uso de modalizadores, como “infelizmente”, de palavras coloquiais, como “você” (que interpelam o leitor), e na primeira pessoa do plural, como “sabemos” e “nossa”, e de adjetivos, como “trevas” (em “nem tudo são trevas”) que passam a ideia de avaliação, de envolvimento e de proximidade entre o sujeito enunciador e o seu discurso. Identificamos o uso de coloquialismos (“você” e “gente” como pronomes pessoais) também na matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, da jornalista Ana Carolina Leonardi.

Os sujeitos destinatários dessas três matérias são, possivelmente, os familiares (principalmente, os pais) dos autistas, pessoas próximas a eles afetiva e/ou profissionalmente e curiosos sobre o tema. Nossa conclusão se baseia no modo como as matérias foram elaboradas e organizadas. A descrição da vida dos autistas e dos seus familiares; das características do autismo; e das descobertas científicas constituem estratégias de reconhecimento de situações reais vivenciadas por esses indivíduos e, provavelmente, correspondem às suas expectativas sobre as informações que buscam e esperam encontrar sobre a síndrome, como “o que é o autismo?”, “quais são as principais características ou sintomas do autismo”, “existe uma cura ou um tratamento para o autismo” etc.

Os sujeitos interpretantes podem ser múltiplos visto que não é possível saber com exatidão quem são os leitores que leram essas matérias tanto nas edições em que foram publicadas quanto nos links do site da revista Superinteressante. Contudo, podemos trabalhar com a noção de auditório presumido a partir da qual encontramos no site da Editora Abril informações sobre os leitores dessa revista. Segundo esse site, a revista impressa tem um número total de 3.094.000 de leitores, sendo 57% do sexo masculino e 43% do sexo feminino. Desses, 28,7% têm entre 20 a 29 anos de idade; 24%, entre 30 a 39 anos de idade; 18%, 50 anos ou mais; 17,4%, entre 40 a 49 anos; e 10,5%, entre 15 a 19 anos de idade. 56,1% deles pertencem à classe B; 21,8%, à classe C; e 18,8%, à classe A. Já o site tem um número total de 14.383.000 páginas visualizadas, 7.551.798 visitas diferentes. 58% do público-leitor é masculino e 42%, é feminino. Dessa porcentagem, 33% têm entre 25 a 34 anos; 23,7%, entre 15 a 24 anos; 17,2%, entre 35 a 44 anos; 15,3%, entre 45 a 54 anos; e 9,1%, 55 anos ou mais.

Como forma de sintetizar todas as informações apresentadas nesta parte do trabalho sobre os sujeitos comunicativos, reelaboramos o dispositivo de encenação da linguagem elaborado por Patrick Charaudeau (ibidem), adequando-o à nossa proposta de pesquisa. Vejamos abaixo.

Figura 3: O dispositivo de encenação da linguagem midiática da revista Superinteressante



Fonte: Autoria nossa, 2018.

No item seguinte, discorreremos sobre os componentes e procedimentos enunciativos na organização do discurso da revista Superinteressante.

3.4. A Superinteressante e os componentes e procedimentos da construção enunciativa

Como vimos na fundamentação teórica deste nosso trabalho de pesquisa, para a teoria semiolinguística, o modo enunciativo deve ser encarado pelo analista do discurso como uma estratégia discursiva, por se tratar de um meio que, se bem empregado pelo sujeito que comunica, permite a esse que atinja a sua finalidade, a adesão do sujeito a quem se dirige ao seu projeto de fala. No caso da revista Superinteressante, acreditamos que as suas finalidades sejam duas, a saber: informar (finalidade explícita) e fidelizar (finalidade implícita) o seu público-leitor.

Para isso, a Super (como é popularmente conhecida pelos seus leitores), assim como outras empresas jornalísticas brasileiras, faz uso de recursos discursivos, como o emprego da

terceira pessoa do singular e do plural e da citação direta, para expressar objetividade e impessoalidade no trato de suas matérias. Todavia, além dessas estratégias, identificamos outras, que não nos eram esperadas como aquelas e que explicitam em maior grau o posicionamento do sujeito enunciador perante o seu interlocutor, o sujeito destinatário, o conteúdo de suas matérias e os discursos produzidos por outros sujeitos comunicativos. É o que veremos, detidamente, nos próximos parágrafos.

Identificamos, em todas as matérias da revista *Superinteressante*, o emprego predominante da terceira pessoa do singular e do plural. Discursivamente, o sujeito enunciador, ao fazer uso desse recurso gramatical, “se apaga” em sua enunciação por não se explicitar nela, o que ocorre quando o mesmo se utiliza de palavras na primeira pessoa do singular (principalmente) e/ou do plural.

Todavia, observamos que na matéria “Em que planeta você mora?”, o sujeito comunicante Rodrigo Cavalcante, em alguns momentos do seu discurso, fez uso de palavras na primeira pessoa do plural (como o verbo “sabemos” em “A verdade é que ainda sabemos muito pouco sobre o autismo” e o pronome possessivo “nossa” em “nossa visão do mundo”, que exprimem o envolvimento do sujeito enunciador sobre aspectos relacionados ao tema, entre eles, ignorância) e de modalizador (como “infelizmente”, em “Infelizmente, o distúrbio interpretado por Dustin Hoffman no filme *Rain Man* é bem mais comum do que se imagina” e “Na vida como ela é, infelizmente, a história é outra”, que evidencia a avaliação negativa do sujeito enunciador sobre informações apresentadas em sua matéria referentes ao número e inteligência de autistas no mundo).

Além disso, nessa mesma matéria, Rodrigo Cavalcante faz uso de adjetivos como “trevas” em “Mas nem tudo são trevas”, “surpreendentes” em “Os resultados são surpreendentes”, “compensação” e “comum”, esse último antecedido pelo advérbio de intensidade “tão”, em “Em compensação, Jefferson tem dificuldade para entender um sentimento tão comum como a tristeza que sentimos diante da morte de alguém de que gostamos”, que, assim como o modalizador citado no parágrafo anterior, também expressam avaliações do sujeito enunciador, respectivamente, sobre a ausência de respostas científicas das causas do autismo, a descoberta científica de pesquisadores da Universidade de Yale no que tange o funcionamento do cérebro autista e a dificuldade de um asperger que possui uma excelente memória, mas tem dificuldade para lidar com situações cotidianas.

Por fim, o modo como o discurso está materializado nessa matéria deixa entrever uma quebra da expectativa (daquilo que espera) da linguagem jornalística, visto que Rodrigo Cavalcante faz uso de seleções lexicais e de construções sintáticas que interpelam o público-

leitor e estão próximas do português coloquial falado, como “você” em “Afinal, como fazer ou manter um amigo se você é incapaz de perceber se ele está feliz ou triste? Se ele está escutando o que você está dizendo ou mesmo olhando para você?”, “Bem, de certa forma...” em “Bem, de certa forma, ele não está mesmo”, “Daí...” em “Daí a dificuldade que o autista tem de interpretar o estado emocional dos outros (...)”, “como não poderia deixar de ser” em “Sem essa habilidade, como poderia deixar de ser, fica seriamente comprometida”, “como quase todos” em “Apesar de perceberem uma evolução no comportamento do filho, os pais de Vinícius – como quase todos os familiares de autistas – (...)” e “Mesmo assim” em “Mesmo assim, muitos pais demoram para identificar (ou admitir) que seu filho, ou filha, é portador de autismo”. Acreditamos que essa estratégia enunciativa é utilizada pelo sujeito enunciador para criar entre ele e o sujeito destinatário um sentimento de proximidade (mais especificamente, a sensação dela).

As estratégias explicitadas acima também foram identificadas nas demais matérias da revista *Superinteressante*, com exceção do emprego de palavras na primeira pessoa (do singular e do plural) e na segunda pessoa (por meio do uso do pronome “você”, que é um pronome de tratamento utilizado na linguagem coloquial e escrita para se referir à segunda pessoa do discurso de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, a NGB).

Na matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, o sujeito comunicante Willian Vieira, no título, inicia o seu texto fazendo uso de um adjetivo, “ilhados”, que, em nossa análise, mais do que exprimir uma avaliação por parte desse sujeito, funciona como um meio de atrair (“fisgar”) a atenção dos leitores da matéria, vista que aciona em suas memórias imagens associadas a essa palavra, como isolamento, solidão, dentre outras. Outros adjetivos utilizados por Willian Vieira são “insensível” em “Alguém diria que é insensível (...)”, “mistério” em “Russel é autista – um mistério da mente (...)”, “empatia” em “(...) sem empatia, vive em um mundo só seu”, “presos” em “(...) é preso à rotina”, “obsessivos” em “Ele repete comportamentos obsessivos por muito tempo (...)”, e “graves” em “Há casos mais graves (...)” e “isoladas” antecedida pelo advérbio de modo “completamente” em “São as imagens que se veem na televisão de crianças girando em torno de si mesma durante horas, isoladas em seu próprio mundo”, que expressam avaliações do sujeito enunciador tanto sobre o autismo quanto sobre o autista (por meio dos seus comportamentos).

Somado a isso, Willian Vieira faz uso de um modalizador, “finalmente”, para expressar uma avaliação positiva sobre uma descoberta científica divulgada na revista *Nature* sobre o autismo (padrão de variação genética entre autistas).

Por fim, no que diz respeito a essa matéria, diferentemente da matéria anterior, “Em que planeta você mora?”, não identificamos seleções lexicais e construções sintáticas que se aproximassem da linguagem coloquial.

Na matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, o sujeito enunciador Ana Carolina Leonardi faz uso de adjetivos (alguns deles acompanhados de advérbios intensificadores e modais) e da linguagem coloquial.

Verbos como “atrapalham” seguido do advérbio de intensidade “tanto” e o verbo no particípio “provocados” em “Na internet, onde as dificuldades de comunicação não atrapalham tanto, eles foram provocados a expressar como é lidar com o espectro autista no dia a dia, “dificilmente” antecedido pelo advérbio de modo “especialmente” em “Como é ser autista? Essa pode ser uma pergunta especialmente difícil de responder”, “interessantes” antecedido pelo advérbio de intensidade “bem” em “Mas na rede social Reddit, usuários autistas tentaram colocar em palavras como é viver dentro desse espectro – e deram respostas bem interessantes”, “fácil” em “(...) os autistas do Reddit relatam uma série de dificuldades. Isso porque se comunicar com as outras pessoas não é fácil (...)”, “humorados” e “belo”, o primeiro antecedido pelos advérbios de intensidade “mais” e “bem”, em “Mas muitos deles criaram mecanismos para se adaptar. Um dos relatos mais bem humorados é do usuário *not-the-NSA* (que além de tudo, tem um bello *username*)” e “paraíso” em “Enquanto muita gente vê a interação pelas redes sociais como artificial ou distante, para alguns autistas é o paraíso”, que expressam avaliações sobre as dificuldades enfrentados pelos autistas para se socializarem, as suas escolhas e os seus comentários no Reddit e a ação dos demais usuários do Reddit (por meio do verbo no particípio “provocados”, que tem valor sintático de adjetivo no período e se refere a uma ação praticada pelos demais usuários dessa rede social).

Por fim, no que tange essa matéria, assim como na matéria “Em que planeta você mora?”, o sujeito enunciador faz uso de seleções lexicais e de construções sintáticas que se aproximam da linguagem coloquial, como “é claro que” em “É claro que, mesmo nesses casos, os autistas do Reddit relataram uma série de dificuldades”, “além de tudo” em “(que além de tudo, tem um belo *username*)”, “é claro” em “Em algumas situações, é claro, não dá tempo de planejar tudo isso”, “aí” em “Aí, a sinceridade do autista pode machucar sem intenção” e “de fato” em “Alguns deles, de fato, têm dificuldade de se colocar no lugar do outro e entender o sentimento alheio”. Acreditamos que, por meio dessa estratégia enunciativa, Ana Carolina Leonardi busca criar entre ela e os leitores da matéria um clima mais extrovertido e menos formal (essa última, comum nas matérias jornalísticas).

A seguir, apresentaremos o papel da descrição na organização dos discursos da revista Superinteressante.

3.5 Organizando o discurso a partir da descrição

Como vimos na fundamentação teórica deste trabalho, o modo de organização descritivo consiste na definição e/ou na enumeração das características de um determinado objeto ou referente do discurso. Essa ação pode se dar de três formas ou tipos, a saber, por nomeação (específica/genérica), localização (espacial/temporal), quantificação (precisa/imprecisa) e qualificação (objetiva/subjetiva).

Na nossa análise do corpus de pesquisa, observamos que o modo de organização descritivo está presente nas três matérias e é o modo de organização do discurso mais predominante no nosso trabalho, de modo que, tendo em vista a extensão do nosso texto, não elencaremos todas as descrições que identificamos, mas apenas algumas que, no nosso entendimento, melhor ilustram como a descrição está presente nos discursos da revista Superinteressante sobre o autismo.

Para tornar a nossa análise mais clara e compreensível, separamo-la em tópicos. Vejamo-la abaixo.

Descrição de autistas

A primeira descrição que identificamos foi a de autistas. Os autistas são descritos nas três matérias tanto pelas suas características específicas quanto pelas suas características genéricas. Essas características estão relacionadas aos seus comportamentos diante de determinadas situações. No primeiro caso (características específicas), faz parte da descrição a especificação do nome dos autistas. No segundo caso (características genéricas), ao invés de especificar os nomes dos autistas, os sujeitos enunciadorees fazem uso de termos hiperônimos, como “criança” na matéria “Em que planeta você mora”, por exemplo. Sobre o que foi dito, vejamos os excertos (1), (2) e (3) abaixo.

- (1) Seja na pose descontraída ao lado da irmã mais nova, Karen, seja com a família no porta-retratos da sala, seu olhar está sempre ausente. (ANEXO I)

Até os 2 anos, Daniel não falava. Quando falou, em vez do esperado “mamãe”, a primeira palavra que disse foi “acabou”, logo após a mãe desligar o vídeo do desenho

animado Toy Story. E foi só, por alguns meses. Ele não respondia aos chamados dos pais nem brincava com outras crianças. Ficava horas trancado dentro do guarda-roupa – a sede da sua espécie de planeta paralelo. (ANEXO I)

O excerto (1) é uma descrição do autista Daniel. Ele aparece na matéria de Rodrigo Cavalcante e é descrito pelas suas ações. Olhar ausente, atraso na fala, falta de atenção e isolamento são algumas das características prototípicas do autismo. Essas mesmas características são enumeradas nessa mesma matéria, no seu conteúdo anexo, como podemos constatar no excerto (2) abaixo.

(2) Até 1 ano de idade

- A criança não reage às expressões faciais de seus interlocutores, nem dirige o olhar para o rosto da mãe.
- Tem aversão ao toque e não se aninha no colo de ninguém
- Não estabelece comunicação com quem cuida dela
- Não reage ao próprio nome quando chamada

A partir de 1 ano

- Tem mais interesse por objetos do que por pessoas
- Não divide a sua atenção entre mais de uma situação, nem responde aos estímulos do ambiente
- Tem dificuldade para fixar o olhar
- Não aponta para lugares ou objetos para demonstrar interesse
- Verbalizações pobres, pouco ou nada comunicativas
- Jeito de brincar repetitivo (ANEXO I)

Curiosamente, na matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, percebemos que o autista Russel é descrito da mesma forma que Daniel na matéria “Em que planeta você mora?”, como podemos constatar no excerto (3) abaixo.

- (3) Quando o menino Russell nasceu, parecia perfeitamente “normal”. Só que seus olhos, de um profundo azul, logo diriam tudo. Ele não fixava o olhar em ninguém, nem na mãe, nem no pai. Um ano, e ele mal falava. Na escola, não brincava com ninguém e, se brincava, não conseguia entender os brinquedos. Não tinha amigos, pois não se interessava por ninguém. Vivia fechado em seu mundo particular. Alguém diria que era insensível, que vivia no “mundo da lua”. Pois tudo o que fazia era ficar num canto, empilhando objetos, repetindo frases, sozinho. (ANEXO I)

Descrição do autismo

A segunda descrição que identificamos foi a do autismo. O autismo é descrito em todas as matérias pelas suas características, sendo as mesmas ilustradas pelos sujeitos

enunciadores através da descrição dos comportamentos de autistas. Além do autismo propriamente dito, é também descrita a síndrome de asperger (uma espécie de autismo, só que mais funcional). Sobre o que foi exposto, vejamos os excertos (4) e (5) abaixo, ambos retirados da matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”.

- (4) (...) não é um transtorno, mas um grande espectro de diferentes transtornos de causas desconhecidas, que se convergem em 3 traços fundamentais em comum. Primeiro, o autista não vê as pessoas como indivíduos, mas como objetos. E, sem empatia, vive em um mundo só seu. Segundo, tem grave dificuldade de comunicação e, portanto, é incapaz de demonstrar o que quer ou sente. E, terceiro, é preso à rotina. Ele repete comportamentos obsessivos por muito tempo, seja falar a mesma frase várias vezes sem contexto, seja organizar objetos a esmo. (ANEXO II)
- (5) Portadores do transtorno de Asperger têm a mesma dificuldade para socializar, criar relações afetivas, comunicar-se, além da propensão a comportamentos repetitivos e solitários. Mas há uma diferença brutal em relação a outros autistas. Seu QI é acima da média. Às vezes, muito acima. (ANEXO II)

Como podemos observar, no excerto (5), faz parte da descrição da síndrome de asperger uma comparação com o autismo propriamente dito. Em nossa análise, constatamos que essa ação ocorre em todas as matérias que constituem o nosso corpus de pesquisa.

Descrição de pesquisas sobre o autismo

A terceira descrição que identificamos é a de pesquisas sobre o autismo. Nessa descrição, são definidos tanto especificamente (nomes de cientistas ou pesquisadores e de instituições de pesquisa) quanto genericamente (cientistas ou pesquisadores, que funcionam como hiperônimos) os atores envolvidos assim como enumeradas as suas descobertas relacionadas ao autismo.

Essa descrição aparece em duas das três matérias que constituem o nosso corpus de análise, com exceção da matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, que não tem como proposta tratar do autismo sob o aspecto científico, mas social, tanto que a seção dessa matéria se diferencia de outras como “Saúde” ao invés de “Ciência”. Sobre o que foi dito, vejamos os excertos (6) e (7) abaixo, ambos retirados da matéria “Em que planeta você mora?”.

- (6) Após testar a memória de 24 pessoas, oito delas autistas, pesquisadores da Universidade Estadual de Ohio, nos Estados Unidos, concluíram que os autistas foram

superiores em algumas provas. O motivo? A dificuldade que eles têm de perceber o contexto transforma-se numa vantagem para gravar coisas específicas, como nomes e números. Entre as pessoas normais geralmente acontece o contrário: ao ouvir a palavra mar, por exemplo, o cérebro faz automaticamente uma série de associações indiretas: oceano, sol, verão, férias, praia, biquínis... Enfim, aciona todo um universo associado ao contexto da palavra, admite conotações etc. Já os autistas não associam mar com verão ou com praia. (ANEXO III)

- (7) Pesquisas indicam que infecções pré-natais – como rubéola, caxumba, sífilis e herpes – podem estar relacionadas com as causas do autismo. Mas não se sabe ainda qual interação de vírus e bactérias determinaria a ocorrência da síndrome. No Brasil, a pesquisadora paulista Eneida Matarazzo está publicando uma polêmica tese sobre o assunto. (ANEXO III)

Médica do Departamento de Psiquiatria do Hospital das Clínicas em São Paulo, Eneida defende que alguns casos de autismo têm origem numa resposta errada do sistema imunológico a determinados tipos de vírus e bactérias. Depois de usar medicamentos imunossupressores em crianças que apresentaram quadros de autismo após infecções bacterianas, ela diz que conseguiu em alguns casos reverter os sintomas. (ANEXO III)

Descrição de pais de autistas

A quarta descrição que identificamos foi a de pais de autistas. Os pais de autistas são descritos por meio de nomes especificativos e, nas matérias, são descritas as suas ações, as suas reações e os seus sentimentos diante das descobertas de autismo dos seus filhos e as incertezas sobre os seus futuros. Esse tipo de descrição foi identificado em todas as matérias do nosso corpus de pesquisa. Nessa descrição, chamou-nos a atenção o uso da citação direta (fala dos pais). Sobre o que foi dito, vejamos os excertos (8) e (9) abaixo, ambos retirados da matéria “Em que planeta você mora?”.

- (8) Mesmo sendo uma profissional da área médica, Eliana demorou meses para compreender (e aceitar) o estranho comportamento do filho. Quando soube que Daniel era autista correu com o marido à livraria e comprou tudo o que encontrou sobre o tema. “Na faculdade e nos consultórios de amigos pediatras, o autismo é um problema distante”, diz Eliana. O pai de Daniel, o também cirurgião Antonio Cesar Martini, sabia igualmente muito pouco sobre o assunto. “O autismo, para mim, era coisa de cinema.” (ANEXO I)
- (9) Apesar de perceberem uma evolução no comportamento do filho, os pais de Vinícius – como quase todos os familiares de autistas – não sabem se ele um dia terá uma profissão ou mesmo uma vida considerada normal. (ANEXO I)

Descrição da importância do diagnóstico precoce de autismo

A quinta descrição que identificamos foi a da importância do diagnóstico precoce de autismo. Essa descrição aparece no final das matérias de Rodrigo Cavalcante e de Willian Vieira, servindo como um alerta para o público-leitor, como podemos observar nos excertos (10) e (11) abaixo, retirados das matérias “Em que planeta você mora?” e “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, respectivamente.

- (10) Uma coisa é certa: quanto mais cedo a criança for estimulada, maiores as chances de independência no futuro. Daí a importância do diagnóstico precoce. Antes de a criança completar 2 anos de idade, já é possível perceber sintomas do autismo. (ANEXO I)
- (11) Quando o diagnóstico é precoce, a criança pode ser tratada com ajuda da terapia familiar e desenvolver certas aptidões, como socializar-se um pouco mais e melhorar a linguagem. Terapia comportamental, que reforça comportamentos positivos com prêmios, pode ensiná-lo a mostrar o que quer. E remédios também atenuam alguns sintomas. Embora não haja medicamentos específicos para o autismo, eles atenuam sintomas como agressividade e depressão. (ANEXO II)

Outras descrições que foram identificadas

Além das cinco descrições supracitadas, foram identificadas outras que não apresentaram frequência ou recorrência no corpus de pesquisa, como: descrição das causas para o aumento dos investimentos em pesquisa sobre o autismo, ver excerto (12) abaixo, e a descrição do uso de novas tecnologias na socialização dos autistas, ver excerto (13) abaixo, ambos retirados das matérias “Em que planeta você mora?” e “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”.

- (12)(...) o aumento de casos diagnosticados e a consequente pressão da sociedade está fazendo com que as pesquisas sobre o autismo recebam mais atenção – e mais verbas. (ANEXO I)
- (13) Enquanto muita gente vê a interação pelas redes sociais como artificial ou distante, para alguns autistas é o paraíso. Com tempo para escrever, apagar e editar, eles se sentem confortáveis para traduzir o que se passa no mundo deles – e todo mundo ganha com isso. (ANEXO III)

Para fecharmos a abordagem sobre os modos de organização do discurso, veremos, a seguir, o modo de organização narrativo.

3.6 A narração enquanto modalidade de organização do discurso

Para finalizar, na fundamentação teórica deste trabalho de pesquisa, tratamos também do modo de organização narrativo. Ao nos determos sobre esse modo de organização do discurso, vimos que o sujeito enunciador, na produção do seu ato de linguagem, assume o papel de narrador ou de relator de uma estória (se ficcional) ou história (se factual), que consiste na realização de uma ou mais ações motivadas por um ou mais personagens no espaço e no tempo.

Ao analisarmos as três matérias publicadas pela revista *Superinteressante* que constituem o nosso *corpus* de pesquisa, identificamos que o modo de organização narrativo aparece em duas das três matérias. São elas: “Em que planeta você mora?” (2000), assinada pelo jornalista Rodrigo Cavalcante, e “Autismo – ilhados em seu próprio mundo” (2012), assinada pelo jornalista Willian Vieira.

Em ambas as matérias, o mundo narrado ou relatado é apresentado para o público-leitor e organizado linguística e discursivamente de maneira semelhante. Nas duas, os actantes são crianças: Daniel²⁶ na matéria “Em que planeta você mora?” e Russel na matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”. A partir de um recorte narrativo e da descrição das ações dos protagonistas no espaço e no tempo, o tema “autismo” e as informações relacionadas ao tema (como autonomia, memória e socialização dos autistas) são apresentados ao público-leitor das matérias. Isso nos permite concluir que a narrativa ou o relato funcionam como elementos de captação do leitor (prender a sua atenção) e de ilustração de aspectos referentes a transtorno apresentados nas matérias. Vejamos como isso acontece nos excertos abaixo.

Recorte narrativo

(14) “Há algo de estranho nas fotos de Daniel.” (ANEXO I)

(15) “Quando o menino Russell nasceu, parecia perfeitamente ‘normal’.” (ANEXO III)

Como podemos perceber, por meio dos excertos (1) e (2), ao fazer uso dos recortes narrativos, os sujeitos enunciadores introduzem as suas matérias, instigando o público-leitor a lê-las. Isso ocorre devido ao modo como o Rodrigo Cavalcante e o William Vieira apresentam

²⁶ Além de Daniel, na matéria “Em que planeta você mora?”, são apresentados mais dois personagens autistas. São eles, Jefferson (um adolescente) e Vinícius (uma criança). Ambos os personagens ocupam menos espaços na matéria e são apresentados apenas para ilustrar informações referentes ao autismo. Discorreremos sobre eles nas próximas páginas.

as matérias, relatando uma situação incomum, com o objetivo de gerar suspense nos seus interlocutores, que lerão mais do conteúdo das matérias para saber (motivação) o que há de “estranho” nas fotos de Daniel e por que Russel “parecia perfeitamente normal” quando nasceu (com destaque para o uso das aspas na palavra “normal”). Essa é uma estratégia eficaz, característica dos textos narrativos, a saber, a apresentação de uma situação-problema, que gera suspense no interlocutor sobre o desenvolvimento e a conclusão da estória ou história relatada.

Descrição das ações dos protagonistas no espaço e no tempo

Após a apresentação da situação-problema, em ambas as matérias, de maneira análoga ou semelhante, os sujeitos enunciadorees passam a descrever os cenários (casa, escola) em que estão incluídos os actantes (Daniel e Russel), momento esse em que acrescentam outros personagens próximos ou relacionados aos protagonistas (familiares e amigos), permeando a narrativa ou o relato de ações e/ou reações (a maioria delas relacionadas à interação, como “brincar”, “olhar”, “falar”) desses personagens diante de determinadas situações. Esses elementos são apresentados e organizados dessa maneira para conduzir os leitores a determinadas conclusões, que, provavelmente, vão de encontro à situação-problema. De fato, há algo de “estranho” nas fotos de Daniel e quando Russel nasceu “parecia perfeitamente normal”. Como podemos observar nos excertos abaixo, a situação-problema não é “resolvida” no primeiro parágrafo, o que mantém o clima de suspense, que será “solucionado” no segundo parágrafo das duas matérias.

- (16) Seja na pose descontraída ao lado da irmã mais nova, Karen, seja com a família no porta-retratos da sala, seu olhar está sempre ausente. É como se ele não estivesse ali. Bem, de certa forma, ele não está mesmo. (ANEXO I)
- (17) Quando o menino Russell nasceu, parecia perfeitamente “normal”. Só que seus olhos, de um profundo azul, logo diriam tudo. Ele não fixava o olhar em ninguém, nem na mãe, nem no pai. Um ano, e ele mal falava. Na escola, não brincava com ninguém e, se brincava, não conseguia entender os joguinhos. Não tinha amigos, pois não se interessava por ninguém. Vivia fechado em seu mundo particular. Alguém diria que era insensível, que vivia no “mundo da lua”. Pois tudo o que fazia era ficar num canto, empilhando objetos, repetindo frases, sozinho. (ANEXO III)

Antes de nos determos na análise discursiva do segundo parágrafo de ambas as matérias, chamou-nos a atenção a intervenção que Rodrigo Cavalcante e William Vieira

fazem nos seus discursos sobre os protagonistas Daniel e Russel. Enquanto o primeiro aprecia explicitamente (“É como se ele não estivesse ali. Bem, de certa forma, ele não está mesmo.”), o segundo aprecia implicitamente, fazendo uso de um terceiro (“alguém” em “Alguém diria que era insensível, que vivia no ‘mundo da lua’. Pois tudo o que fazia era ficar num canto, empilhando objetos, repetindo frases, sozinho.”).

A “resolução” da situação-problema ocorre no início do segundo parágrafo da matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, momento em que é explicitado pelo sujeito enunciativo que Russel é autista (“Russel é autista...”). A mesma ação só acontece na matéria “Em que planeta você mora?” próximo do final do segundo parágrafo, depois de o sujeito enunciativo deslocar o enquadre narrativo para dois outros personagens, a mãe e o pai, momento esse em que passa a descrever as ações da mãe e do pai de Daniel entre a descoberta (“Quando soube que Daniel era autista...”) e a aceitação da situação atípica do filho. Como podemos observar no excerto abaixo, o segundo parágrafo da matéria de Willian Vieira é permeado pela continuidade das descrições das ações do menino Russel (quase metade do parágrafo), os depoimentos e as ações da mãe (Eliana Steinman) e do pai (Antônio César Martini) do garoto.

- (18) Até os 2 anos, Daniel não falava. Quando falou, em vez do esperado “mamãe”, a primeira palavra que disse foi “acabou”, logo após a mãe desligar o vídeo do desenho animado Toy Story. E foi só, por alguns meses. Ele não respondia aos chamados dos pais nem brincava com outras crianças. Ficava horas trancado dentro do guarda-roupa – a sede da sua espécie de planeta paralelo. “Parecia que tinham roubado a alma dele”, diz a mãe, a cirurgiã paulista Eliana Steinman. Mesmo sendo uma profissional da área médica, Eliana demorou meses para compreender (e aceitar) o estranho comportamento do filho. Quando soube que Daniel era autista correu com o marido à livraria e comprou tudo o que encontrou sobre o tema. “Na faculdade e nos consultórios de amigos pediatras, o autismo é um problema distante”, diz Eliana. O pai de Daniel, o também cirurgião Antonio Cesar Martini, sabia igualmente muito pouco sobre o assunto. “O autismo, para mim, era coisa de cinema.” (ANEXO I)

Outros personagens são citados na matéria “Em que planeta você mora?”, de Rodrigo Cavalcante, contudo, não possuem o mesmo enquadre nem ocupam o mesmo espaço que o personagem Daniel no discurso. São eles, Jefferson (um adolescente) e Vinícius (uma criança). Seus relatos são mais pontuais e servem apenas para ilustrar uma afirmação feita pelo sujeito enunciativo sobre o autismo, como podemos ver nos excertos abaixo.

- (19) Jefferson é um bom exemplo dos paradoxos enfrentados por um autista de “alto nível”. Ele começou a ler pouco antes de completar 4 anos, mas só escreveu aos 8.

Fala inglês, tem um excelente ouvido para a música e uma memória privilegiada. Ao encontrar um funcionário da TV Cultura de São Paulo, Jefferson mandou um abraço para quase toda a equipe técnica da emissora, dizendo os nomes um a um – ele os conhecia de ler os créditos que sobem na tela ao final do programa. Em compensação, Jefferson tem dificuldade para entender um sentimento tão comum como a tristeza que sentimos diante da morte de alguém de que gostamos. E tem problemas para escrever redações no colégio – não consegue abstrair. (ANEXO I)

O curioso é que essa dificuldade que Jefferson tem para criar cenários e imaginar situações pode estar estritamente ligada à sua aguçada capacidade de reter informações e lembrar delas depois. (ANEXO I)

- (20) Um dos maiores pesadelos dos pais de autistas é a perspectiva de ver seus filhos dependerem de outras pessoas o resto de suas vidas. “Minha maior preocupação é com o futuro”, diz a pedagoga paulista Livânia Trivilin, mãe de Vinícius, um autista de 8 anos. Vinícius passa metade do dia numa escola especial da Associação dos Amigos do Autista (AMA), em São Paulo. Lá, as professoras e as orientadoras passam horas tentando estimulá-lo a participar de atividades com outras crianças – enquanto ele parece mais interessado em permanecer junto à janela com o olhar perdido no horizonte. Apesar de perceberem uma evolução no comportamento do filho, os pais de Vinícius – como quase todos os familiares de autistas – não sabem se ele um dia terá uma profissão ou mesmo uma vida considerada normal. Até lá, a maioria dos pais tenta de tudo. Terapia, natação, sessões com fonoaudiólogos. (ANEXO I)

Passaremos agora, às estratégias discursivas utilizadas pela revista *Superinteressante* para persuasão dos leitores.

3.7 A construção da legitimidade

Como vimos na fundamentação teórica deste trabalho, por meio da estratégia de legitimidade, o sujeito comunicante busca ou é autorizado a produzir o seu discurso pelo sujeito interpretante. É possível que, sem essa autorização, o sujeito comunicante fosse impedido de produzir o seu discurso para o sujeito interpretante ou não poderia contar com ele para tal ato.

Isso fica claro no caso do discurso midiático, no qual o público opta pelo acesso à matéria. Com o uso de palavras-chave em ferramentas de pesquisa como o Google, o público tem acesso a um grande número de links, páginas e/ou sites. Por conta disso, ele precisa filtrar suas opções, visto que o sujeito interpretante, provavelmente, não tem tempo nem interesse de acessar tudo o que está disponível a um clique.

No que diz respeito a isso, uma parcela representativa do público-leitor brasileiro opta por sites largamente conhecidos, como a *Superinteressante*, e podemos apontar quatro

motivos bastante persuasivos para isso. São eles: (1) é uma revista de circulação nacional; (2) tem 31 anos de existência (foi criada em 1987); (3) o conteúdo de suas matérias é científico; e (4) comparada a artigos científicos e a outras revistas do tipo, sua linguagem é mais simples e, conseqüentemente, mais clara.

Os quatro motivos acima listados funcionam da seguinte forma, a saber, (1) alcance: a revista está disponível a todas as pessoas do país; (2) histórico: há trinta e um anos a revista publica matérias; (3) conteúdo: os conteúdos publicados pela revista são de ordem científica; e (4) compreensão: a linguagem mais simples nas matérias facilita a compreensão do leitor sobre o seu conteúdo. Assim por meio desses elementos, o público crê que todo o conteúdo da Superinteressante é atualizado, objetivo e verídico.

Voltando-nos especificamente para as três matérias que constituem o nosso corpus de análise discursivo, constatamos que os sujeitos comunicantes aparecem explícitos em todas elas. São eles: Rodrigo Cavalcante (na matéria “Em que planeta você mora?”), Willian Vieira (na matéria “Autismo – Ilhados em seu próprio mundo”) e Ana Carolina Leonardi (na matéria “6 autistas contam como é ter autismo”). Chamou-nos a atenção o fato de que, apenas na segunda matéria, ser explicitado o corpo jornalístico, por meio da expressão “Da redação”, como podemos constatar na figura abaixo.

Figura 3: Página da matéria “Autismo- ilhados em seu próprio mundo”

The image shows a screenshot of a web article from the 'SUPER INTERESSANTE' website. The page has a red header with the site's logo and navigation links for 'Vídeos', 'Blogs', 'Arquivo', and 'Science Kombat'. The article is categorized under 'Ciência' and has the title 'Autismo - Ilhados em seu próprio mundo'. The sub-headline reads: 'A medicina dá os primeiros passos para desvendar a origem da misteriosa condição, que atinge uma em cada mil pessoas'. The author is listed as 'Por Da Redação' with a publication date of '31 out 2016, 18h52 - Publicado em 19 maio 2012, 22h00'. The author's name, 'Willian Vieira', is displayed next to a vertical list of social media sharing icons (Facebook, Twitter, Email, Print, and a menu icon). The beginning of the article text is visible, starting with 'Quando o menino Russell nasceu, parecia perfeitamente "normal". Só que seus olhos, de um profundo azul, logo diriam tudo. Ele não fixava o olhar em ninguém, nem na mãe, nem no pai. Um ano, e ele mal falava. Na escola, não brincava com ninguém e, se brincava, não conseguia entender os joguinhos. Não tinha amigos, pois não se interessava por ninguém. Vivía fechado em seu mundo particular. Alguém diria que era insensível, que vivia no "mundo da lua". Pois tudo o que fazia era ficar num canto, empilhando objetos, repetindo frases, sozinho.'

Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/autismo-ilhados-em-seu-proprio-mundo/>

Acesso em: 30.07.17

Após uma pesquisa no site da revista Superinteressante, constatamos que a mesma não possui uma seção sobre os sujeitos que compõem ou compuseram o seu corpo jornalístico. Contudo, por meio da ferramenta de pesquisa *Google*, encontramos informações sobre os três jornalistas, que julgamos insuficientes ou escassas. De acordo com site Agenda A, Rodrigo Cavalcante é:

Jornalista pela Universidade de São Paulo (USP), foi repórter das revistas *Veja* e *Você S.A.*, editor da revista *Superinteressante*, redator-chefe da revista *Aventuras na História*, além de editor-geral dos jornais *Gazeta de Alagoas* e *Correio da Bahia*. Especialista em Jornalismo Político pela Universidade de Navarra, Espanha, ganhou o Prêmio Excel de Jornalismo do jornal *O Estado de S. Paulo*, assim como recebeu o Destaque de Reportagem Geral em 2002, 2005 e 2006 pela Editora Abril. É autor dos livros *Islã e Jesus*, da Coleção Para Saber Mais, ambos publicados pela Editora Abril. Foi diretor de conteúdo da TV Pajuçara (Record), onde atualmente apresenta o programa semanal de entrevistas *Pajuçara 360°*. (Fonte: <http://www.agendaa.tnh1.com.br/redacao>)

Já o Willian Vieira, de acordo com o site Escavador:

Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006) e experiência como jornalista na área de cultura, com ênfase em literatura, perfis, crônicas e obituários. Tem especialização em Jornalismo Literário e mestrado em Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo (2014), onde desenvolveu pesquisa sobre coletâneas de obituários, na linha de Crítica da Cultura. Atualmente é doutorando do programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da Universidade de São Paulo, onde pesquisa escritas de si e, especificamente, autoficção na França e no Brasil. (Fonte: <https://www.escavador.com/sobre/875142/willian-vieira>)

Por fim, encontramos, no site *LinkedIn*, apenas a seguinte informação sobre Ana Carolina Bernardi: “Repórter / Revista Superinteressante / Abril de 2016 – Até o momento”.

Essas informações nos dão pistas para que possamos delimitar, em nossa pesquisa, quem são os sujeitos comunicantes das três matérias, visto que os dados disponíveis permitem relacioná-los, ainda que indiretamente, aos seus discursos. Nos dois primeiros casos, as informações que julgamos relevantes foram: Rodrigo Cavalcante foi editor da revista *Superinteressante* e Willian Vieira tem experiência na área de cultura. Tais informações justificam determinadas marcas enunciativas que veremos mais adiante, ao analisarmos os modos de organização do discurso.

Aliado a isso, por se tratar de um gênero jornalístico e o seu conteúdo ser de cunho científico, é comum que o sujeito enunciativo se ausente ou se distancie daquilo que diz em

seu discurso (para isso, fazendo uso consciente do comportamento delocutivo). Uma exceção dessa situação seja, talvez, Rodrigo Cavalcante, que, em dois momentos do seu discurso, faz uso do pronome e do verbo na terceira pessoa do plural, inserindo-se naquilo que diz, ainda que de maneira genérica: “A verdade é que ainda sabemos muito pouco sobre o autismo.” e “(...) existe o ‘eu’ (nossa visão do mundo) (...)” (Ver Anexo I).

Com base nisso, acreditamos que a estratégia de legitimidade nesse dispositivo de encenação da linguagem não está vinculada aos jornalistas que assinaram as matérias, mas na revista Superinteressante, que as publicou em suas edições impressas e, atualmente, as disponibiliza em seu site, tendo em vista os quatro motivos apresentados nos primeiros parágrafos deste item (alcance, histórico, conteúdo e compreensão), que, a nosso ver, legitimam a revista para o público-leitor, dando-lhe o direito de se expressar sobre o tema.

Abordaremos a seguir, a estratégia de credibilidade.

3.8 A busca da credibilidade

Ao analisarmos as matérias “Em que planeta você mora?”, “Autismo – ilhados em seu próprio mundo” e “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, identificamos nove estratégias de credibilidade. São elas: apresentação de dados estatísticos; citação de filmes sobre a temática e de personalidades autistas; comparações e explicações; contextualização histórica; depoimentos de autistas, cientistas, pais e/ou profissionais por meio de citação direta e explicitação dos nomes e procedências; opiniões de especialistas; linguagem científica; nome da revista e nome da seção.

Apresentação de dados estatísticos

A primeira estratégia consiste na apresentação de dados estatísticos referentes ao número de crianças diagnosticadas como autistas no mundo, mais especificamente, nos Estados Unidos, todavia, faz-se necessário ressaltar, esses dados não são precisos, mas aproximativos ou especulativos, visto que a palavra “estimada” (que significa, de acordo com o dicionário Houaiss, “valor aproximado”). No entanto, a alusão aos dados produz no imaginário do leitor uma imagem de credibilidade.

Vale ressaltar que, mesmo com base nos dados apresentados e nas pesquisas que empreendemos sobre o autismo (“origem”, “características”, “números”, “tratamentos”, “relatos”, dentre outros), nos últimos anos, embora se tenha avançado muito nos diagnósticos

do espectro ou do transtorno autista, ainda não é possível afirmar, principalmente na primeira infância (entre 0 e 5 anos), que um indivíduo seja autista.

No Brasil, infelizmente, não há ainda nenhum estudo aprofundado sobre o número de autistas existentes do país. Ao invés disso, nosso país faz uso dos dados de um órgão de pesquisa norte-americano, a CDC – *Center of Diseases Control and Prevention* – (Centro de Controle e Prevenção de Doenças).

A estratégia de apresentação de dados estatísticos foi identificada em apenas uma das matérias, “Em que planeta você mora?”, publicada em 2000.

Vejamos os excertos abaixo:

- (1) “Até há alguns anos, sua incidência (o autismo) era estimada em um caso para cada 1000 crianças.” (ANEXO I)
- (2) “Nos Estados Unidos, uma em cada 500 crianças apresenta sintomas de autismo (...)” (ANEXO I)

Citação de filmes sobre a temática e de personalidades autistas

A segunda estratégia consiste na citação a filmes que são referências sobre a temática e a personalidades autistas conhecidas mundialmente.

“Rain Man” é, provavelmente, o filme mais conhecido do grande público sobre o tema. Produzido em 1988, nos Estados Unidos, a obra cinematográfica nos apresenta o personagem Raymond Babbitt, um homem que possui problemas de autonomia (como não saber abotoar as próprias roupas, calçar os seus sapatos, escovar os seus dentes, precisando que alguém lhe faça isso) e dificuldades de interação social (ele não consegue manter contato visual com o seu interlocutor por um tempo significativo, tem dificuldades de estabelecer um diálogo, repete aleatoriamente frases, “jingles” que assiste na televisão, e é dependente de uma rotina, sem a qual entra em crise), mas com uma habilidade incomum, que é a capacidade de fazer, sem auxílio de instrumentos e em poucos segundos, cálculos complexos (“de cabeça”). Conhecido hoje pela terminologia científica de “savant”, Raymond é um autista com um grau complexo de inteligência, todavia, com um grave prejuízo social.

Já Temple Grandin é uma asperger mundialmente conhecida tanto por sua história, quanto por seu trabalho e seu engajamento. Bacharel em Psicologia e pós-graduada em Zootecnia, Grandin tem contribuído para que animais de fazendas sejam tratados de maneira mais “humanizada”. Baseando-se em um aparelho que prendia esses animais para vacinação,

criou para si uma “máquina do abraço”, que a acalmava em momentos de estresse²⁷. Somado a isso, Temple foi uma das primeiras autistas a conseguir expressar o que pensava e sentia, o que contribuiu e ainda contribui bastante para que pesquisadores, especialistas, familiares, amigos e autistas saibam mais sobre o transtorno como lidar com ele. Da década de 80 até os dias atuais, publicou livros e artigos sobre o transtorno e, em 2010, teve sua vida retratada em um filme homônimo.

Menos conhecido que os demais, Vernon Smith é um neuroeconomista norte-americano agraciado, em 2002, com o Prêmio Nobel (Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel). Em seu discurso de agradecimento, Smith atribuiu a conquista ao autismo, por conseguir durante horas se concentrar em seu trabalho.

Outras personalidades “autistas” citadas nas matérias da revista Superinteressante são Mozart, Andy Warhol, Franz Kafka e George Orwell. Todavia, faz-se necessário ressaltar que tais citações se baseiam em especulações feitas pelo psiquiatra irlandês Michael Fitzgerald, que baseou seus “diagnósticos” nos estilos de vida dessas pessoas.

Essa estratégia foi identificada em duas matérias, “Em que planeta você mora?” e “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, publicados em 2000 e 2012, respectivamente.

Trechos:

“Em que planeta você mora?”

- (3) “(...) o distúrbio interpretado por Dustin Hoffman no filme Rain Man (...)”(ANEXO I)
- (4) “É o caso (asperger) da americana Temple Grandin. Com seu PhD em Psicologia, Temple escreve livros e artigos que contam em primeira pessoa como é ser autista.” (ANEXO I)

“Autismo – ilhados em seu próprio mundo”

- (5) “Esta é a história de Mozart...” (ANEXO II)
- (6) “(...) Mozart, Andy Warhol, Franz Kafka e George Orwell eram gênios autistas.” (ANEXO II)
- (7) “Daí os casos como o do economista Vernon Smith, que, ao ganhar o prêmio Nobel, atribuiu o prêmio ao autismo.” (ANEXO II)

Comparações e explicações

²⁷ Muitos autistas são hipersensíveis a toques e costumam se machucar em momentos de crise, momento em que não conseguem mais “administrar” tantos estímulos exteriores olfativos, sonoros, táteis e visuais. A “máquina de abraçar” fazia com que Temple Grandin não sentisse desconforto ao ser tocada ao mesmo tempo que evitava que se machucasse.

A terceira estratégia consiste na comparação e/ou na explicação sobre o que é o transtorno do espectro autista.

Para isso, são feitas comparações entre os cérebros e os comportamentos dos autistas e dos “neurotípicos”²⁸, apresentadas informações sobre o autismo (“o que é” e “características”) e descritos os comportamentos prototípicos dos autistas (como compreendem e reagem ao que lhes é exterior: seres, objetos e situações).

Essa estratégia foi identificada nas três matérias, “Em que planeta você mora?” e “Autismo – ilhados em seu próprio mundo” e “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, publicados em 2000, 2012 e 2017, respectivamente.

Trechos:

“Em que planeta você mora?”

- (8) “Num cérebro considerado normal, a visão de faces humanas ativa o giro fusiforme, uma pequena região no córtex cerebral. Nosso olhar tende sempre a seguir a trajetória dos rostos (...). No cérebro de um autista, as imagens de faces são processadas por uma região usada para a percepção de objetos inanimados, chamada de Giro Inferior Temporal. Comparando o trajeto do olhar autista (...) sobre a mesma foto, entendemos a dificuldade que o autista tem de decifrar intenções faciais.” (ANEXO I)

“Autismo – ilhados em seu próprio mundo”

- (9) “(...) não é um transtorno, mas um grande espectro de diferentes transtornos de causas desconhecidas, que se convergem em 3 traços fundamentais em comum. Primeiro, o autista não vê as pessoas como indivíduos, mas como objetos. E, sem empatia, vive em um mundo só seu. Segundo, tem grave dificuldade de comunicação e, portanto, é incapaz de demonstrar o que quer ou sente. E, terceiro, é preso à rotina. Ele repete comportamentos obsessivos por muito tempo, seja falar a mesma frase várias vezes sem contexto, seja organizar objetos a esmo.” (ANEXO II)

- (10) “(...) como esses aspectos interferem na vida da pessoa, em que grau e associado a quais atitudes varia muito. Há casos mais graves, quando há um retardo mental sério e a criança não aprende a falar praticamente nada. Nem sequer os pais ela consegue reconhecer. São as imagens que se veem na televisão de crianças girando em torno de si mesmas durante horas, completamente isoladas em seu mundo. Já em outros caos, a criança fala, pode até ficar repetindo uma frase que ouviu do vizinho ou viu na TV, mas não consegue se comunicar. Entende enunciado simples, mas não interpreta nada além, muito menos figuras de linguagem, como metáforas.” (ANEXO II)

“6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”

- (11) “(...) um dos sintomas mais marcantes do autismo é a dificuldade na comunicação. (...) o autismo não é uma doença propriamente dita e sim um espectro de distúrbios, de diferentes intensidades e características.” (ANEXO III)

²⁸ Terminologia utilizada por alguns pesquisadores, especialistas, familiares, amigos e autistas para se referir a não-autistas

Como podemos observar nos trechos acima, na matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, há uma maior presença dessa estratégia do que nas demais. Na matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, essa estratégia é apenas um fragmento.

Contextualização histórica

A quarta estratégia consiste em uma contextualização histórica sobre o autismo: a origem do termo, os primeiros diagnósticos do transtorno e o modo como os autistas e as pessoas próximas a eles eram vistos e tratados na sociedade²⁹.

Essa estratégia foi identificada em duas matérias, “Em que planeta você mora?” e “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, publicados em 2000 e 2012, respectivamente.

Trechos:

“Em que planeta você mora?”

- (12) “Descrito pela primeira vez em 1943 pelo psiquiatra americano Leo Kanner, não existe até hoje sequer um consenso sobre as suas causas.” (ANEXO I)
- (13) “Quase simultaneamente à catalogação do autismo por Leo Kanner, nos anos 40, o psiquiatra vienense Hans Asperger descreveu casos de autistas que não tinham grandes problemas de comunicação e de aprendizado.” (ANEXO I)

“Autismo – ilhados em seu próprio mundo”

- (14) “O termo autismo surgiria em 1912 – então, considerado apenas uma ‘alienação’ em pacientes com esquizofrenia. Só em 1943 o austríaco Leo Kanner falou de autismo como um transtorno propriamente dito. Na época achava-se que a causa era o ambiente em que a criança era criada. A culpa era dos pais. Hoje se acredita que a síndrome é causada por uma constelação de fatores diferentes, que não incluem influências psicológicas.” (ANEXO II)

Depoimentos de autistas, cientistas, pais e/ou profissionais por meio de citação direta e explicitação dos nomes e procedências

²⁹ Uma das hipóteses sobre a causa do autismo seria a ausência de afeto, amor, carinho e cuidado dos pais, mais especificamente, da mãe (hipótese da “mãe-geladeira”).

A quinta estratégia consiste nos depoimentos de autistas, cientistas, pais e/ou profissionais por meio de citação direta e explicitação dos nomes e procedências sobre questões relacionadas ao autismo.

Descobertas, esclarecimentos e relatos relacionados ao transtorno, ao diagnóstico e/ou ao tratamento foram identificados em todos os sujeitos comunicativos citados acima. Percebemos uma maior carga de distanciamento/objetividade nos depoimentos de cientistas e profissionais, e de proximidade/subjetividade nos depoimentos de autistas e pais³⁰.

Essa estratégia (largamente utilizada pela revista) foi identificada em duas matérias, “Em que planeta você mora?” e “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, publicados em 2000 e 2017, respectivamente.

Trechos:

“Em que planeta você mora?”

- (15) “‘Parecia que tinham roubado a alma dele’, diz a mãe, cirurgiã paulista Eliana Steinman.” (ANEXO I)
- (16) “O autismo, para mim, era coisa de cinema. (Antônio Cesar Martini, pai e cirurgião)” (ANEXO I)
- (17) “‘Daniel, hoje, aos 5 anos, ainda tem dificuldade para perceber se estou nem ou mal-humorada. Ao contrário da minha filha de 3 anos, que já sabe usar isso quando quer alguma coisa’, diz Eliana Steinman.” (ANEXO I)
- (18) “‘Isso explica a falta de reciprocidade no contato humano’, afirma o psiquiatra Ami Klin, da Escola de Medicina da Universidade de Yale. (ANEXO I)
- (19) “‘Quase sempre eles olham para a boca das pessoas, nunca enquadram os olhos ou o rosto inteiro’, diz Klin.” (ANEXO I)
- (20) “‘É difícil aceitar essa indiferença ao carinho’, diz a paulista Maria Aparecida Oliveira, mãe de Jefferson, um autista de 13 anos.” (ANEXO I)
- (21) “‘O problema é que a contextualização é crucial em quase todas as formas de aprendizado’, afirma David Beversdorf, co-autor da pesquisa da Universidade de Ohio.” (ANEXO I)
- (22) “‘Minha maior preocupação é com o futuro’, diz a pedagoga paulista Livânia Trivilin, mãe de Vinícius, um autista de 8 anos.” (ANEXO I)
- (23) “‘Tudo depende do nível de autismo da criança’, diz a psicóloga Ceres de Araújo, que trabalha com adolescentes autistas em São Paulo há mais de 10 anos.” (ANEXO I)
- (24) “O diploma é importante para quem? Para os pais ou para o autista? (Ceres de Araújo)” (ANEXO I)
- (25) “‘Acho que, no fundo, esperava que fosse outro problema’, diz a médica pediatra paulista Rita Kisukuri, mãe dos gêmeos autistas André e Alex, hoje com cinco anos.” (ANEXO I)

³⁰ Curiosamente, alguns desses pais são médicos e pedagogos, profissões que pressupõem competências e habilidades para lidar com o transtorno. Contudo, pelo teor de seus depoimentos, esses profissionais tiveram ou têm dificuldades de aceitar e/ou reconhecer que os seus filhos eram ou são autistas.

“6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”

- (26) “Sinto que sou parte de uma peça em que todos têm o roteiro – menos eu. (Usuário-Baconlightning)” (ANEXO II)
- (27) “Imagine estar em outro país onde você não fala a língua. Você tem um dicionário. Então você diz as palavras – mas a sintaxe está errada, a pronúncia e o sotaque também. (Usuário_mrhelmand)” (ANEXO II)
- (28) “Interações sociais que são naturais para os outros exigem muito planejamento. Eu tenho ‘listas mentais’ para todos os eventos sociais do universo. (Usuário_not-the-NSA)” (ANEXO II)
- (29) “Cada interação é como uma prova oral surpresa. Cada momento que passo na presença dos outros é um estudo de última hora para a prova. (Usuário_Gayore819)”
- (30) “Eu amo pessoas, mas elas têm que abrir exceções. Ser meu amigo significa aceitar que eu não vou saber que causei dano emocional por ser franca ou brusca. (Usuário_UnusualSoup)” (ANEXO II)
- (31) “Ser meu amigo significa entender que eu não posso *te encontrar* no shopping, você precisa passar em casa e ir comigo. (Usuário_UnusualSoup)” (ANEXO II)
- (32) “Nós temos dificuldades em ler as pessoas, mas certamente não nos falta empatia humana. Isso precisa ser dito. (Usuário_Frysaggregat)” (ANEXO II)

Opinião de especialistas

A sexta estratégia consiste na citação a especialistas e especialidades que lidam com o autismo e/ou o portador do espectro autista, divididos em três grandes áreas, a saber, ciência, educação e saúde.

Alguns desses nomes são bastante conhecidos pela contribuição que deram no diagnóstico e/ou no tratamento do transtorno (Hans Asperger, Leo Kanner e Temple Grandin). Outros são citados apenas pelos papéis que desempenham em instituições de pesquisa (pesquisadores das universidades de Ohio e Yale). E um, em especial, não é um sujeito físico, mas jurídico (a revista científica Nature).

Essa estratégia foi identificada em duas matérias, “Em que planeta você mora?” e “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, publicados em 2000 e 2012, respectivamente.

Trechos:

“Em que planeta você mora?”

- (33) Amin Klin, psiquiatra, da Escola de Medicina da Universidade de Yale. (ANEXO I)
- (34) Antônio César Martini, cirurgião. (ANEXO I)
- (35) Ceres de Araújo, psicóloga. (ANEXO I)
- (36) David Beversdorf, co-autor da pesquisa da Universidade de Ohio. (ANEXO I)
- (37) Eliana Steinman, cirurgiã. (ANEXO I)
- (38) Hans Asperger, psiquiatra vienense. (ANEXO I)

- (39) Leo Kanner, psiquiatra americano. (ANEXO I)
- (40) Livânia Trivilin, pedagoga paulista. (ANEXO I)
- (41) Pesquisadores da Universidade de Ohio, nos Estados Unidos. (ANEXO I)
- (42) Pesquisadores da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. (ANEXO I)
- (43) Rita Kisukuri, médica pediatra. (ANEXO I)
- (44) Temple Grandim, PhD em Psicologia. (ANEXO I)

“Autismo – ilhados em seu próprio mundo”

- (45) Leo Kanner, austríaco. (ANEXO II)
- (46) Michel Fitzgerald, psiquiatra. (ANEXO II)
- (47) Nature, revista científica. (ANEXO II)

Linguagem científica

A sétima estratégia consiste no emprego de uma linguagem mais adequada ao fazer científico: emprego da norma-padrão da língua escrita brasileira, de nomes e verbos na terceira pessoa, de termos técnicos relacionados ao autismo e de verbos no modo indicativo.

Essa estratégia foi identificada nas três matérias, “Em que planeta você mora?”, “Autismo – ilhados em seu próprio mundo” e “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, publicados em 2000, 2012 e 2017, respectivamente.

“Em que planeta você mora?”

“Autismo – ilhados em seu próprio mundo”

“6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”

- (48) Linguagem adequada à norma-padrão da língua escrita brasileira.
- (49) Uso da terceira pessoa.
- (50) Uso de termos técnicos.
- (51) Uso de verbos no presente (predominante) e no pretérito do indicativo.

A seguir, apresentaremos um quadro resumindo a classificação das estratégias presentes nas matérias:

Matéria “Em que planeta você mora?” (31 de outubro de 2000)

Estratégias	Trechos
Citação a filmes sobre a temática e a personalidades autistas	(1) “(...) o distúrbio interpretado por Dustin Hoffman no filme Rain Man (...)” (2) “É o caso (asperger) da americana Temple Grandim. Com seu PhD em Psicologia, Temple escreve livros e artigos que contam em primeira pessoa como é ser autista.”

<p>Comparações e explicações</p>	<p>(3) “Num cérebro considerado normal, a visão de faces humanas ativa o giro fusiforme, uma pequena região no córtex cerebral. Nosso olhar tende sempre a seguir a trajetória dos rostos (...). No cérebro de um autista, as imagens de faces são processadas por uma região usada para a percepção de objetos inanimados, chamada de Giro Inferior Temporal. Comparando o trajeto do olhar autista (...) sobre a mesma foto, entendemos a dificuldade que o autista tem de decifrar intenções faciais.”</p>
<p>Contextualização histórica</p>	<p>(4) Descrito pela primeira vez em 1943 pelo psiquiatra americano Leo Kanner, não existe até hoje sequer um consenso sobre as suas causas.”</p> <p>(5) “Quase simultaneamente à catalogação do autismo por Leo Kanner, nos anos 40, o psiquiatra vienense Hans Asperger descreveu casos de autistas que não tinham grandes problemas de comunicação e de aprendizado.”</p>
<p>Depoimentos de autistas, cientistas, pais e/ou profissionais por meio de citação direta e explicitação dos nomes e procedências</p>	<p>(6) “‘Parecia que tinham roubado a alma dele’, diz a mãe, cirurgiã paulista Eliana Steinman.”</p> <p>(7) “O autismo, para mim, era coisa de cinema. (Antônio Cesar Martini, pai e cirurgião)”</p> <p>(8) “‘Daniel, hoje, aos 5 anos, ainda tem dificuldade para perceber se estou nem ou mal-humorada. Ao contrário da minha filha de 3 anos, que já sabe usar isso quando quer alguma coisa’, diz Eliana Steinman.”</p> <p>(9) “‘Isso explica a falta de reciprocidade no contato humano’, afirma o psiquiatra Ami Klin, da Escola de Medicina da Universidade de Yale.</p> <p>(10) “‘Quase sempre eles olham para a boca das pessoas, nunca enquadram os olhos ou o rosto inteiro’, diz Klin.”</p> <p>(11) “‘É difícil aceitar essa indiferença ao carinho’, diz a paulista Maria Aparecida Oliveira, mãe de Jefferson, um autista de 13 anos.”</p> <p>(12) “‘O problema é que a contextualização é crucial em quase todas as formas de aprendizado’, afirma David Beversdorf, co-autor da pesquisa da Universidade de Ohio.”</p> <p>(13) “‘Minha maior preocupação é com o futuro’, dia a pedagoga paulista Livânia Trivilin, mãe de Vinícius, um autista de 8 anos.”</p> <p>(14) “‘Tudo depende do nível de autismo da criança’, diz a psicóloga Ceres de Araújo, que trabalha com adolescentes autistas em São Paulo há mais de 10 anos.”</p> <p>(15) “O diploma é importante para quem? Para os pais ou para o autista? (Ceres de Araújo)”</p> <p>(16) “‘Acho que, no fundo, esperava que fosse outro problema’, diz a médica pediatra paulista Rita Kisukuri, mãe dos gêmeos autistas André e Alex, hoje com cinco anos.”</p>
<p>Especialistas</p>	<p>(17) Amin Klin, psiquiatra, da Escola de Medicina da Universidade de Yale.</p> <p>(18) Antônio César Martini, cirurgião.</p> <p>(19) Ceres de Araújo, psicóloga.</p> <p>(20) David Beversdorf, co-autor da pesquisa da Universidade de</p>

	<p>Ohio.</p> <p>(21) Eliana Steinman, cirurgiã.</p> <p>(22) Hans Asperger, psiquiatra vienense.</p> <p>(23) Leo Kanner, psiquiatra americano.</p> <p>(24) Livânia Trivilin, pedagoga paulista.</p> <p>(25) Pesquisadores da Universidade de Ohio, nos Estados Unidos.</p> <p>(26) Pesquisadores da Universidade de Yale, nos Estados Unidos.</p> <p>(27) Rita Kisukuri, médica pediatra.</p> <p>(28) Temple Grandin, PhD em Psicologia.</p>
Linguagem científica	<p>(29) Linguagem adequada à norma-padrão da língua escrita brasileira.</p> <p>(30) Uso da terceira pessoa.</p> <p>(31) Uso de termos técnicos.</p> <p>(32) Uso predominante de verbos no presente do indicativo.</p>
Apresentação de dados estatísticos, sem explicitação de fonte	<p>(33) “Até há alguns anos, sua incidência (o autismo) era estimada em um caso para cada 1000 crianças.”</p> <p>(34) “Nos Estados Unidos, uma em cada 500 crianças apresenta sintomas de autismo (...)”</p>

Matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo” (12 de maio de 2012)

Estratégias	Trechos
Citação a filmes sobre a temática e a personalidades autistas	<p>(1) “Esta é a história de Mozart...”</p> <p>(2) “(...) Mozart, Andy Warhol, Franz Kafka e George Orwell eram gênios autistas.”</p> <p>(3) “Daí os casos como o do economista Vernon Smith, que, ao ganhar o prêmio Nobel, atribuiu o prêmio ao autismo.”</p>
Comparações e explicações	<p>(4) “(...) não é um transtorno, mas um grande espectro de diferentes transtornos de causas desconhecidas, que se convergem em 3 traços fundamentais em comum. Primeiro, o autista não vê as pessoas como indivíduos, mas como objetos. E, sem empatia, vive em um mundo só seu. Segundo, tem grave dificuldade de comunicação e, portanto, é incapaz de demonstrar o que quer ou sente. E, terceiro, é preso à rotina. Ele repete comportamentos obsessivos por muito tempo, seja falar a mesma frase várias vezes sem contexto, seja organizar objetos a esmo.”</p> <p>(5) “(...) como esses aspectos interferem na vida da pessoa, em que grau e associado a quais atitudes varia muito. Há casos mais graves, quando há um retardo mental sério e a criança não aprende a falar praticamente nada. Nem sequer os pais ela consegue reconhecer. São as imagens que se veem na televisão de crianças girando em torno de si mesmas durante horas, completamente isoladas em seu mundo. Já em outros caos, a criança fala, pode até ficar repetindo uma frase que ouviu do vizinho ou viu na TV, mas não consegue se comunicar. Entende enunciado simples, mas não interpreta nada além, muito menos figuras de linguagem, como metáforas.”</p>

Contextualização histórica	(6) “O termo autismo surgiria em 1912 – então, considerado apenas uma ‘alienação’ em pacientes com esquizofrenia. Só em 1943 o austríaco Leo Kanner falou de autismo como um transtorno propriamente dito. Na época achava-se que a causa era o ambiente em que a criança era criada. A culpa era dos pais. Hoje se acredita que a síndrome é causada por uma constelação de fatores diferentes, que não incluem influências psicológicas.”
Depoimentos de autistas, cientistas, pais e/ou profissionais por meio de citação direta e explicitação dos nomes e procedências	...
Especialistas	(7) Leo Kanner, austríaco. (8) Michel Fitzgerald, psiquiatra. (9) Nature, revista científica.
Linguagem científica	(10) Linguagem adequada à norma-padrão da língua escrita brasileira. (11) Uso da terceira pessoa. (12) Uso de termos técnicos. (13) Uso proporcional de verbos no presente e no pretérito do indicativo.
Apresentação de dados estatísticos, sem explicitação de fonte	...

Matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit” (3 de fevereiro de 2017)

Estratégias	Trechos
Citação a filmes sobre a temática e a personalidades autistas	...
Comparações e explicações	(1) “(...) um dos sintomas mais marcantes do autismo é a dificuldade na comunicação. (...) o autismo não é uma doença propriamente dita e sim um espectro de distúrbios, de diferentes intensidades e características.”
Contextualização histórica	...
Depoimentos de autistas, cientistas, pais e/ou profissionais por	(2) Sinto que sou parte de uma peça em que todos têm o roteiro – menos eu. (Usuário-Baconlightning)” (3) “Imagine estar em outro país onde você não fala a língua. Você tem um dicionário. Então você diz as palavras – mas

meio de citação direta e explicitação dos nomes e procedências	<p>a sintaxe está errada, a pronúncia e o sotaque também. (Usuário_mrhelmand)”</p> <p>(4) “Interações sociais que são naturais para os outros exigem muito planejamento. Eu tenho ‘listas mentais’ para todos os eventos sociais do universo. (Usuário_not-the-NSA)”</p> <p>(5) “Cada interação é como uma prova oral surpresa. Cada momento que passo na presença dos outros é um estudo de última hora para a prova. (Usuário_Gayore819)”</p> <p>(6) “Eu amo pessoas, mas elas têm que abrir exceções. Ser meu amigo significa aceitar que eu não vou saber que causei dano emocional por ser franca ou brusca. (Usuário_UnusualSoup)”</p> <p>(7) “Ser meu amigo significa entender que eu não posso <i>te encontrar</i> no shopping, você precisa passar em casa e ir comigo. (Usuário_UnusualSoup)”</p> <p>(8) “Nós temos dificuldades em ler as pessoas, mas certamente não nos falta empatia humana. Isso precisa ser dito. (Usuário_Frysaggregat)”</p>
Especialistas	...
Linguagem científica	<p>(9) Linguagem adequada à norma-padrão da língua escrita brasileira.</p> <p>(10) Uso da terceira pessoa.</p> <p>(11) Uso de termos técnicos.</p> <p>(12) Uso predominante de verbos no presente do indicativo.</p>
Apresentação de dados estatísticos, sem explicitação de fonte	...

Para finalizar nossa análise, apresentaremos, a seguir, o último aspecto analisado: as estratégias de captação.

3.9 Evocando as estratégias de captação

Ao analisarmos as três³¹ matérias publicadas pela revista Superinteressante sobre o autismo, identificamos, no total, seis estratégias de captação. São elas (em ordem de apresentação):

- (1) Título da matéria;
- (2) Subtítulo da matéria;
- (3) Descrição de autistas e/ou de pais de autistas;
- (4) Depoimento de autistas;

³¹ “Em que planeta você mora?” (publicada em 2000), “Autismo – ilhados em seu próprio mundo” (publicada em 2012) e “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit” (publicada em 2017).

- (5) Depoimento de pais de autistas; e
- (6) Esclarecimento do sujeito locutor sobre aspectos relacionados ao autismo.

Título da matéria

A primeira estratégia de captação que identificamos na nossa análise foi o título. Com exceção da matéria “Em que planeta você mora?”, nas outras duas demais matérias, a palavra “autismo” aparece explícita no título.

Na matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, observamos que o aposto “ilhados em seu próprio mundo” delimita ou orienta o sentido do termo “autismo”, suscitando na “cabeça” do público-leitor a imagem de indivíduos isolados em um espaço muito pequeno, nesse caso, “dentro de suas próprias cabeças ou mentes”, imagem essa reforçada no discurso pelo personagem Russel ainda no primeiro parágrafo da matéria, que, devido a sua condição, não consegue se socializar nos espaços familiar e escolar.

Já na matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, notamos que, diferentemente da matéria anterior, na qual o autismo era o conteúdo central da mesma, nesse discurso, são os autistas. É possível perceber isso ao observar a posição que os termos “autistas” e “autismo” ocupam sintaticamente na oração, a saber, os papéis de sujeito e de complemento do verbo, respectivamente. Há, notadamente, uma contraposição de sentido entre essas duas matérias. Se, na primeira, devido a sua condição, os autistas não conseguem se socializar com o mundo, na segunda, eles compartilham o “seu mundo” com outros usuários das redes sociais (nesse caso, o “Reddit”).

Subtítulo da matéria

A segunda estratégia de captação que identificamos na nossa análise foi o subtítulo. Nos três subtítulos das matérias da revista Superinteressante, são apresentadas situações-problema que envolvem o universo autista (síndrome e portadores).

Na matéria “Em que planeta você mora?”, que tem como subtítulo “O autismo ainda impõe à ciência muitas perguntas sem resposta. Mas novas pesquisas jogam uma luz inédita sobre as causas, o seu tratamento e sobre como funciona a mente dos seus portadores”, a situação-problema é a ausência de respostas científicas sobre as causas do autismo (se ambientais, comportamentais e/ou genéticos) e como essa lacuna afeta o tratamento e a compreensão dos médicos acerca do funcionamento do cérebro dos autistas. Todavia, o

sujeito locutor apresenta, logo em seguida à situação-problema, uma possível solução, a saber, de que novas pesquisas possam talvez reverter essa situação, instigando, assim, a curiosidade do público-leitor sobre o conteúdo da matéria.

Na matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, que tem como subtítulo “A medicina dá os primeiros passos para desvendar a origem da misteriosa condição, que atinge uma em cada mil pessoas”, a situação-problema e a solução são parecidas com a anterior, contudo, chama a atenção os efeitos de sentido presentes no complemento verbal “primeiros passos” e na oração explicativa “que atinge uma em cada mil pessoas”. No primeiro caso, novidade e, no segundo caso, proporcionalidade. Ambos chamam atenção e instigam a curiosidade do público-leitor sobre o conteúdo da matéria.

Já na matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, que tem como subtítulo “Na internet, onde as dificuldades de comunicação não atrapalham tanto, eles foram provocados a expressar como é lidar com o espectro autista no dia a dia”, a situação-problema não está mais relacionada à ausência de respostas científicas sobre as causas do autismo, mas às dificuldades que os autistas têm de se expressarem. A solução para esse problema foi a internet, onde, segundo a matéria, “as dificuldades de comunicação não atrapalham tanto”. Nesse caso, funciona como veículo propulsor de leitura da matéria a possibilidade de saber como os autistas interpretam e lidam com determinadas situações.

Descrição de autistas e/ou de pais de autistas

A terceira estratégia de captação que identificamos na nossa análise foi a descrição de autistas e/ou de pais de autistas. Nessa estratégia, são caracterizadas atitudes e/ou situações vivenciadas pelos próprios autistas e/ou pessoas próximas a eles (os pais, principalmente). Notamos que, por meio dessas descrições, o sujeito locutor informa o público-leitor sobre o tema (o que é, características, descobertas científicas, tratamentos), o que nos permite concluir que esses seres e os dramas que vivem funcionam como um meio de prender a atenção do público-leitor e ilustrar as informações apresentadas no decorrer da matéria.

Na matéria “Em que planeta você mora?”, por exemplo, o sujeito locutor inicia o seu discurso descrevendo o autista Daniel. Ele é caracterizado sutilmente pela sua singularidade (ver excerto abaixo). O modo como é retratado nas fotos com a família conduzem o leitor ao drama vivido pelos que estão ao seu redor, que consiste, segundo a matéria, em desatenção, atraso na fala e ausência de interação. Por meio dessa descrição, o público-leitor é apresentado ao tema, sendo informado, a partir do terceiro parágrafo, da proporção de autistas

diagnosticados no mundo e os desafios ainda enfrentados pela Ciência na descoberta das causas da síndrome e no tratamento dos portadores dos seus portadores.

- (1) Há algo de estranho nas fotos de Daniel. Seja na pose descontraída ao lado da irmã mais nova, Karen, seja com a família no porta-retratos da sala, seu olhar está sempre ausente. É como se ele não estivesse ali. Bem, de certa forma, ele não está mesmo.” (ANEXO I)

Até os 2 anos, Daniel não falava. Quando falou, em vez do esperado “mamãe”, a primeira palavra que disse foi “acabou”, logo após a mãe desligar o vídeo do desenho animado Toy Story. E foi só, por alguns meses. Ele não respondia aos chamados dos pais nem brincava com outras crianças. Ficava horas trancado dentro do guarda-roupa – a sede da sua espécie de planeta paralelo. “Parecia que tinham roubado a alma dele”, diz a mãe, a cirurgiã paulista Eliana Steinman. Mesmo sendo uma profissional da área médica, Eliana demorou meses para compreender (e aceitar) o estranho comportamento do filho. Quando soube que Daniel era autista correu com o marido à livraria e comprou tudo o que encontrou sobre o tema. “Na faculdade e nos consultórios de amigos pediatras, o autismo é um problema distante”, diz Eliana. O pai de Daniel, o também cirurgião Antonio Cesar Martini, sabia igualmente muito pouco sobre o assunto. “O autismo, para mim, era coisa de cinema.” (ANEXO I)

Além de Daniel, outra autista descrito nessa mesma matéria é Jefferson (ver excerto abaixo), que serve de ilustração às informações apresentadas pelo sujeito locutor sobre a síndrome de asperger, um tipo mais brando e funcional de autismo, e uma pesquisa realizada pelos pesquisadores da Universidade Estadual de Ohio sobre como funciona a mente dos autistas.

- (2) Jefferson é um bom exemplo dos paradoxos enfrentados por um autista de “alto nível”. Ele começou a ler pouco antes de completar 4 anos, mas só escreveu aos 8. Fala inglês, tem um excelente ouvido para a música e uma memória privilegiada. Ao encontrar um funcionário da TV Cultura de São Paulo, Jefferson mandou um abraço para quase toda a equipe técnica da emissora, dizendo os nomes um a um – ele os conhecia de ler os créditos que sobem na tela ao final do programa. Em compensação, Jefferson tem dificuldade para entender um sentimento tão comum como a tristeza que sentimos diante da morte de alguém de que gostamos. E tem problemas para escrever redações no colégio – não consegue abstrair. (ANEXO I)

Da mesma forma que na matéria anterior, na matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, o sujeito locutor inicia o seu discurso descrevendo o autista Russel. A descrição de Daniel e Russel se assemelham em sua estrutura, que consiste, basicamente, em dificuldades de manter o contato visual, se comunicar verbalmente e interagir com outros indivíduos. A diferença está na descrição de ações repetitivas, as estereotípias, nessa segunda

matéria. De maneira parecida à outra matéria, Russel é descrito apenas no primeiro parágrafo, sendo citado no segundo parágrafo apenas no início (“Russel é autista...” como forma de introduzir o tema. Sobre o que foi dito, vejamos o excerto abaixo.

- (3) Quando o menino Russell nasceu, parecia perfeitamente “normal”. Só que seus olhos, de um profundo azul, logo diriam tudo. Ele não fixava o olhar em ninguém, nem na mãe, nem no pai. Um ano, e ele mal falava. Na escola, não brincava com ninguém e, se brincava, não conseguia entender os joguinhos. Não tinha amigos, pois não se interessava por ninguém. Vivia fechado em seu mundo particular. Alguém diria que era insensível, que vivia no “mundo da lua”. Pois tudo o que fazia era ficar num canto, empilhando objetos, repetindo frases, sozinho. (ANEXO II)

Depoimento de autistas e de pais de autistas

A quarta e a quinta estratégias de captação que identificamos na nossa análise foram os depoimentos de autistas e de pais de autistas. Nessas estratégias, o sujeito enunciador dá voz a outros sujeitos comunicativos, que fazem uso desse meio midiático para esclarecer e expressar as suas angústias, os seus desafios e suas dificuldades relacionadas ao autismo.

Nos seus depoimentos, os autistas esclarecem os motivos pelos quais têm dificuldades de se expressar e socializar com as pessoas (ver excertos abaixo). Nos depoimentos de Temple Grandin, na matéria “Em que planeta você mora?”, a asperger descreve atitudes e situações de sua infância, esclarecendo para o público-leitor como funcionava (e ainda funciona) a sua mente e porque não conseguia manter contato visual e se comunicar com as pessoas. Já no casos dos autistas que são usuários do Reddit, na matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, os depoimentos tratam de um aspecto específico da síndrome, a saber, a dificuldade que eles têm de interagir com as pessoas fora das redes sociais.

Matéria “Em que planeta você mora?”

- (4) Minha voz era inexpressiva, com pouca inflexão e nenhum ritmo. Isso já bastava para me marcar como uma pessoa diferente. Os olhos esquivos – tão característicos de muitas crianças autistas – eram outro sintoma do meu problema. Além da dificuldade de falar e da inflexão da voz, eu já era adulta quando consegui pela primeira vez olhar alguém nos olhos. (Temple Grandin) (ANEXO I)
- (5) Outra de minhas fixações mais incômodas era ficar repetindo a mesma pergunta o tempo todo. Eu esperava, com prazer, obter a mesma resposta – vezes sem conta. Girar como um pião era outra atividade que eu apreciava. Eu gostava de girar sentada

no chão. Toda a sala girava comigo. Esse comportamento auto-estimulante me fazia sentir poderosa, com controle sobre as coisas. Eu sei bem que as crianças que não são autistas também gostam de girar nos balanços. A diferença é que a criança autista fica obcecada com esse ato de girar. (Temple Grandim) (ANEXO I)

- (6) Quando era criança, lembro de minha mãe dizendo sempre: “Temple, está me ouvindo? Olhe para mim”. Às vezes eu tentava, mas não conseguia. E nenhum som se intrometia na minha fixação. Era como se eu fosse surda. Nem mesmo um barulho forte e repentino conseguia me assustar ou fazer-me sair do meu mundo. (Temple Grandim) (ANEXO I)
- (7) Eu me interessava pouco pelas outras crianças, preferindo meu mundo interior. Era capaz de ficar sentada horas a fio na praia deixando a areia escorrer por entre meus dedos e construindo morros em miniatura. (Temple Grandim) (ANEXO I)
- (8) Minha mente é totalmente visual e tenho muita facilidade para tarefas de natureza espacial, como desenhar. Consigo fazer a imagem girar e deslocar em minha mente como se fosse um filme. Não consigo conceber outra forma de raciocínio que não seja visual. (Temple Grandim) (ANEXO I)

Matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”

- (9) Imagine estar em outro país onde você não fala a língua. Você tem um dicionário. Então você diz as palavras – mas a sintaxe está errada, a pronúncia e o sotaque também. (Usuário-mrhelmand) (ANEXO III).
- (10) Interações sociais que são naturais para os outros exigem muito planejamento. Eu tenho ‘listas mentais’ para todos os eventos sociais do universo. (Usuário_not-the-NSA) (ANEXO III).
- (11) Cada interação é como uma prova oral surpresa. Cada momento que passo na presença dos outros é um estudo de última hora para a prova. (Usuário_Gayore819) (ANEXO III).
- (12) Eu amo pessoas, mas elas têm que abrir exceções. Ser meu amigo significa aceitar que eu não vou saber que causei dano emocional por ser franca ou brusca. (Usuário_UnusualSoup) (ANEXO III).
- (13) Ser meu amigo significa entender que eu não posso *te encontrar* no shopping, você precisa passar em casa e ir comigo. (Usuário_UnusualSoup) (ANEXO III).
- (14) Nós temos dificuldades em ler as pessoas, mas certamente não nos falta empatia humana. Isso precisa ser dito. (Usuário_Frysaggregat) (ANEXO III).

Já nos seus depoimentos, os pais de autistas expressam os seus sentimentos de frustração e as suas dificuldades de aceitação da condição dos seus filhos (ver excertos abaixo).

Matéria “Em que planeta você mora?”

- (15) “Parecia que tinham roubado a alma dele”, diz a mãe, a cirurgiã paulista Eliana Steinman. (ANEXO I).
- (16) “Na faculdade e nos consultórios de amigos pediatras, o autismo é um problema distante”, diz Eliana. (ANEXO I).
- (17) O pai de Daniel, o também cirurgião Antonio Cesar Martini, sabia igualmente muito pouco sobre o assunto. “O autismo, para mim, era coisa de cinema.” (ANEXO I).
- (18) “Daniel, hoje, aos 5 anos, ainda tem dificuldade para perceber se estou bem ou mal-humorada. Ao contrário da minha filha de 3 anos, que já sabe usar isso quando quer alguma coisa”, diz Eliana Steinman. (ANEXO I).
- (19) “É difícil aceitar essa indiferença ao carinho”, diz a paulista Maria Aparecida Oliveira, mãe de Jefferson, um autista de 13 anos. (ANEXO I).
- (20) “Minha maior preocupação é com o futuro”, diz a pedagoga paulista Livânia Trivilin, mãe de Vinícius, um autista de 8 anos. (ANEXO I).
- (21) “Acho que, no fundo, esperava que fosse outro problema”, diz a médica pediatra paulista Rita Kisukuri, mãe dos gêmeos autistas André e Alex, hoje com 5 anos. (ANEXO I).

É possível perceber tanto nos depoimentos de autistas quanto nos depoimentos de pais de autistas a carga dramática que são suas vidas. Com base em nossa análise, constatamos que nenhum dos depoimentos identificados nas matérias da revista *Superinteressante* apresentava aspectos positivos relacionados ao autismo.

Esclarecimento do sujeito locutor sobre aspectos relacionados ao autismo

A sexta estratégia de captação que identificamos na nossa análise foi o esclarecimento do sujeito locutor sobre aspectos relacionados ao autismo. No decorrer do seu discurso, notamos que o sujeito locutor esclarece para o público-leitor a origem do termo “autismo”, a proporção de autistas diagnosticados no mundo, as descobertas científicas sobre a síndrome e os dramas vividos por autistas e pais de autistas. Em alguns momentos das matérias, é possível perceber o posicionamento do sujeito comunicante por meio de modalizadores, como “infelizmente”, e do uso da primeira pessoa do plural, como “sabemos” (ver excertos abaixo). Com base em nossa análise concluímos que ele faz uso dessa estratégia como forma de conduzir o público-leitor na leitura dos textos.

Matéria “Em que planeta você mora?”

- (22) Infelizmente, o distúrbio interpretado por Dustin Hoffman no filme Rain Man é bem mais comum do que se imagina. (ANEXO I).
- (23) A verdade é que ainda sabemos pouco sobre o autismo. Sua cura, portanto, ainda está distante. (ANEXO I).
- (24) Mas nem tudo são trevas. A ciência nunca descobriu tanto sobre o funcionamento da mente autista quanto nos últimos anos. É que o aumento de casos diagnosticados e a consequente pressão da sociedade está fazendo com que as pesquisas sobre o autismo recebam mais verbas. (ANEXO I).
- (25) Afinal, como fazer ou manter um amigo se você é incapaz de perceber se ele está feliz ou triste? Se ele está escutando o que você está dizendo ou mesmo olhando para você? Isso sem falar na dificuldade de reparar as segundas intenções, de perceber as entrelinhas de uma frase, as sutilezas e os sentidos implícitos em um gesto, em um modo de olhar. (ANEXO I).
- (26) Uma imagem recorrente dos autistas é a de que, à revelia de suas dificuldades de relacionamento, são gênios. Não é difícil topar nas locadoras com filmes em que crianças autistas decifram códigos secretos de organizações terroristas ou têm um desempenho espetacular em matemática. Na vida como ela é, infelizmente, a história é outra. Cerca de 70% dos autistas têm algum nível de retardo mental, com QI abaixo da média. Ou seja, menos de três em cada dez autistas possuem uma boa capacidade de aprendizado. (ANEXO I).
- (27) Para os pais, a rejeição ao toque é um dos comportamentos autistas mais dolorosos. (ANEXO I).
- (28) Um dos maiores pesadelos dos pais de autistas é a perspectiva de ver seus filhos dependerem de outras pessoas o resto de suas vidas. (ANEXO I).
- (29) Apesar de perceberem uma evolução no comportamento do filho, os pais de Vinícius – como quase todos os familiares de autistas – não sabem se ele um dia terá uma profissão ou mesmo uma vida considerada normal. Até lá, a maioria dos pais tenta de tudo. Terapia, natação, sessões com fonoaudiólogos. (ANEXO I).
- (30) Antes de a criança completar 2 anos de idade, já é possível perceber sintomas do autismo. Mesmo assim, muitos pais demoram para identificar (ou admitir) que seu filho, ou filha, é portador de autismo. (ANEXO I).

Matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”

- (31) Russell é autista – um mistério da mente que, apesar de uma prevalência maior que a da síndrome de Down, é ainda pouco compreendido. (ANEXO II).
- (32) (...) o autista não vê as pessoas como indivíduos, mas como objetos. E, sem empatia, vive em um mundo só seu. (...) tem grave dificuldade de comunicação e, portanto, é incapaz de demonstrar o que quer ou sente. “(...) é preso à rotina. Ele repete

comportamentos obsessivos por muito tempo, seja falar a mesma frase várias vezes sem contexto, seja organizar objetos a esmo. (ANEXO II).

- (33)(...) como esses aspectos interferem na vida da pessoa, em que grau e associado a quais atitudes varia muito. Há os casos mais graves, quando há um retardo mental sério e a criança não aprende a falar praticamente nada. Nem sequer os pais ela consegue reconhecer. São as imagens que se veem na televisão de crianças girando em torno de si mesmas durante horas, completamente isoladas em seu mundo. Já em outros casos, a criança fala, pode até ficar repetindo uma frase que ouviu do vizinho ou viu na TV, mas não consegue se comunicar. Entende enunciados simples, mas não interpreta nada além, muito menos figuras de linguagem, como metáforas. (ANEXO II).
- (34) Só em 1943 o austríaco Leo Kanner falou de autismo como um transtorno propriamente dito. Na época, achava-se que a causa era o ambiente em que a criança era criada. A culpa era dos pais. Hoje se acredita que a síndrome é causada por uma constelação de fatores diferentes, que não incluem influências psicológicas. (ANEXO II).
- (35)(...) finalmente, a ciência começa a encontrar padrões de variação genética comum entre autistas. (ANEXO II).
- (36) Essas pequenas pistas estão muito distantes de uma eventual cura. Mas isso não quer dizer que nada possa ser feito. Quando o diagnóstico é precoce, a criança pode ser tratada com ajuda da terapia familiar e desenvolver certas aptidões, como socializar-se um pouco mais e melhorar a linguagem. Terapia comportamental, que reforça comportamentos positivos com prêmios, pode ensiná-lo a mostrar o que quer. E remédios também atenuam alguns sintomas. Embora não haja medicamentos específicos para o autismo, eles atenuam sintomas como agressividade e depressão. (ANEXO II).

Matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”

- (37) Como é ser autista? Essa pode ser uma pergunta especialmente difícil de responder. Em primeiro lugar, porque um dos sintomas mais marcantes do autismo é a dificuldade na comunicação. Além disso, o autismo não é uma doença propriamente dita e sim um espectro de distúrbios, de diferentes intensidades e características. (ANEXO III).
- (38) Mas na rede social Reddit, usuários autistas tentaram colocar em palavras como é viver dentro desse espectro – e deram respostas bem interessantes. (ANEXO III).
- (39)(...) mesmo nesses casos, os autistas do Reddit relataram uma série de dificuldades. Isso porque se comunicar com as outras pessoas não é fácil – uma mesma frase pode ter vários significados diferentes, dependendo do tom de voz e da linguagem corporal usada. E, segundo o pessoal dos fóruns, não se confundir nesses detalhes é um dos maiores desafios para quem está dentro do espectro autista. (ANEXO III).
- (40) Em algumas, situações, é claro, não dá tempo de planejar tudo isso. E aí vem a sensação relatada por *Gayore819*, de estar sendo avaliado em uma prova para a qual você não estudou. (ANEXO III).

- (41) O que não quer dizer que todo autista prefere o isolamento. Pelo contrário: muitas das mensagens manifestavam solidão e vontade de estar em grupo, fazendo amigos. (ANEXO III).
- (42) Ela também menciona que é difícil lidar com perguntas como ‘Essa roupa fica boa em mim?’. A resposta mais comum das pessoas sem autismo é uma mentirinha para agradar. Aí, a sinceridade direta do autista pode machucar sem intenção. (ANEXO III).
- (43) Alguns deles também destacaram a importância da internet para lidar com essas dificuldades. Enquanto muita gente vê a interação pelas redes sociais como artificial ou distante, para alguns autistas é o paraíso. Com tempo para escrever, apagar e editar, eles se sentem confortáveis para traduzir o que se passa no mundo deles – e todo mundo ganha com isso. (ANEXO III).

A seguir, apresentaremos um quadro com a classificação das estratégias:

Matéria “Em que planeta você mora?”

Estratégias	Trechos
Depoimento de autistas	<p>“Minha voz era inexpressiva, com pouca inflexão e nenhum ritmo. Isso já bastava para me marcar como uma pessoa diferente. Os olhos esquivos – tão característicos de muitas crianças autistas – eram outro sintoma do meu problema. Além da dificuldade de falar e da inflexão da voz, eu já era adulta quando consegui pela primeira vez olhar alguém nos olhos.” (Temple Grandin)</p> <p>“Outra de minhas fixações mais incômodas era ficar repetindo a mesma pergunta o tempo todo. Eu esperava, com prazer, obter a mesma resposta – vezes sem conta. Girar como um pião era outra atividade que eu apreciava. Eu gostava de girar sentada no chão. Toda a sala girava comigo. Esse comportamento auto-estimulante me fazia sentir poderosa, com controle sobre as coisas. Eu sei bem que as crianças que não são autistas também gostam de girar nos balanços. A diferença é que a criança autista fica obcecada com esse ato de girar.” (Temple Grandin)</p> <p>“Quando era criança, lembro de minha mãe dizendo sempre: ‘Temple, está me ouvindo? Olhe para mim’. Às vezes eu tentava, mas não conseguia. E nenhum som se intrometia na minha fixação. Era como se eu fosse surda. Nem mesmo um barulho forte e repentino conseguia me assustar ou fazer-me sair do meu mundo.” (Temple Grandin)</p> <p>“Eu me interessava pouco pelas outras crianças, preferindo meu mundo interior. Era capaz de ficar sentada horas a fio na praia deixando a areia escorrer por entre meus dedos e construindo morros em miniatura.” (Temple Grandin)</p> <p>“Minha mente é totalmente visual e tenho muita facilidade para tarefas de natureza espacial, como desenhar. Consigo fazer a imagem girar e deslocar em minha mente como se fosse um filme. Não consigo conceber outra forma de raciocínio que não seja visual.” (Temple Grandin)</p>

<p>Depoimento de pais</p>	<p>“‘Parecia que tinham roubado a alma dele’, diz a mãe, a cirurgiã paulista Eliana Steinman.”</p> <p>“‘Na faculdade e nos consultórios de amigos pediatras, o autismo é um problema distante’, diz Eliana.”</p> <p>“O pai de Daniel, o também cirurgião Antonio Cesar Martini, sabia igualmente muito pouco sobre o assunto. ‘O autismo, para mim, era coisa de cinema.’”</p> <p>“‘Daniel, hoje, aos 5 anos, ainda tem dificuldade para perceber se estou bem ou mal-humorada. Ao contrário da minha filha de 3 anos, que já sabe usar isso quando quer alguma coisa’, diz Eliana Steinman.”</p> <p>“‘É difícil aceitar essa indiferença ao carinho’, diz a paulista Maria Aparecida Oliveira, mãe de Jefferson, um autista de 13 anos.”</p> <p>“Minha maior preocupação é com o futuro”, diz a pedagoga paulista Livânia Trivilin, mãe de Vinícius, um autista de 8 anos.</p> <p>“Acho que, no fundo, esperava que fosse outro problema”, diz a médica pediatra paulista Rita Kisukuri, mãe dos gêmeos autistas André e Alex, hoje com 5 anos.</p>
<p>Descrição de autistas e/ou de pais de autistas</p>	<p>“Há algo de estranho nas fotos de Daniel. Seja na pose descontraída ao lado da irmã mais nova, Karen, seja com a família no porta-retratos da sala, seu olhar está sempre ausente. É como se ele não estivesse ali. Bem, de certa forma, ele não está mesmo.”</p> <p>“Até os 2 anos, Daniel não falava. Quando falou, em vez do esperado ‘mamãe’, a primeira palavra que disse foi ‘acabou’, logo após a mãe desligar o vídeo do desenho animado Toy Story. E foi só, por alguns meses.”</p> <p>“Ele não respondia aos chamados dos pais nem brincava com outras crianças. Ficava horas trancado dentro do guarda-roupa – a sede da sua espécie de planeta paralelo.”</p> <p>“Mesmo sendo uma profissional da área médica, Eliana demorou meses para compreender (e aceitar) o estranho comportamento do filho. Quando soube que Daniel era autista correu com o marido à livraria e comprou tudo o que encontrou sobre o tema.”</p> <p>“Jefferson é um bom exemplo dos paradoxos enfrentados por um autista de ‘alto nível’. Ele começou a ler pouco antes de completar 4 anos, mas só escreveu aos 8. Fala inglês, tem um excelente ouvido para a música e uma memória privilegiada. Ao encontrar um funcionário da TV Cultura de São Paulo, Jefferson mandou um abraço para quase toda a equipe técnica da emissora, dizendo os nomes um a um – ele os conhecia de ler os créditos que sobem na tela ao final do programa. Em compensação, Jefferson tem dificuldade para entender um sentimento tão comum como</p>

	a tristeza que sentimos diante da morte de alguém de que gostamos. E tem problemas para escrever redações no colégio – não consegue abstrair.
Esclarecimento do sujeito locutor sobre aspectos relacionados ao autismo	<p>“Infelizmente, o distúrbio interpretado por Dustin Hoffman no filme Rain Man é bem mais comum do que se imagina.”</p> <p>“A verdade é que ainda sabemos pouco sobre o autismo. Sua cura, portanto, ainda está distante.”</p> <p>“Mas nem tudo são trevas. A ciência nunca descobriu tanto sobre o funcionamento da mente autista quanto nos últimos anos. É que o aumento de casos diagnosticados e a consequente pressão da sociedade está fazendo com que as pesquisas sobre o autismo recebam mais verbas.”</p> <p>“Afinal, como fazer ou manter um amigo se você é incapaz de perceber se ele está feliz ou triste? Se ele está escutando o que você está dizendo ou mesmo olhando para você? Isso sem falar na dificuldade de reparar as segundas intenções, de perceber as entrelinhas de uma frase, as sutilezas e os sentidos implícitos em um gesto, em um modo de olhar.”</p> <p>“Uma imagem recorrente dos autistas é a de que, à revelia de suas dificuldades de relacionamento, são gênios. Não é difícil topar nas locadoras com filmes em que crianças autistas decifram códigos secretos de organizações terroristas ou têm um desempenho espetacular em matemática. Na vida como ela é, infelizmente, a história é outra. Cerca de 70% dos autistas têm algum nível de retardo mental, com QI abaixo da média. Ou seja, menos de três em cada dez autistas possuem uma boa capacidade de aprendizado.”</p> <p>“Para os pais, a rejeição ao toque é um dos comportamentos autistas mais dolorosos.”</p> <p>“Um dos maiores pesadelos dos pais de autistas é a perspectiva de ver seus filhos dependerem de outras pessoas o resto de suas vidas.”</p> <p>“Apesar de perceberem uma evolução no comportamento do filho, os pais de Vinícius – como quase todos os familiares de autistas – não sabem se ele um dia terá uma profissão ou mesmo uma vida considerada normal. Até lá, a maioria dos pais tenta de tudo. Terapia, natação, sessões com fonoaudiólogos.”</p> <p>“Antes de a criança completar 2 anos de idade, já é possível perceber sintomas do autismo. Mesmo assim, muitos pais demoram para identificar (ou admitir) que seu filho, ou filha, é portador de autismo.”</p>
Subtítulo	“O autismo ainda impõe à ciência muitas perguntas sem resposta. Mas novas pesquisas jogam uma luz inédita sobre as causas, o seu tratamento e sobre como funciona a mente dos seus portadores”
Título	“Em que planeta você mora?”

Matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”

Estratégias	Trechos
Depoimento de autistas	...
Depoimento de pais	...
Descrição de autistas e/ou de pais de autistas	<p>Quando o menino Russell nasceu, parecia perfeitamente “normal”. Só que seus olhos, de um profundo azul, logo diriam tudo. Ele não fixava o olhar em ninguém, nem na mãe, nem no pai. Um ano, e ele mal falava. Na escola, não brincava com ninguém e, se brincava, não conseguia entender os joguinhos. Não tinha amigos, pois não se interessava por ninguém. Vivia fechado em seu mundo particular. Alguém diria que era insensível, que vivia no “mundo da lua”. Pois tudo o que fazia era ficar num canto, empilhando objetos, repetindo frases, sozinho.</p>
Esclarecimento do sujeito locutor sobre aspectos relacionados ao autismo	<p>“Russell é autista – um mistério da mente que, apesar de uma prevalência maior que a da síndrome de Down, é ainda pouco compreendido.”</p> <p>“(…) o autista não vê as pessoas como indivíduos, mas como objetos. E, sem empatia, vive em um mundo só seu.”</p> <p>“(…) tem grave dificuldade de comunicação e, portanto, é incapaz de demonstrar o que quer ou sente.”</p> <p>“(…) é preso à rotina. Ele repete comportamentos obsessivos por muito tempo, seja falar a mesma frase várias vezes sem contexto, seja organizar objetos a esmo.”</p> <p>“(…) como esses aspectos interferem na vida da pessoa, em que grau e associado a quais atitudes varia muito. Há os casos mais graves, quando há um retardo mental sério e a criança não aprende a falar praticamente nada. Nem sequer os pais ela consegue reconhecer. São as imagens que se veem na televisão de crianças girando em torno de si mesmas durante horas, completamente isoladas em seu mundo. Já em outros casos, a criança fala, pode até ficar repetindo uma frase que ouviu do vizinho ou viu na TV, mas não consegue se comunicar. Entende enunciados simples, mas não interpreta nada além, muito menos figuras de linguagem, como metáforas.”</p> <p>Só em 1943 o austríaco Leo Kanner falou de autismo como um transtorno propriamente dito. Na época, achava-se que a causa era o ambiente em que a criança era criada. A culpa era dos pais. Hoje se acredita que a síndrome é causada por uma constelação de fatores diferentes, que não incluem influências psicológicas.”</p> <p>“(…) finalmente, a ciência começa a encontrar padrões de variação genética comum entre autistas. Em um estudo publicado em 2010 na revista científica Nature, foi identificada em autistas uma prevalência 20% maior de uma anomalia rara em que se duplicam ou apagam certos genes – especialmente os relacionados ao desenvolvimento da criança.”</p>

	“Essas pequenas pistas estão muito distantes de uma eventual cura. Mas isso não quer dizer que nada possa ser feito. Quando o diagnóstico é precoce, a criança pode ser tratada com ajuda da terapia familiar e desenvolver certas aptidões, como socializar-se um pouco mais e melhorar a linguagem. Terapia comportamental, que reforça comportamentos positivos com prêmios, pode ensiná-lo a mostrar o que quer. E remédios também atenuam alguns sintomas. Embora não haja medicamentos específicos para o autismo, eles atenuam sintomas como agressividade e depressão.”
Subtítulo	“A medicina dá os primeiros passos para desvendar a origem da misteriosa condição, que atinge uma em cada mil pessoas”
Título	“Autismo – ilhados em seu próprio mundo”

Matéria “6 autistas como é ter autismo – usando o Reddit”

Estratégias	Trechos
Depoimento de autistas	<p>“Imagine estar em outro país onde você não fala a língua. Você tem um dicionário. Então você diz as palavras – mas a sintaxe está errada, a pronúncia e o sotaque também.” (Usuário-mrhelmand)</p> <p>“Interações sociais que são naturais para os outros exigem muito planejamento. Eu tenho ‘listas mentais’ para todos os eventos sociais do universo.” (Usuário_not-the-NSA)</p> <p>“Cada interação é como uma prova oral surpresa. Cada momento que passo na presença dos outros é um estudo de última hora para a prova. (Usuário_Gayore819)”</p> <p>“Eu amo pessoas, mas elas têm que abrir exceções. Ser meu amigo significa aceitar que eu não vou saber que causei dano emocional por ser franca ou brusca. (Usuário_UnusualSoup)”</p> <p>“Ser meu amigo significa entender que eu não posso <i>te encontrar</i> no shopping, você precisa passar em casa e ir comigo. (Usuário_UnusualSoup)”</p> <p>“Nós temos dificuldades em ler as pessoas, mas certamente não nos falta empatia humana. Isso precisa ser dito. (Usuário_Frysaggregat)”</p>
Depoimento de pais	...
Descrição de autistas e/ou de pais de autistas	...
Esclarecimento do sujeito locutor sobre aspectos relacionados ao autismo	<p>“Como é ser autista? Essa pode ser uma pergunta especialmente difícil de responder. Em primeiro lugar, porque um dos sintomas mais marcantes do autismo é a dificuldade na comunicação. Além disso, o autismo não é uma doença propriamente dita e sim um espectro de distúrbios, de diferentes intensidades e características.”</p> <p>“Mas na rede social Reddit, usuários autistas tentaram colocar em</p>

	<p>palavras como é viver dentro desse espectro – e deram respostas bem interessantes.”</p> <p>“(…) mesmo nesses casos, os autistas do Reddit relataram uma série de dificuldades. Isso porque se comunicar com as outras pessoas não é fácil – uma mesma frase pode ter vários significados diferentes, dependendo do tom de voz e da linguagem corporal usada. E, segundo o pessoal dos fóruns, não se confundir nesses detalhes é um dos maiores desafios para quem está dentro do espectro autista.”</p> <p>“Em algumas, situações, é claro, não dá tempo de planejar tudo isso. E aí vem a sensação relatada por <i>Gayore819</i>, de estar sendo avaliado em uma prova para a qual você não estudou.”</p> <p>“O que não quer dizer que todo autista prefere o isolamento. Pelo contrário: muitas das mensagens manifestavam solidão e vontade de estar em grupo, fazendo amigos.”</p> <p>“Ela também menciona que é difícil lidar com perguntas como ‘Essa roupa fica boa em mim?’. A resposta mais comum das pessoas sem autismo é uma mentirinha para agradar. Aí, a sinceridade direta do autista pode machucar sem intenção.”</p> <p>“Alguns deles também destacaram a importância da internet para lidar com essas dificuldades. Enquanto muita gente vê a interação pelas redes sociais como artificial ou distante, para alguns autistas é o paraíso. Com tempo para escrever, apagar e editar, eles se sentem confortáveis para traduzir o que se passa no mundo deles – e todo mundo ganha com isso.”</p>
Subtítulo	“Na internet, onde as dificuldades de comunicação não atrapalham tanto, eles foram provocados a expressar como é lidar com o espectro autista no dia a dia”
Título	“6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do nosso trabalho de pesquisa, comprovamos a nossa hipótese inicial sobre os discursos produzidos pela revista *Superinteressante* sobre o autismo.

A nossa análise do *corpus*, nos permitiu identificar as estratégias utilizadas pela revista não só para informar (de credibilidade) o público-leitor, mas também captar a sua atenção (de captação).

Isso só foi possível porque utilizamos o modelo criado e desenvolvido por Charaudeau (2014), intitulado de dispositivo de encenação da linguagem, adequando-o ao nosso objeto de análise, o discurso midiático.

Por meio desse dispositivo, identificamos os sujeitos que compõem o contrato de comunicação da revista *Superinteressante*, a saber, a própria revista, como empresa jornalística, os jornalistas Rodrigo Cavalcante (matéria “Em que planeta você mora?”, 2000), William Vieira (matéria “Autismo – ilhados em seu próprio mundo”, 2012) e Ana Carolina Leonardi (matéria “6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit”, 2017), e o público-leitor.

Segundo Charaudeau (2015), a finalidade do discurso midiático é informar, contudo, por conta do mercado jornalístico amplo e concorrido, as empresas fazem uso de outras estratégias, como forma de vender seu produto e atrair a atenção do seu público-leitor. Constatamos isso em nossa análise, ao perceber como as matérias eram organizadas pelos sujeitos enunciadore s Rodrigo Cavalcante, William Vieira e Ana Carolina Leonardi, identificando nas matérias “Em que planeta você mora?” e “Autismo – ilhados em seu próprio mundo” semelhanças enunciativas, descritivas e narrativas.

Discursivamente, as duas matérias iniciam com relatos sobre crianças autistas (Daniel e Russel, respectivamente), utilizando-as como estratégias de captação e ilustração para o conteúdo das matérias. Após os relatos, os sujeitos enunciadore s descreviam as características prototípicas do autismo, a origem do termo, pesquisas e contribuições no tratamento de crianças autistas.

Destoa desse projeto de fala o discurso produzido pelo sujeito comunicante Ana Carolina Leonardi. Em sua matéria, identificamos a presença de relatos de adolescentes autistas, que descreviam como se sentiam e lidavam com determinadas situações cotidianas.

Em todas as matérias, percebemos que os sujeitos comunicantes fazem uso de estratégias de impessoalização, previstas por se tratar de discursos jornalísticos, por meio do

uso de palavras na terceira pessoa e de modalizadores. Todavia, identificamos na matéria “Em que planeta você mora?”, termos na primeira pessoa do singular e do plural, constatação inesperada na nossa pesquisa.

Entre as estratégias discursivas utilizadas pelos sujeitos comunicativos, identificamos como estratégia de legitimidade o nome da revista e o nome da seção (Ciência e Saúde) em que as matérias foram publicadas; como estratégia de credibilidade a apresentação de dados referentes ao autismo (número de autistas diagnosticados no mundo, descobertas relacionadas ao transtorno e formas de tratamento); e como estratégia de captação o relato de/sobre autistas (crianças, principalmente) e de pais de autistas (focando nos seus dramas vividos: identificação, aceitação e busca por tratamentos adequados).

Concluimos que a revista Superinteressante, além de enunciar para um auditório presumido composto por um público-alvo jovem e adolescente, procura estar sintonizada com as temáticas que mais despertam curiosidade, elegendo o autismo como uma delas. A partir daí, engendra um projeto de fala com base num dispositivo de encenação, em estratégias de persuasão e em modos de organização do discurso.

Chegando ao fim do nosso trabalho, esperamos contribuir com outras pesquisas relacionadas ao discurso midiático (especificamente, o jornalístico) e ao autismo com base nos pressupostos da teoria semiolinguística.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ismael Paulo Cardoso; MOURA, João Benvido de. Discursos sobre o autismo: o contrato de comunicação e as estratégias de persuasão na revista Isto É. IN: MOURA, João Benvido de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa. *Sentidos em disputa: discursos em funcionamento*. Teresina: EDUFPI, 2017.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. (Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini). 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: EDIPRO, 2013.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3ª ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.
- CHARAUDEAU, Patrick. *A conquista da opinião pública*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. (Tradução de Angela M. S. Corrêa). 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. (Coordenação da equipe de tradução de Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado). 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. (Tradução de Ida Lúcia Machado, Renato de Mello e Williane Viriato Rolim). IN: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Orgs.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001. p. 23-37.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. (Coordenação de tradução de Fabiana Komesu). 3ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Teoria semiolinguística: Alguns pressupostos. IN: *Revista Memento* v. 05, N. 2 (julho-dezembro de 2014). Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826> - Acesso em 18.06.2018.
- EMEDIATO, Wander. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (Orgs.). *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 290-309. Volume I.
- FERNANDES, Adélia Barroso. A emoção no discurso jornalístico: contar histórias e comover leitores. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENDES, Emília. *As emoções no discurso*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010. p. 141-152. Volume II.
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. (Tradução de Sírio Possenti). São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. (Tradução de Mônica Fontana) In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Gestos de leitura*. 4ª ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2014. p. 17-30.

MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. (Tradução de Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MACHADO, Ida Lúcia. Algumas reflexões sobre a teoria semiolinguística. In: *Letras & Letras*, Uberlândia 22 (2) p.13-21, jul./dez. 2006.

MACHADO, Ida Lúcia; MENDES, Emília. A análise Semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 13, p. 07-20, 2013. Disponível em: <<http://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/article/view/50/52>>. Acesso em: 20.03.17.

MEYER, Michel. *A retórica*. (Revisão técnica de Lineide Salvador e tradução de Marly N. Peres). São Paulo: Ática, 2007.

MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa (Org.). *Linguagem, discurso e produção de sentidos*. São Paulo: Pá de palavra, 2018.

MOURA, João Benvindo de; LIMA, Francisco Renato; BORGES, Vanessa Raquel Soares. O jogo de imagens na constituição dos sujeitos discursivos: uma abordagem ideológica e sociopolítica em cartuns. *Web-Revista SOCIODIALETO*, v. 6, p. 250-268, 2015a. Disponível em: <<https://slidex.tips/download/o-jogo-de-imagens-na-constituicao-dos-sujeitos-discursivos-uma-abordagem-ideologi>>.

MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa (Org.). *Discurso, memória e inclusão social*. Recife: Pipa Comunicação, 2015b.

MOURA, João Benvindo de. *Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte, do estado do Piauí: a construção de imagens e as emoções suscetíveis através da argumentação*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte – MG, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-974H6D>>.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. *Considerações sobre o modelo de análise do discurso de Patrick Charaudeau*. UFMG. 2008. p. 01-06. Disponível em: <www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/download/77/120>. Acesso em: 21.05.17.

ORRÚ, Sílvia Ester. A gênese do autismo segundo a literatura científica. In: *Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2016. p. 13-38.

RIOS, Clarice; ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. *Interface (Botucatu)* [online]. 2015, vol.19, n.53, p. 325-336. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/2015nahead/1807-5762-icse-1807-576220140146.pdf>>. Acesso em: 25.06.17.

SILVA, José Ortacílio da. Charaudeau. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 235-260.

TEIXEIRA, Gustavo. *Manual do autismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

ANEXOS

Anexo I

Ciência

Em que planeta você mora?

O autismo ainda impõe à ciência muitas perguntas sem resposta. Mas novas pesquisas jogam uma luz inédita sobre as suas causas, o seu tratamento e sobre como funciona a mente dos seus portadores

Por [Da Redação](#)

Publicado em 31 out 2000, 22h00

Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/em-que-planeta-voce-mora/>

Rodrigo Cavalcante

Há algo de estranho nas fotos de Daniel. Seja na pose descontraída ao lado da irmã mais nova, Karen, seja com a família no porta-retratos da sala, seu olhar está sempre ausente. É como se ele não estivesse ali. Bem, de certa forma, ele não está mesmo.

Até os 2 anos, Daniel não falava. Quando falou, em vez do esperado “mamãe”, a primeira palavra que disse foi “acabou”, logo após a mãe desligar o vídeo do desenho animado Toy Story. E foi só, por alguns meses. Ele não respondia aos chamados dos pais nem brincava com outras crianças. Ficava horas trancado dentro do guarda-roupa – a sede da sua espécie de planeta paralelo. “Parecia que tinham roubado a alma dele”, diz a mãe, a cirurgiã paulista Eliana Steinman. Mesmo sendo uma profissional da área médica, Eliana demorou meses para compreender (e aceitar) o estranho comportamento do filho. Quando soube que Daniel era autista correu com o marido à livraria e comprou tudo o que encontrou sobre o tema. “Na faculdade e nos consultórios de amigos pediatras, o autismo é um problema distante”, diz Eliana. O pai de Daniel, o também cirurgião Antonio Cesar Martini, sabia igualmente muito pouco sobre o assunto. “O autismo, para mim, era coisa de cinema.”

Infelizmente, o distúrbio interpretado por Dustin Hoffman no filme Rain Man é bem mais comum do que se imagina. Até há alguns anos, sua incidência era estimada em um caso para cada 1 000 crianças nascidas. Esse número vem aumentando nos últimos anos, pelo menos em alguns países. Nos Estados Unidos, uma em cada 500 crianças apresenta sintomas de autismo – uma incidência que já é maior do que a da Síndrome de Down e até mesmo que a do câncer infantil naquele país. Ninguém sabe ao certo quais as causas desse crescimento. A maioria dos pesquisadores acredita que essa “quase epidemia” é apenas a consequência de diagnósticos mais precisos que passaram recentemente a identificar como autismo sintomas que antes eram classificados de forma genérica como retardo mental ou esquizofrenia.

A verdade é que ainda sabemos pouco sobre o autismo. Sua cura, portanto, ainda está distante. Descrito pela primeira vez em 1943 pelo psiquiatra americano Leo Kanner, não existe até hoje sequer um consenso sobre as suas causas. As hipóteses vão de mutações genéticas a viroses e intoxicação por produtos químicos, daí o autismo ser considerado uma síndrome e não uma doença. (Ao contrário da doença, a síndrome é um conjunto de sintomas que pode ter mais de uma origem.)

Mas nem tudo são trevas. A ciência nunca descobriu tanto sobre o funcionamento da mente autista quanto nos últimos anos. É que o aumento de casos diagnosticados e a conseqüente

pressão da sociedade está fazendo com que as pesquisas sobre o autismo recebam mais atenção – e mais verbas. Até há bem pouco tempo, sabia-se apenas que os portadores de autismo não possuíam o que os psiquiatras chamam de teoria da mente – a capacidade que temos de entender que existe o “eu” (nossa visão do mundo) em oposição ao “outro” (o mundo visto pela consciência de outra pessoa). Daí a dificuldade que o autista tem de interpretar o estado emocional dos outros, de inferir pensamentos alheios, de prever as reações de seu interlocutor. “Daniel, hoje, aos 5 anos, ainda tem dificuldade para perceber se estou bem ou mal-humorada. Ao contrário da minha filha de 3 anos, que já sabe usar isso quando quer alguma coisa”, diz Eliana Steinman. Outros sinais importantes de autismo são distúrbios de comunicação, padrões repetitivos de comportamento e, o mais estranho deles: o desinteresse pelo contato com outras pessoas.

Para entender esse afastamento dos outros seres humanos, pesquisadores da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, vêm investigando, por meio de um aparelho de ressonância magnética especial, o que acontece no cérebro de um autista quando ele ou ela entra em contato com outras pessoas. Os resultados são surpreendentes: as imagens mostram que, enquanto as pessoas normais usam determinadas áreas do cérebro para reconhecer faces humanas e outras para identificar objetos, os autistas acionam a mesma região para ambas as funções (veja infográfico abaixo). “Isso explica a falta de reciprocidade no contato humano”, afirma o psiquiatra Ami Klin, da Escola de Medicina da Universidade de Yale.

Além das pesquisas com ressonância magnética, Klin e seus colegas usaram um equipamento parecido com um capacete de beisebol para acompanhar a direção dos olhos do autista diante de uma face humana. O aparelho tem duas microcâmeras de raios infravermelhos que permitem entender melhor como o autista vê o mundo. Uma delas filma os seus olhos, registra os movimentos oculares. A outra grava o que está sendo visto, com a perspectiva do autista. Assim, os pesquisadores vêem, num monitor, o que o autista está enxergando. E o que eles vêem? “Quase sempre eles olham para a boca das pessoas, nunca enquadram os olhos ou o rosto inteiro”, diz Klin.

Um dos resultados da experiência é a confirmação da dificuldade que os autistas têm para interpretar faces humanas. Sem essa habilidade, o convívio social, como não poderia deixar de ser, fica seriamente comprometido. Afinal, como fazer ou manter um amigo se você é incapaz de perceber se ele está feliz ou triste? Se ele está escutando o que você está dizendo ou mesmo olhando para você? Isso sem falar na dificuldade de reparar as segundas intenções, de perceber as entrelinhas de uma frase, as sutilezas e os sentidos implícitos em um gesto, em um modo de olhar.

Uma imagem recorrente dos autistas é a de que, à revelia de suas dificuldades de relacionamento, são gênios. Não é difícil topar nas locadoras com filmes em que crianças autistas decifram códigos secretos de organizações terroristas ou têm um desempenho espetacular em matemática. Na vida como ela é, infelizmente, a história é outra. Cerca de 70% dos autistas têm algum nível de retardo mental, com QI abaixo da média. Ou seja, menos de três em cada dez autistas possuem uma boa capacidade de aprendizado. Esses autistas, definidos pelos especialistas como de “alto nível”, são enquadrados dentro da Síndrome de Asperger. Quase simultaneamente à catalogação do autismo por Leo Kanner, nos anos 40, o psiquiatra vienense Hans Asperger descreveu casos de autistas que não tinham grandes problemas de comunicação e de aprendizado. São essas pessoas que estão ajudando a ciência a entender como a mente autista funciona.

É o caso da americana Temple Grandin. Com seu PhD em Psicologia, Temple escreve livros e artigos que contam em primeira pessoa como é ser um autista. Na sua autobiografia *Uma Menina Estranha*, escrita com a ajuda da jornalista Margaret Scariano, ela explica por que quase sempre sentia repulsa ao toque e reagia intensamente a odores e ruídos repentinos (leia trechos na página ao lado). Para os pais, a rejeição ao toque é um dos

comportamentos autistas mais dolorosos. “É difícil aceitar essa indiferença ao carinho”, diz a paulista Maria Aparecida Oliveira, mãe de Jefferson, um autista de 13 anos.

Jefferson é um bom exemplo dos paradoxos enfrentados por um autista de “alto nível”. Ele começou a ler pouco antes de completar 4 anos, mas só escreveu aos 8. Fala inglês, tem um excelente ouvido para a música e uma memória privilegiada. Ao encontrar um funcionário da TV Cultura de São Paulo, Jefferson mandou um abraço para quase toda a equipe técnica da emissora, dizendo os nomes um a um – ele os conhecia de ler os créditos que sobem na tela ao final do programa. Em compensação, Jefferson tem dificuldade para entender um sentimento tão comum como a tristeza que sentimos diante da morte de alguém de que gostamos. E tem problemas para escrever redações no colégio – não consegue abstrair.

O curioso é que essa dificuldade que Jefferson tem para criar cenários e imaginar situações pode estar estritamente ligada à sua aguçada capacidade de reter informações e lembrar delas depois. Após testar a memória de 24 pessoas, oito delas autistas, pesquisadores da Universidade Estadual de Ohio, nos Estados Unidos, concluíram que os autistas foram superiores em algumas provas. O motivo? A dificuldade que eles têm de perceber o contexto transforma-se numa vantagem para gravar coisas específicas, como nomes e números. Entre as pessoas normais geralmente acontece o contrário: ao ouvir a palavra mar, por exemplo, o cérebro faz automaticamente uma série de associações indiretas: oceano, sol, verão, férias, praia, biquínis... Enfim, aciona todo um universo associado ao contexto da palavra, admite conotações etc. Já os autistas não associam mar com verão ou com praia. “O problema é que a contextualização é crucial em quase todas as formas de aprendizado”, afirma David Beversdorf, co-autor da pesquisa da Universidade de Ohio. Ele diz que um grande mérito desse trabalho é tentar identificar habilidades específicas que facilitem a colocação dos autistas no mercado de trabalho.

Um dos maiores pesadelos dos pais de autistas é a perspectiva de ver seus filhos dependerem de outras pessoas o resto de suas vidas. “Minha maior preocupação é com o futuro”, diz a pedagoga paulista Livânia Trivilin, mãe de Vinícius, um autista de 8 anos. Vinícius passa metade do dia numa escola especial da Associação dos Amigos do Autista (AMA), em São Paulo. Lá, as professoras e as orientadoras passam horas tentando estimulá-lo a participar de atividades com outras crianças – enquanto ele parece mais interessado em permanecer junto à janela com o olhar perdido no horizonte. Apesar de perceberem uma evolução no comportamento do filho, os pais de Vinícius – como quase todos os familiares de autistas – não sabem se ele um dia terá uma profissão ou mesmo uma vida considerada normal. Até lá, a maioria dos pais tenta de tudo. Terapia, natação, sessões com fonoaudiólogos. “Tudo depende do nível de autismo da criança”, diz a psicóloga Ceres de Araújo, que trabalha com adolescentes autistas em São Paulo há mais de 10 anos. Ela diz que não adianta querer forçar um autista a entrar numa universidade, por exemplo, se esse caminho terminar sendo ainda mais frustrante para ele. “O diploma é mais importante para quem? Para os pais ou para o autista?”

Uma coisa é certa: quanto mais cedo a criança for estimulada, maiores as chances de independência no futuro. Daí a importância do diagnóstico precoce. Antes de a criança completar 2 anos de idade, já é possível perceber sintomas do autismo. Mesmo assim, muitos pais demoram para identificar (ou admitir) que seu filho, ou filha, é portador de autismo. “Acho que, no fundo, esperava que fosse outro problema”, diz a médica pediatra paulista Rita Kisukuri, mãe dos gêmeos autistas André e Alex, hoje com 5 anos. Apesar de desconfiada do problema, ela só obteve o diagnóstico final do autismo quando seus filhos completaram 3 anos.

Para saber mais

Na livraria: Uma Menina Estranha

Temple Grandin, Companhia das Letras, São Paulo, 1999

Um Antropólogo em Marte

Oliver Sacks, Companhia das Letras, 2000 (cap. 6 e 7)

Autismo Infantil

José Salomão Schwartzman (organizador), Memnon Edições Científicas, São Paulo, 1995

Na Internet: Associação dos Amigos do Autista

<http://www.ama.org.br>

<http://www.autism.org>

rcavalcante@abril.com.br

O que acontece no cérebro Autista

Estudos com ressonância magnética especial mostram que os autistas, ao contrário das outras pessoas, têm dificuldade de diferenciar pessoas de objetos

Num cérebro considerado normal, a visão de faces humanas ativa o giro fusiforme, uma pequena região no córtex cerebral. Nosso olhar tende sempre a seguir a trajetória dos rostos, como no triângulo na foto à esquerda.

No cérebro de um autista, as imagens de faces são processadas por uma região usada para a percepção de objetos inanimados, chamada de Giro Inferior Temporal. Comparando o trajeto do olhar autista (linha azul) sobre a mesma foto, entendemos a dificuldade que o autista tem de decifrar intenções faciais.

Decifra-me ou te devoro

Genética, doenças infecciosas, intoxicação química. A única certeza que os pesquisadores têm é que não existe apenas uma causa para o autismo

Quando o autismo foi diagnosticado pela primeira vez há quase 60 anos, os psiquiatras acreditavam que se tratava de um distúrbio psicológico, reflexo das atitudes de maus pais, ou, mais especificamente, de uma mãe fria e distante. Quer dizer: como se não bastasse a dificuldade de ter um filho autista, pelo menos duas gerações de pais ainda levaram a culpa pela síndrome de seus filhos. A partir dos anos 60, essa tese perdeu credibilidade e, hoje, ninguém tem mais dúvidas de que o autismo é um transtorno de origem biológica – e nada ou pouco tem a ver com comportamento. Ainda não se sabe bem que regiões do cérebro seriam afetadas.

Autópsias revelaram que as células da região límbica – responsável por mediar o comportamento social – são menores e mais condensadas nos autistas, sugerindo uma interrupção precoce no desenvolvimento dessa parte do seu sistema nervoso. Por trás dos fatores que determinam o autismo, diversas hipóteses vêm sendo levantadas, tais como:

- **Genética:** Evidências colocam a genética como a mais provável causa do autismo. Irmãos de autistas têm 25 vezes mais chances de sofrer da síndrome. Entre irmãos gêmeos, essas chances são 375 vezes maiores. O mais intrigante: de cada cinco autistas, quatro são homens.
- **Doenças infecciosas:** Pesquisas indicam que infecções pré-natais – como rubéola, caxumba, sífilis e herpes – podem estar relacionadas com as causas do autismo. Mas não se sabe ainda qual interação de vírus e bactérias determinaria a ocorrência da síndrome. No Brasil, a pesquisadora paulista Eneida Matarazzo está publicando uma polêmica tese sobre o assunto.

Médica do Departamento de Psiquiatria do Hospital das Clínicas em São Paulo, Eneida defende que alguns casos de autismo têm origem numa resposta errada do sistema imunológico a determinados tipos de vírus e bactérias. Depois de usar medicamentos imuno-supressores em crianças que apresentaram quadros de autismo após infecções bacterianas, ela diz que conseguiu em alguns casos reverter os sintomas.

• **Intoxicação química e ambiental:** Na cidade de Leomenster, em Massachusetts, Estados Unidos, foi encontrada uma incidência maior de autismo num local onde já esteve instalada uma fábrica de lentes para óculos de sol. O interessante é que a proporção mais alta de casos de autismo estava nas casas situadas exatamente na direção da fumaça trazida pelo vento das chaminés da fábrica. A hipótese é considerada em vários estudos sobre a incidência de autismo.

Luz amarela

Preste atenção no comportamento da criança desde pequena. Quanto mais cedo o autismo for detectado, maiores serão as chances de tratamento

Até 1 ano de idade

- A criança não reage às expressões faciais de seus interlocutores, nem dirige o olhar para o rosto da mãe
- Tem aversão ao toque e não se aninha no colo de ninguém
- Não estabelece comunicação com quem cuida dela
- Não reage ao próprio nome quando chamada

A partir de 1 ano

- Tem mais interesse por objetos do que por pessoas
- Não divide a sua atenção entre mais de uma situação, nem responde aos estímulos do ambiente
- Tem dificuldade para fixar o olhar
- Não aponta para lugares ou objetos para demonstrar interesse
- Verbalizações pobres, pouco ou nada comunicativas
- Jeito de brincar repetitivo

Memórias de uma menina estranha

Excertos da autobiografia da americana Temple Grandin, uma autista com PhD em Psicologia

• **Olhar distante** – “Minha voz era inexpressiva, com pouca inflexão e nenhum ritmo. Isso já bastava para me marcar como uma pessoa diferente. Os olhos esquivos – tão característicos de muitas crianças autistas – eram outro sintoma do meu problema. Além da dificuldade de falar e da inflexão da voz, eu já era adulta quando consegui pela primeira vez olhar alguém nos olhos.”

• **Padrões repetitivos** – “Outra de minhas fixações mais incômodas era ficar repetindo a mesma pergunta o tempo todo. Eu esperava, com prazer, obter a mesma resposta – vezes sem conta. Girar como um pião era outra atividade que eu apreciava. Eu gostava de girar sentada no chão. Toda a sala girava comigo. Esse comportamento auto-estimulante me fazia sentir poderosa, com controle sobre as coisas. Eu sei bem que as crianças que não são autistas também gostam de girar nos balanços. A diferença é que a criança autista fica obcecada com esse ato de girar.”

• **Surdez aparente** – “Quando era criança, lembro de minha mãe dizendo sempre: ‘Temple, está me ouvindo? Olhe para mim’. Às vezes eu tentava, mas não conseguia. E nenhum som se intrometia na minha fixação. Era como se eu fosse surda. Nem mesmo um barulho forte e repentino conseguia me assustar ou fazer-me sair do meu mundo.”

• **Desinteresse por pessoas** – “Eu me interessava pouco pelas outras crianças, preferindo meu mundo interior. Era capaz de ficar sentada horas a fio na praia deixando a areia escorrer por entre meus dedos e construindo morros em miniatura.”

• **Mente visual** – “Minha mente é totalmente visual e tenho muita facilidade para tarefas de natureza espacial, como desenhar. Consigo fazer a imagem girar e deslocar em minha mente como se fosse um filme. Não consigo conceber outra forma de raciocínio que não seja visual.”

Anexo II



Ciência

Autismo – ilhados em seu próprio mundo

A medicina dá os primeiros passos para desvendar a origem da misteriosa condição, que atinge uma em cada mil pessoas

Por [Da Redação](#)

Publicado em 19 maio 2012, 22h00

Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/autismo-ilhados-em-seu-proprio-mundo/>

Willian Vieira

Quando o menino Russell nasceu, parecia perfeitamente “normal”. Só que seus olhos, de um profundo azul, logo diriam tudo. Ele não fixava o olhar em ninguém, nem na mãe, nem no pai. Um ano, e ele mal falava. Na escola, não brincava com ninguém e, se brincava, não conseguia entender os joguinhos. Não tinha amigos, pois não se interessava por ninguém. Vivia fechado em seu mundo particular. Alguém diria que era insensível, que vivia no “mundo da lua”. Pois tudo o que fazia era ficar num canto, empilhando objetos, repetindo frases, sozinho.

Russell é autista – um mistério da mente que, apesar de uma prevalência maior que a da síndrome de Down, é ainda pouco compreendido. Para começar, não é um transtorno, mas um grande espectro de diferentes transtornos de causas desconhecidas, que se convergem em 3 traços fundamentais em comum. Primeiro, o autista não vê as pessoas como indivíduos, mas como objetos. E, sem empatia, vive em um mundo só seu. Segundo, tem grave dificuldade de comunicação e, portanto, é incapaz de demonstrar o que quer ou sente. E, terceiro, é preso à rotina. Ele repete comportamentos obsessivos por muito tempo, seja falar a mesma frase várias vezes sem contexto, seja organizar objetos a esmo.

Agora, como esses aspectos interferem na vida da pessoa, em que grau e associado a quais atitudes varia muito. Há os casos mais graves, quando há um retardo mental sério e a criança não aprende a falar praticamente nada. Nem sequer os pais ela consegue reconhecer. São as imagens que se veem na televisão de crianças girando em torno de si mesmas durante horas, completamente isoladas em seu mundo. Já em outros casos, a criança fala, pode até ficar repetindo uma frase que ouviu do vizinho ou viu na TV, mas não consegue se comunicar. Entende enunciados simples, mas não interpreta nada além, muito menos figuras de linguagem, como metáforas.

O termo autismo surgiria em 1912 – então, considerado apenas uma “alienação” em pacientes com esquizofrenia. Só em 1943 o austríaco Leo Kanner falou de autismo como um transtorno propriamente dito. Na época, achava-se que a causa era o ambiente em que a criança era criada. A culpa era dos pais. Hoje se acredita que a síndrome é causada por uma constelação de fatores diferentes, que não incluem influências psicológicas. Mas, finalmente, a ciência começa a encontrar padrões de variação genética comum entre autistas. Em um estudo publicado em 2010 na revista científica Nature, foi identificada em autistas uma prevalência 20% maior de uma anomalia rara em que se duplicam ou apagam certos genes – especialmente os relacionados ao desenvolvimento da criança.

Essas pequenas pistas estão muito distantes de uma eventual cura. Mas isso não quer dizer que nada possa ser feito. Quando o diagnóstico é precoce, a criança pode ser tratada com ajuda da terapia familiar e desenvolver certas aptidões, como socializar-se um pouco mais e

melhorar a linguagem. Terapia comportamental, que reforça comportamentos positivos com prêmios, pode ensiná-lo a mostrar o que quer. E remédios também atenuam alguns sintomas. Embora não haja medicamentos específicos para o autismo, eles atenuam sintomas como agressividade e depressão.

Para saber mais

Um Antropólogo em Marte

Oliver Sacks, Companhia das Letras, 1995.

The Genesis of Artistic Creativity

Michael Fitzgerald, Jessica Kingsley, 2005.

www.autismo.org.br

Associação Brasileira de Autismo.

Síndrome do gênio isolado

Ele era um gênio. Aos 5 anos de idade, já havia composto uma importante peça musical. Mas tinha um comportamento difícil. Não se relacionava com os outros; na verdade os ignorava. Cresceu sem amigos, seu casamento afundou rapidinho e o que sobrou de sua vida foi o que tinha de indiscutivelmente único: a genialidade musical. Essa é a história de Mozart, mas poderia ilustrar a vida de outros portadores de um tipo moderado de autismo, o transtorno (ou síndrome) de Asperger.

Em *The Genesis of Artistic Creativity* (“A Gênese da Criatividade Artística”, sem tradução brasileira), o psiquiatra Michael Fitzgerald analisou a vida de 21 gênios das artes e concluiu: parte dos problemas que tiveram era decorrente dessa condição – assim como a sua genialidade. Ou seja, Mozart, Andy Warhol, Franz Kafka e George Orwell eram gênios autistas.

Portadores do transtorno de Asperger têm a mesma dificuldade para socializar, criar relações afetivas, comunicar-se, além da propensão a comportamentos repetitivos e solitários. Mas há uma diferença brutal em relação a outros autistas. Seu QI é acima da média. Às vezes, muito acima. Tanto que diferenciar um superdotado de um portador de Asperger na infância é quase impossível.

A razão para sua vantagem está em seu próprio problema. Como o mundo externo não importa, quem tem transtorno de Asperger consegue se focar mais em um único interesse: música, ciência, literatura. Como não consegue se comunicar verbalmente, volta-se para o estudo. O mesmo comportamento obsessivo de alinhar objetos e buscar semelhanças em coisas aleatórias os torna cientistas natos.

Daí os casos como o do economista Vernon Smith, que, ao ganhar o prêmio Nobel, atribuiu o prêmio ao autismo. Afinal, podia “desligar-se do mundo” quando quisesse e se concentrar só no estudo. Foi assim que Asperger virou pop.

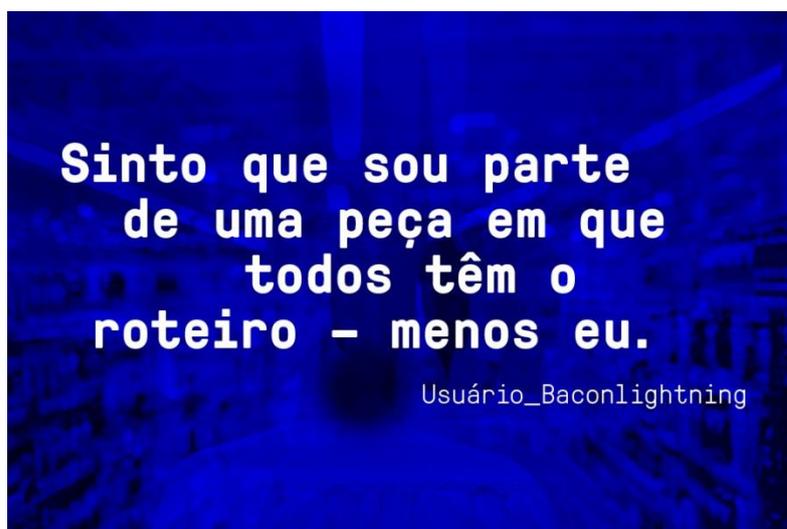
Saúde**6 autistas contam como é ter autismo – usando o Reddit**

Na internet, onde as dificuldades de comunicação não atrapalham tanto, eles foram provocados a expressar como é lidar com o espectro autista no dia a dia

Por [Ana Carolina Leonardi](#)

Publicado em 3 fev 2017, 18h34

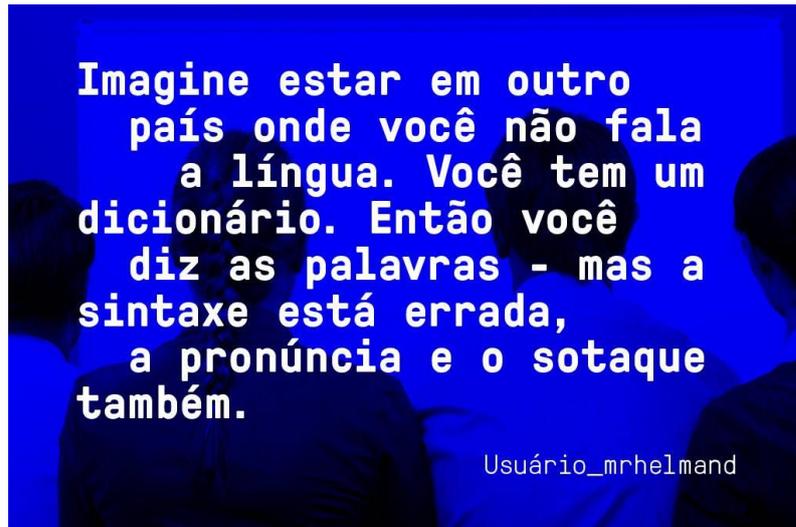
Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/6-autistas-contam-como-e-ter-autismo-usando-o-reddit/>



Como é ser autista? Essa pode ser uma pergunta especialmente difícil de responder. Em primeiro lugar, porque um dos sintomas mais marcantes do autismo é a dificuldade na comunicação. Além disso, o autismo não é uma doença propriamente dita e sim um espectro de distúrbios, de diferentes intensidades e características.

Mas [na rede social Reddit](#), usuários autistas tentaram colocar em palavras como é viver dentro desse espectro – e deram respostas bem interessantes.

A maioria das mensagens vêm de pessoas com [Síndrome de Asperger](#), ou aspies, como elas mesmas se apelidaram. É uma forma mais leve de autismo, em que as pessoas podem ser “altamente funcionais”, ou seja, estudar, trabalhar e ter relacionamentos como qualquer outra pessoa.



É claro que, mesmo nesses casos, os autistas do Reddit relataram uma série de dificuldades. Isso porque se comunicar com as outras pessoas não é fácil – uma mesma frase pode ter vários significados diferentes dependendo do tom de voz e da linguagem corporal usada. E, segundo o pessoal dos fóruns, não se confundir nesses detalhes é um dos maiores desafios para quem está dentro do espectro autista.

Mas muitos deles também criaram mecanismos para se adaptar. Um dos relatos mais bem humorados é do usuário *not-the-NSA* (que além de tudo, tem um belo *username*). Ele lida com situações sociais com “checklists mentais”:



Numa balada, por exemplo, ele descreve sua checklist da seguinte forma:

Segurança legal – fazer piada, não se assustar com soquinho amigável no ombro.

Segurança babaca – mostrar identidade, não ficar lá parado

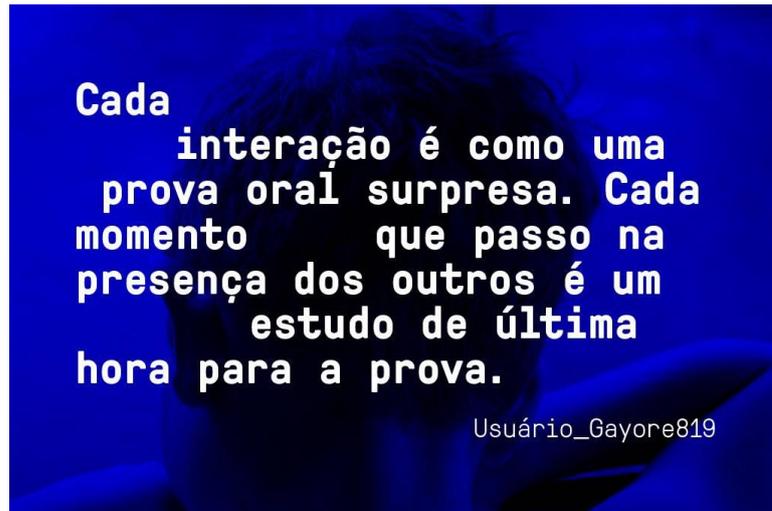
Bar vazio – puxar papo com o bartender, pedir a bebida

Bar cheio – só fazer o pedido

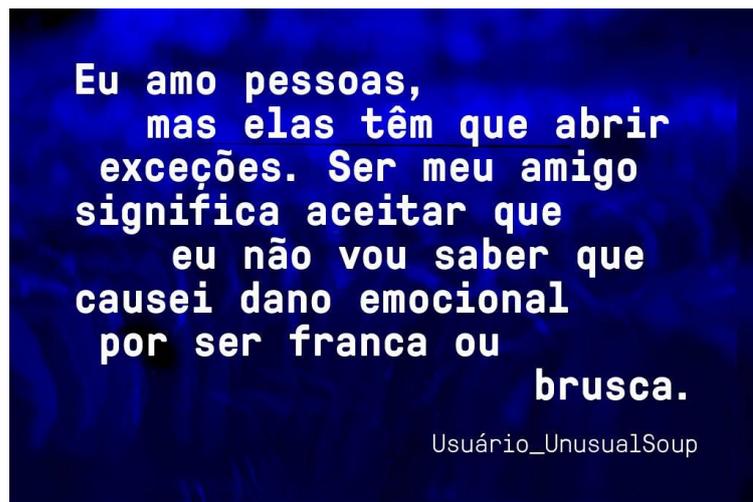
Mulheres animadas conversando – não interromper

Mulher entediada/sorrindo para ele – puxar conversa

Tudo isso, ele explica, são protocolos sociais que ele repete mentalmente de forma quase robótica, nem um pouco natural.

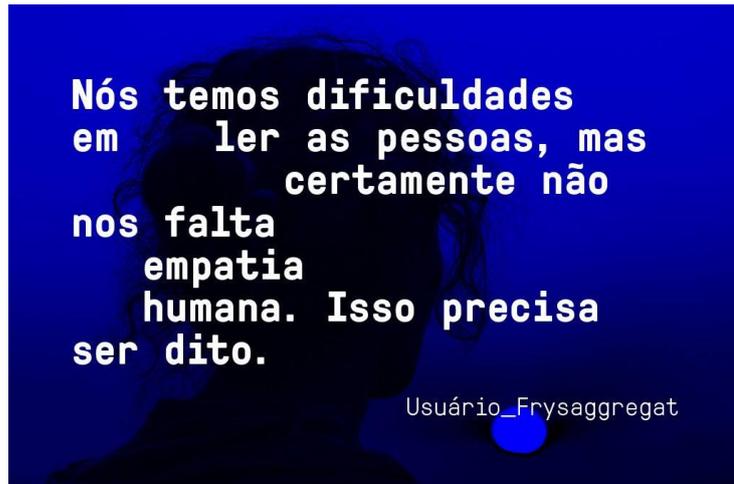


Em algumas situações, é claro, não dá tempo de planejar tudo isso. E aí vem a sensação relatada por *Gayore819*, de estar sendo avaliado em uma prova para a qual você não estudou. O que não quer dizer que todo autista prefere o isolamento. Pelo contrário: muitas das mensagens manifestavam solidão e vontade de estar em grupo, fazendo amigos.



A *UnusualSoup*, uma das poucas mulheres a se pronunciar sobre o distúrbio, que atinge os homens com mais frequência, explicou que seus amigos precisam estar dispostos a lidar com alguns hábitos diferentes. “Ser meu amigo significa entender que eu não posso *te encontrar* no shopping, você precisa passar em casa e ir comigo”.

Ela também menciona que é difícil lidar com perguntas como “Essa roupa fica boa em mim?”. A resposta mais comum das pessoas sem autismo é uma mentirinha para agradar. Aí, a sinceridade direta do autista pode machucar sem intenção.



Outro ponto levantado pelos usuários é que falta de empatia não é uma característica de todos os autistas, como se costuma dizer. Alguns deles, de fato, têm dificuldade de se colocar no lugar do outro e entender o sentimento alheio. Mas outros dizem que sentem empatia extrema, muito acima do normal. A usuária *tinned_peaches* tem um filho autista que parou de assistir filmes. Quando algo ruim, mesmo que fictício, acontece, ele fica tão triste que se estressa. Nem *Peppa Pig* se salva: o irmão mais novo da porquinha, George, chora bastante – e o sofrimento dele é quase insuportável para a criança.

Em certo ponto da discussão, o jogo virou. Os autistas perguntaram aos usuários do Reddit: como é *não ser* autista? Alguns tentaram explicar que conseguem intuir a forma de deixar a outra pessoa confortável ou interessada na conversa, sem esforço. A resposta não fez sentido nenhum para *Pridelage*, um usuário com autismo: “É como se você estivesse dizendo que come sua casa de café da manhã e veste a construção para ir ao trabalho”.

Alguns deles também destacaram a importância da internet para lidar com essas dificuldades. Enquanto muita gente vê a interação pelas redes sociais como artificial ou distante, para alguns autistas é o paraíso. Com tempo para escrever, apagar e editar, eles se sentem confortáveis para traduzir o que se passa no mundo deles – e todo mundo ganha com isso.